THESOURO DE MENINOS.

OBRA CLASSICA

DIVIDIDA EM TRES PARTES,

MORAL, VIRTUDE, CIVILIDADE.

COMPOSTA EM FRANCEZ

POR

PEDRO BLANCHARD,

VERTIDA EM PORTUGUEZ,

E OFFERECIDA

Á MOCIDADE PORTUGUEZA,

E

BRASILEIRA.

POR

Mattheus José da Costa.

SEXTA EDIÇÃO, EMENDADA, ORNADA COM 16 ESTAMPAS, E ENRIQUECIDA DE EXTRACTOS DE POESIA PARA FACILITAR A LEITURA DOS VERSOS, DE NOÇÕES PRELIMINARES DE ARITHMETICA OU AS QUATRO OPERAÇÕES, DE UM COMPENDIO DE HISTORIA SAGRADA, DE BREVES NOÇÕES DE GEOGRAPHIA, E DA TABELLA DOS REIS DE PORTUGAL.

LISBOA:

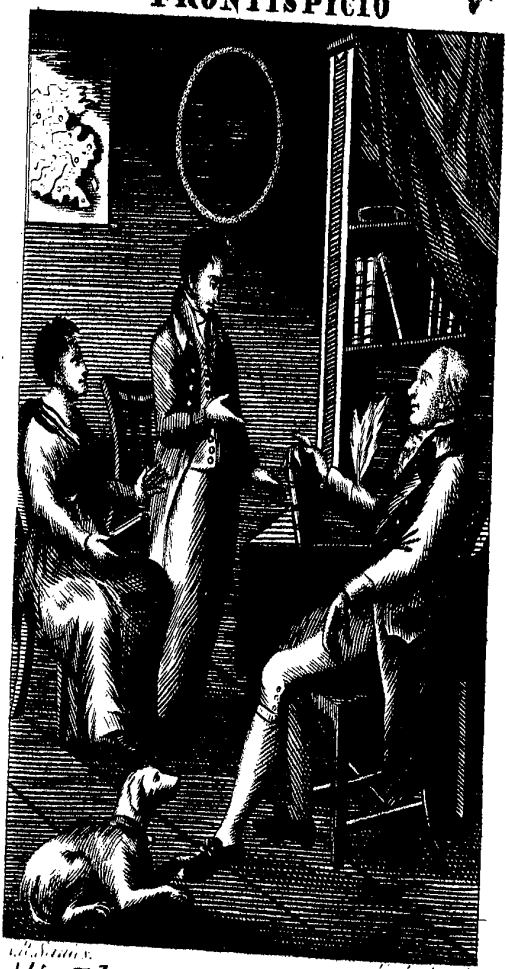
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA,

RUA DA VINHA N.º 38 (AO BAIRRO ALTO).

1851.

Vende-se na loja de Borel Borel & C.ª aos Martyres n.º 14.

FRONTISPICIO



Abôa Educaçaõ sustenta a Magestade da Religiaõ ea Prosperidade do Throno.

DEDICATORIA.

Quando pela primeira vez demos á luz a impressão d'este trabalho, tivemos em vista uma obra util para a educação da Mocidade, tanto Portugueza como Brasileira: e logo previmos que esta obra havia de ter boa acceitação do publico, por conter doutrinas gravadas no coração dos homens pela Natureza, e pela Razão, a que elles não podem resistir; e porque o methodo, ou ar de expôr estas doutrinas é muito ac-

MICROFILMADO

S.A.
10.7.98
L.D.
3435
BIBLIOTECA

commodado á volubilidade espirituosa de ambas as Nações.

Tivemos a ventura de nos não enganar, e de ver adoptar, e receber este Livro em quasi todos os Collegios de Educação, de sorte que já se consumírão cinco edições; e é isto uma honra para os nossos costumes, que apezar da desenvoltura do seculo ainda se préza, e ama a Moral, a Virtude, e a Civilidade; ou antes esta parte da Educação da Moci-

reunir quanto deve entrar no comportamento do homem para com os seus semelhantes; quero dizer, os principios da *Moral*, da *Virtude*, e da *Civilidade*. Bem sei que já temos muitos livros sobre estes tres objectos; mas não conheço um só que os comprehenda todos, e que mostre as relações essenciaes, que existem entre elles: o meu trabalho por tanto, a este respeito, é inteiramente novo, e offerece um fim mais util.

Nas muitas obras que tractão da *Moral*, e que são destinadas para a instrucção da Mocidade, apenas se encontrão algumas, que offereção uma ordem methodica. Todavia esta ordem é essencial para melhor classificar no cérebro dos tenros leitores as idêas, que lhes queremos imprimir. Outro defeito que tambem acompanha estas obras é, que as cousas que pertencem á *Moral*, e as que pertencem á *Virtude*, quasi sempre vão confundidas; e não se encontra definição alguma a este respeito, do que resulta que o menino não distingue uma da outra, e ha

dade é tão essencial, e necessaria á Sociedade, que a mesma corrupção a respeita, e promove, e quer a sua doutrina.

Se este lugar o permittisse nós diriamos, que agradecidos á fortuna de ter acertado com um presente util do gosto das duas Nações, emprehendemos esta sexta edição; e não a deixámos passar sem lhe addicionar um pequeno tratado de Geographia geral, assim como outras noções pre-

liminares de Arithmetica, Historia sagrada, etc., que julgámos, não só ser de grande utilidade á Mocidade, mas muito analogas a fazer seguimento ao Thesouro, por serem dos primeiros estudos a que se deve dedicar a Mocidade depois de saber ler com perfeição, fazendo-a assim mais digna quanto em nós cabe de novamente a apresentarmos á Mocidade estudiosa de um e outro Paiz.

Borel Borel & C.ª

PREFACIO DO AUCTOR.

O Estudo dos nossos deveres é sem dúvida um estudo extremamente util, e que nem os Pais, nem os Mestres poderão desprezar, sem se constituirem réus de grave culpa. E' certo encontrarmos muitas pessoas honradas, e virtuosas, que não entrárão no trabalho de estudar o que é honra, nem o que é virtude: e é isto uma dessas providencias admiraveis do Ente Soberano, que de tal modo dispôz as cousas, que por mais ignorantes que sejâmos, nunca o somos tanto que não possâmos distinguir o bem do mal: entre duas pessoas porém, igualmente bem in-

tencionadas; aquella que tiver reflectido mais sobre os seus deveres, que mais se tiver deixado penetrar da sua importancia, e que, finalmente, mais se tiver convencido do perigo de os não seguir, esta, digo, se inclinará mais decididamente a estes deveres, preenche-los-ha com mais exactidão, e gozará de uma duplicada satisfação tanto mais viva, quanto melhor conhecer toda a extensão do bem, que tem feito; esta unica razão sería bastante para provar a importancia deste estudo. Nunca é cedo para o fazer começar aos meninos: logo que seu espirito se sinta com bastante força para avaliar as suas acções, é preciso dirigir-lhas para o bem pelas luzes da propria razão. Intentar isto antes desta época sería desgostá-los com perda certa; guardar para mais tarde, é correr risco de achar o lugar occupado por algum máu principio, ou alguma inclinação viciosa: a empreza viria então a ser mais difficil, e por isso menos fructuosa.

Direi poucas palavras sobre a intenção desta obra, na qual procurei

muitas pessoas, aliás instruidas, que se servem indifferentemente destas duas palavras, por não tomarem o trabalho de notar, qual é sua verdadeira significação, nem distinguir as acções, que ellas exprimem. Eu creio haver estabelecido o limite, que as deve separar, e feito perceber a differença que ha entre *Homem Honrado* e *Homem Virtuoso*.

As pessoas acostumadas a reflectir, são as unicas que podem avaliar quanto me terá custado a accommodar certos pensamentos metaphysicos á capacidade dos meninos. Comtudo, ainda não sei se o tenho conseguido como é necessario; posso porém dizer que fiz todos os esforços possiveis. Tudo o que não se apresenta immediatamente aos sentidos, é quasi sempre inintelligivel para os meninos, por esta razão é que eu tenho empregado tantas comparações, e supposições, e recorrido a exemplos, todas as vezes que o pude fazer. Igualmente não tive receio em seguir um estylo rasteiro, e frôxo, quando me vi obrigado a usá-lo para melhor

me fazer entender. Nesta sorte de obras, o bom não é escrever com precisão, e energia; mas escrever de modo que nada fique mal estabelecido no espirito dos meninos. Nunca ninguem se explica demasiadamente nestas occasiões; e uma redundancia, que offende o ouvido delicado, não é defeito, quando serve para sustentar a attenção do menino sobre o objecto principal da sua lição.

Concluo pois confessando que me servi, para a terceira parte desta obra, de um pequeno livro intitulado *Civilidade pueril*. Delle tirei quanto me pareceu bom, e conveniente aos nossos costumes actuaes. Neste caso eu penso como o bom, e sabio *Rollin*. Pouco importa saber d'onde nos veiu o que é util, com tanto que fructifique. Resta-me sómente fazer um voto, já por mim repetido na frente de outras obras que tenho publicado para a educação; e é, que este fructo do meu trabalho, e das minhas vigilias contribua para a instrucção e felicidade de alguns Entes. Se algum tempo

um homem, hoje menino, me disser: Eu te sou devedor de algumas virtudes, será então que eu me darei por plenamente satisfeito dos trabalhos, de que me tenho encarregado.

THESOURO DE MENINOS.

PRIMEIRA CONVERSAÇÃO.

INTRODUCÇÃO.

Da Sociedade.

Meus filhos, com todo o prazer vos vejo bastantemente crescidos, disse um dia um bom pai de familias a seu filho, de idade de doze annos, e a sua filha que tocava já os onze: é tempo que ambos conheçais, como devem conduzir-se na Sociedade as pessoas, que querem viver com honra.

Ah! meu querido Pai, diz o filho, (a quem chamaremos *Paulino)* muito bem sabeis quanto gostâmos de nos instruir, principalmente querendo vós ser o mestre. Ensinai-nos, sim, ensinai-nos a ser bons, e amados de todos, assim como vós o sois; e este será o melhor Patrimonio, que receberemos da vossa mão.

Por principio da nossa instrucção, rogo-vos, meu querido Pai, disse *Felicia*, que queirais explicar-nos o que se entende por Sociedade.

O Pai de Familias.

A tua pergunta me enche de gosto, minha filha; pois me dá a conhecer quanto é grande o desejo, que tens de te instruir. Sabe pois:

Que esta palavra *Sociedade* tomada no sentido, que lhe convem, quer dizer reunião de homens, que vivem entre si debaixo das mesmas leis. Uma comparação, ou antes uma supposição, fará com que melhor possaes ambos comprehender o que vos quero explicar.

Imaginai, por um momento, que os homens deixão de viver unidos pelos laços da Sociedade: desde logo elles se espalhão á sua vontade por toda a terra como os animaes; passão ao lado uns dos outros, como os ursos passão ao lado dos outros ursos, sem se fallarem, sem nem mesmo olharem uns para os outros, ou, se se encontrão, é só para se despe-

daçarem. Ah! quanto miseravel é neste estado o genero humano! O homem, reduzido unicamente a si, não lhe resta mais do que as suas proprias forças para se conservar; não podendo só edificar uma casa para se recolher, fica na precisão de contentar-se com uma caverna na terra, ou com o concavo de alguma arvore velha. Sem industria, sem emulação, não tendo nem quem lhe fie, nem quem lhe teça a lã dos gados, uma pelle de animal é o seu unico vestido: o seu sustento depende da fortuna das suas caçadas, e dos fructos da terra, sempre constrangido a colhê-los antes de maduros, com medo que outro venha roubar-lhos: se, quando faminto corre para matar algum animal, a sua preza tenta a cobiça de outro desgraçado da sua especie, então se levanta um combate entre os dous sobre a quem ella pertence, porque ambos ignorão o que é justiça, e porque não tem que temer o castigo de alguma lei. O mais forte, neste caso, é o mais feliz; e o homem, temen-

do sempre ser fraco, treme só com a vista do seu semelhante, mais terrivel para elle que os animaes ferozes. Tal sería o genero humano, se os laços da Sociedade se rompessem.

Paulino.

Oh! Meu Deus! Acaso os povos, que os viajantes chamão selvagens, vivem reduzidos a um estado tão desgraçado?

O Pai de Familias.

Não, meu filho, este estado de que te fallo só convém aos brutos; o homem foi destinado para fins mais nobres: o seu caracter o leva sempre a buscar o seu semelhante, e as suas precisões o obrigão a fazê-lo assim. Os povos, que os viajantes nos descrevem como selvagens, não são outra cousa mais do que homens grosseiros, que ignorão as artes, e os encantos da civilisação; mas que conhecem as primeiras, e principaes vantagens da Sociedade: elles tem leis, ou, para melhor dizer, costumes, que lhes servem de leis, e por

elles os seus direitos ficão seguros, e mutuamente respeitados.

Felicia.

Creio, meu Pai, que comprehendo bem agora que cousa seja Sociedade; Sociedade quer dizer, o estado, no qual os homens se tem reunido para se sustentarem mutuamente, e vedar que os máus fação o mal impunemente.

O Pai de Familias.

Effectivamente é essa a base de toda a Sociedade. Os homens assim reunidos ficárão mais fortes, e forão mais felizes. Estimulados ou pela precisão, ou pela emulação, cada um delles foi inventor de alguma cousa util; buscou um estado de vida, que exerceu em vantagem da Sociedade, e recebeu em troco do seu trabalho o que lhe era necessario, e que vinha das mãos dos outros.

Paulino.

Ah! agora entendo eu o que nos quereis dizer, e é: que os homens

na Sociedade, um foi lavrador, outro pedreiro, outro alfaiate, etc.; e que o lavrador pagou com trigo a casa, que lhe fez o pedreiro, ou o vestido, que lhe fez o alfaiate, etc. Não é assim meu Pai? Eu já tenho lido na historia de muitos povos semi-selvagens, que só fazião assim o seu commercio por troca; e só depois de mais civilisados é que os homens imaginárão as moedas de ouro, prata, ou qualquer outro metal, para representarem a casa, o vestido, ou o trigo.

O Pai de Familias.

Vejo que comprehendeis tudo perfeitamente. Agora observai quaes são as bases moraes deste edificio, e ficareis sabendo como cada um se deve conduzir para ser homem honrado. Estas bases moraes são: *Não faças a outro o que não queres que te façáo*; *e faze aos outros o que quererias que te fizessem.* Por este modo, o selvagem achando máu, e injusto que o lancem fóra da sua choupana, e lhe roubem a sua presa,

se abstem de commetter esta mesma injustiça com o seu semelhante, para ser respeitado na sua propriedade; eis-aqui quanto basta para a primeira base; este é o fundamento de todas as leis. O mesmo selvagem, observando que lhe não dão uma cousa que lhe é util, senão quando apresenta outra igualmente util, trabalha quanto póde para gosar da industria alheia; e assim elle presta os seus soccorros ao seu semelhante para haver o direito de exigir outros iguaes no tempo das suas precisões: eis-aqui o que fórma a segunda base, é o principio do commercio, ou da troca das cousas necessarias á vida entre os homens; tal é a fonte das vantagens, e dos prazeres da Sociedade.

Lembrai-vos, e trazei sempre presentes na vossa idéa estes dous principios, meus filhos: é por elles que se julga de todas as acções humanas.

Paulino.

Parece-me, meu Pai, que tudo isso quer dizer que, para satisfazer-

mos os nossos deveres, cumpre primeiro abster-nos de nos apossar do bem alheio, de lhe causar alguma pena, ou dôr, e depois fazer aos outros o mesmo bem, que elles nos tem feito.

O Pai de Familias.

E' isso mesmo, meu filho. Toda a *Moral* por tanto consiste em não fazer o mal, e em retribuir o bem que se nos fez: eis-aqui o que constitue o *Homem Honrado.*

Mas ainda não basta não fazer o mal, e retribuir o bem, que se nos fez; é necessario tambem saber fazer sacrificios generosos; quero dizer, fazer sacrificios sem esperança de ser jámais recompensado com outros semelhantes sacrificios. Eis-aqui então a *Virtude*; isto é, o animo de ser util aos seus semelhantes *gratuitamente*, e mesmo até contra o proprio interesse. Deste modo, quando um homem está a ponto de morrer em um incendio, ou na torrente de um rio, para o salvar é necessario expôr a nossa vida, lançan-

do-nos ao meio do perigo, posto que quasi certos de que este desgraçado nunca nos fará o mesmo serviço: outro nosso semelhante está em indigencia, temos pouco, mas este mesmo pouco nós o dividimos com elle para o soccorrer: adoptâmos um orfão; defendemos com zelo intrepido a innocencia opprimida; finalmente preferimos a felicidade do nosso proximo á nossa propria felicidade: eis-aqui o que constitue o *Homem Virtuoso.*

Paulino.

Seguindo rigorosamente, em todas as nossas acções, os dous principios da *Moral*, abster-nos de fazer o mal, e retribuir o bem, e ajuntando-lhes, cada vez que a occasião se offerecer, os sacrificios generosos, a que a *Virtude* nos obriga, ficão assim desempenhados todos os deveres do homem?

O Pai de Familias.

Sim, meu filho, porque estes principios se estendem a todas as cir-

cumstancias da vida, como te direi logo. Comtudo ainda restão alguns pequenos deveres que satisfazer.

Paulino.

E quaes são esses deveres?

O Pai de Familias.

São os deveres da *Civilidade.*

Felicia.

Ah! meu querido pai, explicai-nos isso por uma dessas comparações, com que nos fazeis entender tão facilmente quanto nos quereis ensinar.

O Pai de Familias.

Escutai pois. Supponde, meus bons filhos, um homem que desempenha á risca todos os deveres da *Moral*, e da *Virtude*, sem lhes ajuntar os da *Civilidade*; este homem respeita os direitos dos seus semelhantes, honra a seus pais, serve-lhes de amparo, abriga o seu proximo, sacrifica-se por todo o mundo, e rende a Deus as homenagens, de

que é capaz a fraca humanidade; é um ente digno do respeito dos homens, e das recompensas do Céu: feliz, mil vezes feliz o que se parece com elle! Por que razão não se adornará elle com um pouco dessa polidez, que augmenta a amabilidade da *Virtude*? Parece-me logo um diamante de grande preço, preparado por um máu lapidario, que não soube trabalha-lo. Eu sinto tambem uma certa pena em lhe vêr fazer o bem sem modo; desgosta-me que algumas pessoas se queixem de que elle entra em uma companhia sem a cumprimentar; que se assenta no primeiro lugar que encontra; que anda n'um desaceio, que mette nojo; que em fim dá indicios de não respeitar quanto deve aos outros, ao mesmo tempo que está prompto a morrer por elles, se a sua vida lhes é necessaria. O que lhe resta a fazer é o menos; mas eu rogo com todas as veras a que não despreze este menos. E' sem dúvida que a *Civilidade* nada accrescenta á *Virtude* real; e importa bem pouco que

eu tire, ou não, o meu chapéu, que me assente deste, ou de outro modo: todavia estas attenções sempre indicão respeito aos meus semelhantes, e lhes causão certo prazer; é quanto basta para me obrigar a ser Civil, conforme o uso o exige. O aceio nos meus vestidos, e nas minhas acções, poupa aos que estão junto de mim sensações desagradaveis: este aceio torna-se então em *Virtude*, porque é um bem para os outros. O soccorro obsequioso, que eu dei ao desgraçado, une-o comigo, e o põe mais á sua vontade: por quanto não deveis acreditar, meus filhos, que a polidez só se deve exercer com os nossos Superiores, ou iguaes; um bom coração tem igual prazer em usar das mesmas attenções com aquelles, a quem a fortuna deixou seus inferiores: por este meio elle faz com que se estimem em mais, e remedeia, de alguma sorte, a cegueira da fortuna a seu respeito. Finalmente, a *Civilidade* faz mais agradavel, e mais franco o commercio dos homens entre si; el-

la não toma o lugar de alguma virtude, mas ha occasiões em que as faz suppôr: pelo menos ella obriga os homens viciosos a esconderem aos olhos do público a fealdade das suas acções, e aos nossos ouvidos a indecencia dos seus pensamentos. Isto é bastante; e não devemos procurar desprender-nos das ligeiras cadeias, em que ella nos retem.

Eis-aqui, meus queridos filhos, os tres pontos principaes, que farão todo o objecto das nossas Conversações.

A *Moral*, ou a necessidade em que estamos de não fazer o mal, e de retribuir a outrem o bem, que nos tiver feito.

A *Virtude*, ou o valor para fazer o bem gratuitamente, e ainda mesmo contra o nosso proprio interesse.

A *Civilidade*, ou as fórmas exteriores do homem na Sociedade.

PRIMEIRA PARTE.

DA MORAL.

SEGUNDA CONVERSAÇÃO.

DEVERES PARA COM DEUS.

O Pai de Familias.

Primeiro que tudo fallemos ácerca dos deveres moraes do homem. Qual é, meus filhos, o que deve ser desempenhado com preferencia a todos os outros?

Felicia.

Oh! não tem dúvida, meu bom Pai, o nosso primeiro dever é amarmos, e respeitarmos a nossos pais; e, quando houver um pai tão bom como o nosso, este dever é o mais gostoso de todos os prazeres.

O Pai de Familias.

E tu, Paulino, qual é teu pensamento?

Paulino.

Terei eu outro que não seja o de minha irmã? Não é de nossos pais que nós recebemos os primeiros beneficios? Não é delles que recebemos as primeiras caricias?

O Pai de Familias.

Meus filhos, ainda que seja para mim extremamente agradavel o vosso amor, comtudo não é meu o primeiro lugar do vosso coração. Verdade é, que eu sou vosso pai; tendes porém outro, que é o pai de todas as creaturas; é Deus, que não só nos deu a vida, mas que tambem no-la sustenta pela sua beneficencia quotidiana. Tudo vem delle, e a elle é que tudo se deve dirigir. Oxalá que os vossos corações, que elle animou, se elevem continuamente para elle! Não ha maior ingratidão como a de usar do beneficio sem reconhecer o bemfeitor. Ah! meus queridos filhos, se quereis ser per-

feitamente felizes, nunca separeis de vós o reconhecimento: é elle o suspiro da alma, que busca sempre o Céu. Sim, nunca estas palavras deixem de sahir da vossa bôca: *O' meu Deus! Vós nos tendes enchido com as vossas graças, sêde mil vezes bemdito!* Este suspiro, estas palavras tornão mais doce o gozo das bondades do Creador; por ellas quasi temos a certeza de haver adquirido alguns direitos a recebê-las.

Felicia.

Não ha cousa mais certa. Quando eu vou rezar de boa vontade, sempre fico persuadida que sou filha da propria Divindade.

O Pai de Familias.

E julgas-te então mais feliz do que nos outros instantes da tua vida; não é assim minha filha?

Felicia.

E' certamente: e nesses instantes eu me creio capaz de fazer todo o bem, que está em meu poder.

O Pai de Familias.

Venturosos effeitos de uma piedade sincera! O' meus bons amigos, não vos esqueçais nunca que é de Deus, de quem tendes recebido tudo, e que é tambem delle que recebereis no outro mundo a recompensa, ou o castigo das acções, que tiverdes feito neste.

Para regra principal da vossa vida, não deixeis passar nunca um só dia sem dirigir as vossas orações ao Creador do Universo. E' summa gloria para nós, que somos tão pouca cousa, termos o direito de elevar a voz para aquelle, que está superior a tudo: isto mesmo nos deve servir de novo motivo para o nosso reconhecimento.

Cada dia, de que gozais, é um grande beneficio; logo que acordardes, não deixeis de render acções de graças; tal deve ser o vosso primeiro pensamento. A' noite, sejão os vossos ultimos momentos igualmente empregados em louvar a Divindade, e depois gozareis de uma tran-

quillidade mais verdadeira, porque tereis preenchido um dever sagrado. Deus não tem precisão das vossas orações, sois vós porém que tendes precisão de orar; e posso certificar-vos que em tanto que orardes com um affecto bem vivo, e não por um habito vão, achareis todos os deveres da humanidade mais faceis, e mais agradaveis a desempenhar. *Est.* 1.

Naõ deixeis passar hum só dia sem dirigir as vossas preces ao Creador do Universo; e adoralle nas suas obras.

TERCEIRA CONVERSAÇÃO.

DOS DEVERES PARA COM OS NOSSOS PAI, E MÃI.

Felicia.

Depois de Deus, nossos pais tem o primeiro lugar certamente no nosso coração. Desta vez estou muito segura que me não engano.

O Pai de Familias.

Não, minha filha, não te enganas.

Paulino.

Pelo que pertence aos deveres dos filhos para com seus pai, e mãi, todos os conhecemos muito bem: o nosso mesmo coração nos ensina isto, logo que chegâmos a estado de os satisfazer. Deixai-nos explicar estes deveres; e nos emendareis, se não dissermos bem.

Devemos amar nossos pai, e mãi, mais do que a nós mesmos: pois que nos devemos sacrificar por elles, se assim lhes fôr necessario. Não

sómente nos derão a vida; mas ainda vigiárão sobre a fraqueza da nossa primeira idade: Respectivamente para nós são sobre a terra o que Deus é no Céu para todos os homens: por isso os devemos respeitar como Divindades Protectoras.

Como só vivem para nossa felicidade, as suas ordens devem ser para nós sagradas; devemos crer sempre, que não é por gosto de exercitar sobre nós os seus direitos, que elles nos mandão, mas sómente para dirigir as nossas acções para o bem: deste modo murmurar contra a vontade de nossos pais é uma culpa, desobedecer-lhes um crime. A attenção, e o zelo que elles exigem que dêmos aos nossos estudos, não vem de um barbaro prazer de nos atormentarem; nasce sim do doce interesse, que lhes é natural de que nos façamos dignos de viver entre os homens. Por ventura não temos nós precisão de saber muitas cousas para nos conduzirmos com honra no mundo? E se os pais, ou os mestres não castigassem a preguiça dos me-

ninos, não ficarião estes para sempre ignorantes? E os ignorantes não são sempre despresados de todos? Não se vêm elles obrigados a cada instante a recorrer ás pessoas instruidas para os guiarem nas menores cousas? Que viria a ser do menino, pelo tempo adiante, que, não sendo rico, não o tivessem constrangido a seguir um estado de vida para subsistir? Um vadio, cuja herança sería a miseria, e que talvez se tornasse um velhaco, que acabaria por ser conduzido ao cadafalso. O guloso, a quem consentissem o seu vil habito, ganharia com elle indigestões, que abbreviarião os seus dias, e daria ao depois em bebado, e comilão, tornando-se um homem despresivel, que só cuidasse em comer, e beber, deixando-se arruinar com comidas. O menino colerico tornar-se-hia um furioso, e talvez um assassino; aquelle, a quem se não reprehendesse esconder os brincos dos outros meninos, iria adquirindo o habito de furtar. Os castigos applicados a tempo desarraigão estes

vicios nascentes; e é deste modo que a severidade beneficente de nossos pais, preservando-nos de semelhantes desgraças, nos torna activos, instruidos, e virtuosos. Ah! sim, Deus nos livre de jámais resistirmos á vontade daquelles, que nos derão a vida, e principalmente de maldizer a sua mão quando nos castiga.

Felicia.

Ah! meu querido Paulino! Tens dito tantas cousas boas, que te quero abraçar muitas vezes. Eu nunca vivi um instante sem amar a meu querido pai, e a minha querida mãi; confesso porém, vezes houve que acreditei injusto que me castigassem por algumas pequenas golodices, ou certas vontades de preguiça; mas tu, meu irmão, me tens allumiado. Bem conheço agora que és mais velho, pois que te mostras mais sabio. Queres tu deixar-me acabar o quadro do menino, que desempenha os seus deveres para com os auctores da sua vida?

O amor, e o respeito devem ser

as bases da conducta deste menino; todavia, se elle amasse sem jámais dar testemunhos do seu amor, se fosse respeitoso sem lhe ajuntar as formulas, que manifestão este respeito, faria nisto um grande mal; pois que tiraria a seus pais a doce satisfação de sentirem muitas vezes quanto são amados, e respeitados. O' meu muito amado pai, quando vimos abraçar-vos, a bondade, com que recebeis as nossas meiguices, me faz logo crer que ellas contribuem para a vossa felicidade! por isso me parece que um menino não deve limitar-se aos bons sentimentos, que se levantão no seu coração, mas sim que os deve manifestar. Todas as manhãs venha elle saber se seus pais gozão de boa saude; quando fôr recolher-se não o faça sem lhes vir dar as boas noites. Faltar a um dever tão ligeiro, é signal certo de uma indifferença tanto mais culpavel, quanto ella póde mais affligir um bom pai, ou uma terna mãi. Mas se seu pai o abençôa cada dia, como vós nos abençoais, fique elle no mais

profundo respeito, por quanto é a vontade do proprio Deus, que se exprime pela bôca dos pais virtuosos. (1) *Est.* 2.

(1) Algumas pessoas respeitaveis tem costume de abençoar seus filhos antes de os mandar deitar. Este costume, que eu tenho visto quasi geralmente estabelecido entre os camponezes Flamengos, e Hollandezes, deve ser recebido em todas as casas das pessoas de bem: o pai que, cada noite, faz chegar a si seus filhos, estende a mão sobre as suas cabeças, e ora um momento em silencio para que sejão honestos, e felizes, este pai não parece já um mortal ordinario; é antes aos olhos da sua familia o proprio agente da mesma Divindade, aquelle que tem direito de chamar do Céu o bem, ou o mal sobre seus filhos. Esta simples acção nunca póde ser indifferente: além de dar aos pais uma auctoridade mais sancta, ella inspira a virtude, e vem a ser como salva-guarda dos bons costumes: nenhum pai abençôa a seus filhos sem querer parecer respeitavel a seus olhos: quando não trazemos em nós a semente da depravação, nenhum filho recebe a bençao de seu pai sem desejar ser digno della. E acreditais vós que a lembrança deste religioso momento não venha a ser ao depois o prazer

O Pai de Familias.

Muito bem, meus filhos, muito bem! o que acabo de ouvir me transporta o coração de alegria: bem vejo que quereis que a minha velhice seja venturosa.

Mas até agora, meus bons amigos, só tendes fallado dos pais, que amão a sua familia, e marchão pelo caminho da justiça: desgraçadamente existem muitos, que não tem algum dos sentimentos mais naturaes, e cujos vicios, ou crimes, os vão pôr n'uma classe dedicada á infamia, e ao desprezo: que devem fazer então os filhos?

Paulino.

Muito lastimo eu esses filhos, se

---

mais delicioso? Este prazer não será esteril; elle fará amar o bem, e causará a vergonha do mal. Quanto este costume seria ainda um poderoso meio de educação no poder de um pai razoavel? *Meu filho*, diria elle, *hoje não te posso abençoar, porque faltaste aos teus deveres.* Semelhantes palavras sobre um coração bem formado farião a impressão do raio.

elles conhecem a sua desgraça: é bem triste o não poder respeitar seu pai!

O Pai de Familias.

Sem dúvida, meu Paulino, mas um filho bem nascido, mesmo gemendo sobre os defeitos de seus pais, e seguindo um caminho opposto, deve livrar-se de os desprezar; de outro modo commetterá um crime. Se não póde chamá-los á virtude pelos seus conselhos, deve principalmente, quanto lhe fôr possivel, encobrir os seus defeitos, e occultá-los aos olhos do público. Desprezo, e odio seja ao filho, que revela a vergonha de seu pai, ou de sua mãi! e maldição áquelle, que, esquecendo a voz da natureza, vai accusá-los diante dos homens. Nada, nada póde desligar-nos do respeito, que devemos aos auctores dos nossos dias. Sobre isto quero contar-vos a acção de um mancebo, que não duvidou cumprir o seu dever n'uma circumstancia, em que mil outros se deixarião suspender por uma vergonha crimi-

nosa. (Este facto é de 1787.) Os prezos da cadêa de Vienna satisfazião aos tristes, e humilhantes trabalhos, a que erão condemnados, e varrião as ruas da Cidade, quando um mancebo se chegou a um delles, e lhe beijou ternamente as mãos. Um fidalgo que, da sua janella, foi testemunha desta acção, fez chamar o mancebo, e lhe disse, que não se beijava a mão a um prezo da Galé. Ah! respondeu o mancebo todo desfeito em lagrimas: *Mas se o prezo é meu pai*! Quanto ha de valor, e de ternura nesta resposta! Um orgulhoso, ou um ingrato se apressaria a fugir da vista do desgraçado velho; este bom, e respeitavel filho não viu mais do que a desgraça de seu pai, e se esqueceu da vergonha da sua situação.

Paulino disse que era necessario saber, quando a occasião o pedisse, sacrificar-nos por nossos pais; muitos filhos ingratos mal julgão que podem passar sem os seus soccorros, quando os abandonão, e os deixão algumas vezes gemer n'uma velhi-

ce indigente: eu quero mostrar-vos um quadro contrario.

«Uma mulher, ficando viuva com tres filhos, não tinha outra subsistencia além da que tirava do seu trabalho, e este trabalho mal chegava para a extensão das suas precisões. O espectaculo de uma mãi a quem amavão, abandonada a precisões que não podião soccorrer, lhes fez conceber, e tomar a resolução mais estranha. Tinha-se publicado, havia pouco, que todo aquelle que entregasse á justiça o auctor de certo roubo, se lhe daria em premio uma somma consideravel. Os tres irmãos convierão entre si que um delles passaria pelo ladrão buscado, e os outros dous o apresentarião ao Juiz. Deitárão sorte, e esta cahiu sobre o mais moço. Então elle se deixa prender, e conduzir ao Ministro como um criminoso. O Magistrado o interroga, e elle se confessa auctor do furto: manda-o levar á prizão, e os que o entregárão recebem o premio promettido. Os corações logo desfeitos em ternura pela desgraça de seu ir-

mão, elles achão meio de entrar no carcere; e, julgando não serem vistos, se lanção ambos nos braços deste irmão desgraçado, o abração com toda a ancia do amor, e o banhão com as suas lagrimas. O Magistrado que o acaso alli trouxera, e que os observa nesta situação, fica todo absorto contemplando um espectaculo tão novo. Manda a um dos seus officiaes que siga os delatores, e lhe ordena expressamente não os perder de vista, até que tenha descoberto cousa, que possa esclarecê-lo sobre um facto tão singular. O official soube desempenhar fielmente a sua commissão; e conta que, tendo visto entrar os dous mancebos em uma casa, se tinha chegado, e tinha ouvido contar a sua mãi o que vinhão de executar para a soccorrerem; que a pobre mulher a esta narração havia dado gritos dolorosos, e mandado a seus filhos que logo fossem entregar o dinheiro, que lhes havião dado, dizendo que antes queria morrer de fome do que salvar a vida á custa da de seu filho. O Ministro,

podendo apenas acreditar o que se lhe conta, faz chamar de novo o prezo, e o interroga outra vez sobre o pretendido furto, e chega a ameaça-lo com o mais cruel supplicio: o mancebo porém inalteravel persiste em se declarar culpado. « Ah! já é muito, lhe diz o Magistrado abraçando-o! Filho virtuoso, o vosso proceder me espanta! » No mesmo instante o Juiz parte a contar ao Imperador o que acabava de lhe succeder. Encantado de uma acção tão heroica este Principe quer vêr os tres irmãos, enche-os de mil affabilidades, deu ao mais moço uma pensão assás consideravel, e outra menor a cada um dos dous. Deste modo, ó Divina Providencia, é que tu tens infinitos meios para fazer, como te agrada, resplandecer a virtude, e proteger a innocencia! *Est.* 3.

Eis-aqui tendes o heroismo da piedade filial. A fortuna põe raramente os homens em semelhantes circumstancias; mas a natureza manda aos filhos não temerem offerecer-se a ellas, quando se tracta de salvar a

O seu coraçaõ desfeito em ternura. se lançaõ ambos nos braços deste irmaõ desgraçado, e o banhaõ com as suas lagrimas.

vida dos auctores dos nossos dias. Terminemos esta conversação por um quadro de genero differente: é o de um velho virtuoso, e um filho sensivel: elle fará um verdadeiro bem ás nossas almas. Lêde Felicia.

Felicia, recebendo o livro, e lendo.

Mirtilo, *Idyllio de Gessner.*

Na entrada de uma deliciosa noite, Mirtilo foi visitar a lagôa visinha, cujas aguas adormecidas reflectião o resplandor da lua: o silencio profundo dos campos alumiados por esta doce luz, os enternecidos accentos do rouxinol, o tinhão suspendido muito tempo absorto em um extasi tranquillo. Mas elle torna em fim ao bosque de pampanos viçosos, situado na entrada da sua cabana solitaria: alli elle encontra seu velho pai, que dormitava tranquillamente ao clarão da Lua. O velho estava deitado sobre a relva: sua cabeça encanecida descançava sobre uma das suas mãos. Mirtilo pára diante delle com os braços encru-

zados um sobre o outro. Por largo espaço elle fica immovel nesta postura: seus olhos nem pestanejão, constantemente pregados sobre seu pai: sómente de tempo em tempo elle olhava para o Céu a través das folhas, que o cercavão; e lagrimas de alegria corrião dos seus olhos.

O' tu, diz elle, tu, a quem honro mais que tudo depois dos Deuses! O' meu Pai! Ah! como descanças docemente! Quanto é risonho o somno do justo! Sem dúvida tu guiaste os teus tremulos passos fóra da cabana, para celebrar a noite com as tuas sanctas orações, e de certo adormeceste no meio dellas. Tu, não te esquecerias de mim orando, ó meu pai! Ah! Quanto eu sou venturoso! Os Deuses annuem ás tuas preces: pois de outro modo, como se conservaria a nossa cabana livre de perigo; como existiria perpetuamente sombreada dos ramos curvados com o pezo dos seus fructos? Porque viria a benção do Céu sobre os nossos rebanhos, e sobre as producções dos nossos campos?

Quando satisfeito dos meus ligeiros trabalhos para repouso da tua velhice cançada, deixas cahir as tuas lagrimas de alegria; quando fitando os teus olhos no Céu, me lanças a tua benção contente: oh! meu pai! Que doces sentimentos vem então penetrar o meu coração! O meu peito se eleva, e lagrimas redobradas correm dos meus olhos. Ainda hoje, deixando os meus braços, para ires fóra da cabana reanimar-te ao calor do Sol, e contemplando em redor de ti o rebanho, que saltava brincando sobre a relva, vendo as arvores carregadas dos seus fructos, e a fertilidade derramada sobre todos os contornos da nossa habitação; meus cabellos, dizias tu, se embranquecêrão na alegria. Campinas amadas, sejais abençoadas para sempre! Meus olhos obscurecidos já lhes não resta muito tempo para contemplar-vos. Em poucos dias eu vos deixarei por outras mais venturosas. Ah! Meu pai! Meu melhor amigo: e devo eu perder-te em pouco tempo! O' triste pensamento!

Então, ai de mim! então eu erigirei um altar ao lado do teu tumulo, e cada vez que o Sol me trouxer um dia propicio em que possa fazer bem a algum desgraçado, ó meu pai! Eu derramarei leite, e flores sobre a tua sepultura.

Mirtilo se calou por um momento, e ficou olhando o velho com os olhos todos cheios de um terno pranto. Como está estendido socegado! Como se surri no meio do seu somno! Ah! sem dúvida, continúa elle, soluçando, sem dúvida as suas acções virtuosas, reproduzidas pelos sonhos, fizerão subir-lhe ao rosto a expressão da sua beneficencia. Que resplandor a Lua derrama na sua cabeça calva, e pela sua barba argentada! Oh! Possão os ventos frescos da noite, possa o orvalho humido não te fazer algum damno.

Depois destas palavras, Mirtilo o foi beijar na testa para o despertar com doçura, e o conduziu á cabana para lhe buscar, sobre pelles molles, um somno mais commodo.

Ah! Meu Pai! Possão os ventos frescos da noite possa o orvalho humido não te fazer algum danno.

QUARTA CONVERSAÇÃO.

DOS DEVERES PARA COM OS NOSSOS IRMÃOS, E OS OUTROS HOMENS.

O Pai de Familias.

Depois de nossos pai, e mãi, ninguem nos é mais proximo que nossos irmãos, e irmãs; devemos por tanto amá-los como a nós mesmos; *são*, disse um homem de espirito, *amigos que nos dá a natureza.* E não é vergonha, depois disto, vêr tantas familias divididas por ciumes, e odios? Esta reunião dos filhos debaixo do mesmo tecto, debaixo da mesma lei de um pai, ou de uma mãi, esta reunião, que deveria fazer nascer a amizade mais terna, é precisamente o que, nos corações mal dispostos, desenvolve sementes perniciosas. Vêde o que se torna o menino cioso, que inveja as meiguices que fazem a seus irmãos, ainda depois de ameigado primeiro: o miseravelsinho, triste, amuado, passa os dias a formar sentimentos odiosos

contra aquelles, que a propria natureza o convida a amar; afflicto da alegria que lhes vê soffre ainda mais pelo que elles tem, do que goza do que elle mesmo possue. Com estes penosos sentimentos vai crescendo; o seu odio é então o de um homem, e não vê mais em seu irmão, que um inimigo que lhe ha de roubar uma parte da herança de seus pais. Morre-lhe o pai; mal espera que se feche o tumulo para disputar com azedume, e talvez com violencia, tanto o que lhe cabe, como o que pertence aos outros. Assim que apanha este triste despojo, ou se affasta, ou se fecha comsigo; não se lembra mais de que tem irmãos, senão para continuar a odeá-los: se estes vem a ser mais desgraçados do que elle, alegra-se; se mais felizes, o seu tormento cresce: este miseravel chega até a ultrajar a memoria dos auctores dos seus dias, accusando-os de injustos; porque, na sua má fé, não quer nunca convir que é só no seu coração que mora a injustiça.

Tal é a situação horrivel do máu

irmão, e quasi sempre é por ciume que elle se fórma tal. Indicar-vos este vicio horrendo, meus filhos, é affastar-vos delle. Eu não vos fallarei do que ultraja igualmente a natureza por espirito de interesse: todos os vicios se devem fugir.

Paulino.

O' meu querido pai, jámais sentimentos tão odiosos terão entrada em nossos corações! Não, vós nunca tereis a temer que vossos filhos se odeiem um ao outro, e vos accusem de uma injustiça, que nos faria envergonhar.

Felicia.

Sim, é muito mais delicioso amar-nos, e reunir-nos para abençoarmos a memoria dos auctores dos nossos dias.

O Pai de Familias.

Sim, minha filha, não sómente este sentimento é o mais delicioso; mas tambem é o principio de muitas virtudes: elle nos acostuma á humanidade, á beneficencia, á cor-

tezia, e a todas as attenções, que fazem um encanto mais da Sociedade.

Escutai bem isto, meus filhos: os irmãos, e as irmãs são obrigados a se ajudarem uns aos outros. Em geral: é necessario, em caso de precisão, dar soccorro ao nosso semelhante, mas, em circumstancias iguaes, se não póde haver divisão, devemos preferir nosso irmão ao homem, que não nos é unido pelos laços do sangue. Os mais moços devem respeitar os mais velhos; não porque este tenha direitos mais sagrados que os seus; mas porque a sua idade lhe adquire uma experiencia, que lhes póde ser util: elle, da sua parte, deve ser o seu protector; occupa o lugar de pai na sua ausencia; se este morre toma o seu posto nos casos, em que a sua idade lho permitte; se então abandona a infancia de seus irmãos, é um miseravel, que Deus, e os homens hão de condemnar. A amizade entre os filhos do mesmo pai, e da mesma mãi, não é um simples sentimento,

em que ha liberdade de seguir, ou rejeitar; é uma ordem da natureza; é um dever, a que se não póde faltar sem crime.

Paulino.

Mas, se meu irmão recusar a minha amizade?

O Pai de Familias.

Nem por isso o amareis menos; e livra-te de o abandonar no tempo da sua desgraça. Nem sempre está em vosso poder o agradar; não ha porém um só momento, em que não possais ser generosos: por esta palavra *generosos*, eu não quero dizer que deveis obrigar vosso irmão quanto a sua situação exige; mas sim tanto quanto cabe nas vossas faculdades.

Os deveres, que devemos guardar com o resto dos homens, são os mesmos, a que somos obrigados para com os nossos irmãos. O genero humano é uma familia immensa: só devemos a preferencia aos nossos mais proximos parentes; mas nin-

guem fica dispensado destes deveres a beneficio de qualquer outro homem.

Reflecti bem sobre a instabilidade das cousas deste mundo, e a fraqueza do homem. Todos nós temos precisão uns dos outros; o mais rico julga não ter dependencia de ninguem, porque paga com o seu dinheiro os serviços que lhe fazem; e, verdadeiramente, a indigencia, e a cobiça obrigão a que muitos se affadiguem para lhe serem uteis: mas, por maior que seja a sua fortuna, poderá estar seguro que nunca lhe ha de faltar? Quem sabe o que a sorte lhe prepara? Em pouco tempo talvez elle se verá pobre! Talvez a fome venha a ataca-lo! Então quanto se julgará venturoso em receber o soccorro que o salva! Faça por tanto aos outros, em quanto póde, o bem que, em iguaes circumstancias, quereria que lhe fizessem. O bom *La Fontaine* provou, com duas galantes fabulas, *a do leão, e o rato*; *e a da pomba e a formiga*, que não devemos persuadir-nos que nunca

teremos precisão dos que parecem mais fracos do que nós. Recitai-nos, Paulino, a fabula do leão, e o rato.

Paulino, recitando.

Convem se faça a todos
Quanto bem fôr possivel,
Que ao Grande o mais pequeno por mil modos
Tambem util ser póde; é infallivel
Esta verdade, e ha tantas provas suas
Que as fabulas seguintes são mais duas.
De um buraco sahindo
Um rato miseravel foi metter-se
De um leão entre as garras descuidado:
No caso o Rei das feras reflectindo,
Qual é, fez conhecer-se:
Deu-lhe a vida, e tal dom não foi baldado.
Mas quem jámais julgára
Que de um rato um leão necessitára!
Comtudo aconteceu que da floresta
Alongando-se um dia,
Incauto n'uma rede

O leão prezo foi; por fugir desta
Forcejava elle em vão, em vão rugia.
Quando o ratinho ao vêr o que succede
Lhe acode, e trabalhando longo espaço
Róe certa malha, e se dissolve o laço.
Faz porfia, e paciencia com vantagem,
O que força não faz, nem faz coragem.

O outro exemplo é tirado de animaes ainda mais pequenos.

Felicia.

Eu vou, meu irmão, recitar a fabula *da pomba, e a formiga.*

De um ribeiro na limpida corrente
Bebendo uma pombinha um dia estava;
[illegible] visinho arbusto, que o toldava,
Cahe nelle uma formiga de repente;
Que neste Oceâno esforços mil fazendo,

Em vão surgir na margem pertendia:
A pombinha isto vendo,
De herva um raminho, que no chão jazia,
N'agua lança apressada, e caridosa
Que um promontorio foi, ao qual anciosa
A formiga se apega.
E sobre o qual á terra salva chega.
Vem por alli depois descalço um pobre,
Que de caça instrumentos
Por acaso transporta:
A pomba vê, para a matar se encobre;
Crê que em breves momentos
A verá logo morta;
E dentro da panella,
A festeja, e suppõe comer já della.
Ao rustico a formiga então chegando,
Mórde-o n'um calcanhar té que lhe dôa,
Volta-se elle, a ave o sente, e vai voando,
E a ceia do villão com ella vôa.
E a formiga, que tanto á pomba é grata,

O priva assim de ceia tão barata.
Est. 5.

O Pai de Familias.

Se a nossa fraqueza nos faz dependentes uns dos outros, e se por isto mesmo a natureza nos ensina a ajudar-nos mutuamente, não se segue que seja por motivos interesseiros que prestemos o soccorro ao nosso semelhante. A nossa generosidade deve ser nobre: devemos fazer o bem por amor de Deus, e da humanidade; para obedecer ao mesmo Deus, que é o nosso Pai commum, e que, na sua justiça immutavel, peza as nossas acções boas, e más. Dous homens sendo semelhantes, aquelle que se julga estranho ao outro, e o abandona quando lhe implora o seu soccorro, commette um crime; e o seu proprio coração o condemna diante da terra, e do Céu.

(Não) deves crer que nunca terás precisão dos que te parecem mais fracos do que tu.

QUINTA CONVERSAÇÃO.

DO QUE DEVEMOS A NOSSA PATRIA.

O Pai de Familias.

O mesmo, que devemos aos nossos semelhantes, devemos tambem á nossa Patria: é o mesmo principio de moral.

Por *Patria* não se ha de entender sómente o canto de terra que nos viu nascer; mas sim todo o paiz que se governa pelas mesmas leis: por este modo um habitante de Lilla, e outro de Marselha são ambos da mesma Patria; posto que um nascesse no Norte, outro no Meiodia da França, e que haja duzentas leguas de uma a outra Cidade. Ora, todos os homens de uma mesma Patria são como filhos de uma mãi commum; em certo sentido, elles estão ligados por deveres reciprocos, como os irmãos o estão entre si.

Lembrai-vos do que já vos disse ácerca das bases da Sociedade geral dos homens: as de cada Estado em

particular são as mesmas: tracta-se sempre da união de todos para a segurança de cada individuo. As leis são feitas para assegurar a todos os Cidadãos as suas propriedades, e os seus direitos: assim, logo que a Patria nos protege, nós tambem nos devemos dedicar a ella.

Imaginai por um instante um homem, que quer escusar-se ás leis da sua Patria: elle fica livre dos encargos communs, não paga as contribuições, não vai á guerra; em fim, não soffre algum encargo dos deveres do Cidadão: ninguem é mais independente do que este homem, reprimido tão sómente pelo unico principio moral *de não fazer o mal.* Acreditais vós que tenha ganhado muito em se desembaraçar por este modo de todos os deveres desempenhados pelos outros homens em beneficio do seu Paiz? Escutai o que resulta. Um dia um ladrão vem roubar-lhe o seu dinheiro: então o nosso independente corre ao Magistrado, queixa-se, e pede justiça. Bem vejo que vos roubárão, lhe responde

o Magistrado; mas que quereis que se faça em beneficio vosso, que não quereis fazer cousa alguma em beneficio dos outros? O que cada um dá á Patria, não é mais que um penhor para ter certo o seu soccorro no caso de precisão. Se ninguem pagasse a sua contribuição, como se havião de assoldadar guardas para vigiarem os ladrões? Como se pagarião os Magistrados para administrarem justiça? E se lançâmos fóra o jugo das leis, quem poderá ter segura a tranquillidade dos seus dias, e a posse da sua fazenda? Quereis ser só? Buscai então em vós os meios equivalentes aos da Sociedade, que abandonais. Desgraçadamente o homem é máu, meu amigo, é preciso refreiá-lo; todos no seu interior conhecem esta verdade, porque todos gostão de guardar o que é seu: sómente os velhacos, (aquelles que não tem que perder) é que acharão vantagem na abolição de todas as leis; mas assim mesmo ainda bem não se terão apossado dos bens das pessoas honradas, quando logo farão novas

leis, para assegurarem o gozo tranquillo dos seus roubos.

O independente voltando para casa se põe a reflectir; conhece com effeito que, recusando-se a fazer algum bem em favor dos seus concidadãos, os dispensou igualmente de obrarem em seu beneficio; conhece que a sua casa, o seu sustento, a sua propria vida estão á disposição de todos os que lha quizerem roubar; que fica absolutamente reduzido a si só; que não tem outra protecção que esperar, mais que a que tem o bruto feroz, que corre os bosques, e que qualquer tem direito de matar para aproveitar o seu despojo: então comprehende que é obrigado a deveres sagrados para com a sua Patria, e que aquelle, que quer escapar-se a estes deveres, sem renunciar ás vantagens dos outros Cidadãos, é realmente um homem sem honra, que quer receber, e não quer dar.

A supposição, que acabei de ponderar-vos, deve bastar para vos fazer conhecer qual é a necessidade

politica, e moral de desempenharmos os deveres de Cidadão: accrescentarei sómente que, além da falta de decóro, que ha em recusar-nos a estes deveres, fazemos um mal real aos nossos concidadãos, sobre os quaes vem a recahir necessariamente o pezo, de que nos queremos alliviar.

SEXTA CONVERSAÇÃO.

NÃO FAZER MAL A OUTREM.

O Pai de Familias.

Depois de haver-vos entretido ácerca do que o homem deve a seus pais, a seus semelhantes, e á sua Patria, é necessario que vos falle dos principios, que nascem da maxima fundamental = *Não faças a outrem o que não quererias te fizessem.* = Por aqui é que eu deveria começar, pois é essencial abster-nos de fazer o mal, antes de emprehender fazer o bem: mas quiz fallar-vos primeiro dos nossos deveres para com Deus, e mostrar-vo-lo como presidindo a tudo, e devendo obter de nós o primeiro, e o mais respeitoso sentimento dos nossos corações: os objectos mais sagrados, depois de Deus, se offerecerão por si naturalmente; e é por esta razão, que fallámos do bem antes de prohibirmos o mal. Continuemos agora; e em

primeiro lugar explique Paulino, o que entende por estas palavras — Não faças a outrem, o que não quererias te fizessem. —

Paulino.

Entendo que eu não devo fazer aos outros cousa, que me causaria a mim prejuizo, ou pena. De certo eu me queixaria, se me maltratassem com pancadas; se me tomassem o que é meu; se fallassem contra a minha reputação, ou me humilhassem: por isso eu não devo apossar-me do que é alheio, não devo ferir, nem calumniar, nem humilhar a pessoa alguma.

O Pai de Familias.

Esses mesmos exemplos, que acabas de referir para fazer a tua explicação mais clara, servirão de divisão á nossa conversação sobre a materia, que tratâmos. Comecemos por dizer alguma cousa ácerca de não fazer o mal na pessoa de outrem.

Não offender o proximo na sua pessoa.

O Pai de Familias continuando.

Fazer mal ao proximo na sua pessoa, é espancá-lo, feri-lo, ou matá-lo. Ha na acção de espancar o seu semelhante uma verdadeira brutalidade, que de alguma sorte tira ao homem o seu titulo, e a sua classe. E' a colera quem nos leva a esta acção indigna. Assim vêde, meus filhos, quanto é importante reprimir em nós as paixões violentas: principalmente na mocidade é que se deve fazer este esforço; porque, quando um habito máu se tem arraigado, custa muito ao depois a destrui-lo.

A colera não é mais que um vicio; póde porém facilmente conduzir-nos aos maiores crimes: quando uma vez se senhoreia do homem, transforma-o em um bruto furioso que nada conhece: dá, fere, e até chega a matar, no excesso da sua raiva. Agora pergunto, qual deve

ser a situação desse desgraçado, quando, tornando a si do seu delirio, póde considerar com socego o attentado, que acabou de commetter? Quanto não deve detestar-se! Então se arrepende com amargura de não ter buscado vencer uma paixão tão terrivel. Mas ei-lo já réu do maior dos crimes; a justiça humana vai fazer delle um exemplo para os que não tem maior imperio sobre si mesmos; merece o ultimo supplicio, e sobre o cadafalso é que expiará a criminosa fraqueza, que lhe impediu corrigir-se quando era tempo. Se porém escapar á justiça dos homens, não escapará de certo á da sua consciencia; os remorsos se lhe cravarão no coração, e diante dos olhos trará continuamente o cadaver da desgraçada victima do seu furor. Ouvi a este respeito uma passagem da historia, em que vereis bem provado quanto é perigoso deixar-nos vencer por esses ímpetos, que nos tirão o uso da razão.

Alexandre, Rei de Macedonia, tinha muito boas qualidades que lhe

grangeárão o appellido de *Grande*; as suas paixões porém, que nem sempre soube vencer, offuscárão muito o esplendor da sua reputação. Não vos fallarei senão de um dos seus crimes, que vem para o nosso caso. *Clito*, era o seu melhor amigo, tinha-lhe merecido este titulo pelo zelo o mais sincero, e principalmente por lhe haver salvado a vida em uma batalha. Sempre Alexandre se tinha portado a seu respeito como Rei justo, e verdadeiro amigo: um momento de furor lhe riscou da lembrança a sua propria generosidade, e a fidelidade de Clito. Em um banquete, aonde se fez o elogio de Filippe, pai de Alexandre, este ousou pôr-se a si mesmo superior a seu pai: esta vaidade, que não sería ridicula se não nascesse do coração de um filho, desagradou a Clito, e teve a imprudencia de o declarar, digo imprudencia, por quanto: de que serve querer corrigir os homens no momento, em que a lição só ha de escandalisá-los? Quando a sabedoria guia o nosso zelo, espera-se o mo-

mento favoravel. Alexandre já então aquecido pelo vinho não póde soffrer a menor palavra que offendia o seu orgulho: levanta-se furioso; ameaça Clito; e fóra de si, com mais algumas palavras que fogem da bôca do severo cortezão; corre sobre elle, e lhe enterra a espada no peito. Esta acção cruel gela de terror a todos os circumstantes: Alexandre, um momento depois, fica espantado do que tem feito, o sangue de Clito lhe faz lembrar que é o do seu amigo mais sincero, que elle acabava de derramar. Animado então de um furor contrario, quer virar contra si a sua arma criminosa, e apenas podérão suspender-lhe o braço a ponto de ferir-se. Lança-se então sobre o corpo de Clito, abraça-o estreitamente; chama-o pelo seu nome, como se ainda o podesse ouvir, accusa a sua ferocidade; e, tinto do sangue do seu amigo, arroja-se pela terra, sem querer ouvir as palavras de consolação, que lhe dirigião os seus cortezãos. Deste modo, por um só movimento de furor, o maior Rei do seu

tempo se tornou o ente mais desprezivel, e deixou na sua reputação uma nódoa, que toda a sua gloria não pôde desvanecer. *Est.* 6.

Observai tambem, meus filhos, que foi no meio de um banquete que Alexandre commetteu este crime: tinha já bebido mais do que o homem de razão deve beber; talvez que, se estivesse de sangue frio, perdoaria a Clito; muitos actos de moderação da sua parte em outras occasiões nos levão a acreditá-lo assim. Julgai pois, torno a repetir, quanto devemos temer entregar-nos ás proprias paixões. A do vinho é tão perigosa como a da colera: ainda tem outros descontos; e são que, além dos excessos, a que nos póde levar no primeiro momento, arrasta o homem a muitos vicios, e acaba por lhe destruir a saude. E' de crer que, por haver bebido demasiado vinho, este Alexandre, de quem fallâmos, morreu de trinta e dous annos; muitos historiadores o pensão assim; posto que outros pertendão que foi de veneno.

Hum só momento de furor fez de Alexandre hum assassino

Eis-aqui um exemplo espantoso do que póde a colera. Eu não vos fallarei, meus filhos, dos crimes commettidos por uma vingança premeditada, ou pelo desejo de se apossar dos bens alheios. O homem que fere, ou mata em um momento de furor, tem ao menos por escusa, que uma violenta colera tira a razão; mas o miseravel, que por muito tempo reflectiu no crime, que o ha de vingar, é um verdadeiro monstro. Em quanto áquelle, que assassina para despojar a sua victima, é um malvado, contra quem se conspira o odio de todos os homens, e que morre ordinariamente sobre o cadafalso. Affastemos os olhos de entes tão atrozes; a vossa alma ainda muito pura, nem sequer imagina semelhantes horrores.

Meus filhos, em todo o tempo lembrai-vos que o vosso semelhante é, como vós sois, a obra de Deus, e que jámais vos é permittido pôr as mãos com violencia sobre elle; principalmente, que a vossa força vos não leve nunca a abusar della

sobre o que é mais fraco; porque isto então sería uma vileza digna do maior desprezo.

Paulino.

Meu querido pai, deixai-me fazer uma pequena observação. Se alguem me ataca, ou para me ferir, ou para me tirar a vida, terei eu então direito para o ferir, e mesmo para lhe dar a morte?

O Pai de Familias.

Nesse caso é uma defeza justa quem te arma o braço, e os golpes, que fizeres, não te podem ser imputados como crime. Comtudo, se te é possivel defender-te com menos violencia, faze-o assim; ha uma grande generosidade em não retribuir o mal com o mal; evita principalmente dar golpes mortaes: por mais legitima que seja a defeza, é sempre cruel a lembrança de haver dado a morte ao nosso semelhante: se não tens porém outro meio de salvar a vida, é necessario resolver-te a isso; ainda então mesmo és obrigado a

fazê-lo, por quanto a lei natural nos manda vigiar sobre a nossa propria conservação; e se é muito justo que o malvado, que ataca, succumba, tambem é muito mais util para a Sociedade que o homem de bem fique salvo.

Não causar algum damno ao proximo nos seus bens.

O Pai de Familias continuando.

Igualmente não é permittido causar damno ao proximo nos seus bens, como o não é em sua pessoa; e a razão, por que assim devemos obrar, vem sempre desta, que não haviamos querer que se obrasse comnosco de outra sorte. Eu não me demorarei a provar-vos, que se não deve roubar o dinheiro alheio; o nome só de ladrão vos infunde horror; far-vos-hei porém notar, que muitas pessoas não fazem escrupulo de se apossarem de pequenas cousas, julgando-se seguras de não serem culpadas. Que se tire muito, ou pouco, nada

importa; logo que se tira contra a vontade de seu dono, se fica sendo um verdadeiro ladrão: e, regra geral, estai certos de que todo aquelle, que lança mão de pouca cousa, dizendo comsigo, que me poderão fazer por tão pequeno objecto? lançaria a mão a cousa de maior valor, se estivesse seguro de que não lhe havia acontecer cousa que lhe désse pena. O homem de bem nada rouba, não porque tema o castigo, mas porque sabe que o roubar é uma acção muito reprehensivel.

Vós mesmos, meus filhos, talvez tenhais cahido na culpa das pessoas pouco escrupulosas; talvez tendes vós, sem fazer caso, tirado os brincos com que se divertem os vossos amigos, sem dizer comvosco, nós somos ladrões. Comtudo o ereis: pois vos apossaveis do que vos não pertencia: tambem nunca podieis, debaixo de qualquer pretexto, passar por innocentes, porque muito bem sabieis o desgosto, e afflicção, que nisso daveis aos vossos amigos. Não chorarieis vós? Não vos terieis quei-

xado muito, se vos fizessem outro tanto?

Geralmente, ainda os rapazes fazem pouco escrupulo de ir ás vinhas, e aos pomares furtar os fructos de seu dono. Mas sabei que, além do furto de que ficão culpados, tem ainda mais para accrescentar ao seu crime o motivo desta vil acção, que é sempre a golodice. A's vezes succede fazerem este roubo a gentes pobres, e assim estes miseraveis levão aos desgraçados uma parte do que devia soccorrer a sua precisão.

Ainda isto não é tudo, o caso é que estes furtos, que elles julgão tão pouco importantes, os vão habituando insensivelmente a furtar, e lhes fazem perder essa delicadeza de sentimento, que deve haver em todas as acções, e os torna, se não sempre ladrões decididos, pelo menos pessoas de má fé, e velhacos consumados postos sempre á espreita do momento para causarem damno aos outros, podendo-se escapar sem perigo.

Guardai-vos por tanto de tocar

no que vos não pertence: o bem alheio é um objecto sagrado; respeitai-o sempre. Pensai que em furtar não serve dizer, ninguem o saberá: vós o sabereis, e vós sereis criminosos aos vossos proprios olhos: Deus o sabe tambem porque nada lhe é occulto, e porque é o Juiz das acções ainda as mais occultas.

Longe de furtar o que é de outrem, estai antes dispostos a sacrificar o vosso cabedal para embaraçar que o alheio venha a ser objecto de alguma injustiça. Quando vos achardes em uma situação tal que a vossa propriedade, ou a do vosso visinho, deva, por vossa propria decisão, perder-se, não balancieis, soffrei a perda com animo. Eu vou contar-vos a este respeito um facto, que será sempre agradavel ás boas almas.

Um lavrador da Ilha de Corsega, no tempo em que a guerra assolava aquelle paiz, foi despertado muito de madrugada por uma partida de Hussares, que o constrangêrão a mostrar-lhes um campo, aon-

Deste campo que he meu podeis tomar o que vos for necessario.

de podessem forragear. O lavrador lhes diz no mesmo instante que o sigão, e os conduz através de muitas seáras, até pararem por fim diante de um campo de cevada. Por que razão, lhe diz o Commandante dos forrageadores, nos trouxeste tão longe, quando muito mais perto tinhas o que buscavamos? Os campos por onde passámos, respondeu o Corso, não me pertencem; eu não tinha direito algum para vo-los offerecer; deste que é meu podeis tomar o que vos fôr necessario. *Est.* 7.

Não tenho precisão, meus filhos, de vos fazer ponderar quanto este facto de probidade é bello. Este honrado Corso podia, sem crime, indicar o primeiro campo, que estivesse na sua visinhança; mas ir de proposito offerecer a sua seára, é uma virtude verdadeiramente sublime.

Felicia.

Antes de passarmos a outro assumpto, rogo-vos, meu querido pai, nos queirais dizer, se uma bolsa, ou qualquer outro objecto precioso

achado em um lugar, aonde não é possivel descobrir quem o perdeu, póde pertencer com justiça áquelle que o achou?

O Pai de Familias.

Não, minha filha, porque quem o achou nada fez para ganhar esse objecto, ou esse dinheiro; e quem o perdeu ainda o não abandonou. Neste caso, como em todos os mais, é necessario julgar dos outros, como nós julgariamos a nós: toda a perda nos afflige, porque nos causa privações, e ficamos muito contentes, quando nos restituem o que tinhamos perdido. E' necessario pois que, quando acharmos qualquer cousa, nós informemos logo se alguem a reclamou; é preciso que nós mesmos façamos saber, quanto nos é possivel, que achámos um objecto de certa natureza, para que o proprietario saiba a quem se ha de dirigir: a unica cautela, que deve haver, é a de não designar inteiramente a cousa achada, por temor de que algum

velhaco venha reclamá-la primeiro que o proprietario. Eu vou, segundo o meu costume, contar-vos um caso, que vos fará melhor entender como um homem de probidade, e delicado deve obrar em taes circumstancias.

Em 1723, *Teing-Tey*, Negociante da provincia de Chenci, na China, ia para Monstings a comprar algodões: levava comsigo uma bolsa com cento e setenta onças de ouro, a qual perdeu no caminho, juncto da montanha Song-Kia, e continuou a sua jornada. No outro dia pela manhã um pobre Lavrador chamado *Chi-Yeou*, foi lavrar a sua terra juncto da montanha dicta, e achou a bolsa: continuando este todo o dia no seu trabalho, esperava que lha viessem procurar, mas ninguem appareceu. Sobre a noite voltando para casa, mostrou o thesouro a sua mulher. *Oh*! diz esta, *Nós não devemos ficar com este dinheiro, elle não é nosso*; *e quero antes viver na minha pobreza, que possuir o bem alheio*: *ámanhã busca vêr se desco-*

bres aquelle, a quem esta bolsa pertence, e nâo faltes a lha entregar.

Teing-Tey tinha feito pôr escriptos nas portas da Cidade, e pelas ruas para fazer público o seu perdido, rogando ao que o tivesse achado lho quizesse entregar, e se obrigava a dar-lhe ametade. O Lavrador sabendo destes escriptos, foi a casa do Commandante do seu districto, fez-lhe saber que achou a bolsa, e pede-lhe que faça ir o Negociante a sua casa, para se certificar pelas respostas que der ás suas perguntas, se com effeito a bolsa é delle. Chega o Negociante a casa de *Chi-Yeou*: *Chi-Yeou* fica convencido de que a bolsa lhe pertence: no mesmo instante lha entrega. Ametade da somma lhe é offerecida conforme as promessas consignadas nos escriptos, porém foi recusada. O Negociante separa oitenta e cinco onças de ouro, e quer deixa-las, mas experimenta nova repulsa. O proprietario serve-se de outro modo para significar o seu reconhecimento, e põe de uma parte cento e sete onças, e da outra

sessenta e tres. Confessa que, na verdade, tomou emprestadas as cento e sete; mas que as sessenta e tres são suas, e roga ao Lavrador as queira acceitar, *Não*, diz Chi-Yeou, *não tenho melhor direito á segunda do que á primeira somma*; *levai tudo, pois que tudo vos pertence.*

Uma tal acção foi geralmente admirada. O Governador deu logo conta della ao Vice-Rei da Provincia; no mesmo instante este mandou cincoenta onças de ouro ao Lavrador, e lhe deu um painel (estes paineis, na China, se pendurão sobre as portas das casas) aonde se vião escriptos quatro caracteres, que significavão: *Marido e Mulher illustres, ambos pelo seu desinteresse, e generosidade.* Muitas copias desta bella acção forão publicadas em toda a provincia. O Governador de Mons-Tings recebeu ordem para levantar juncto da casa deste Lavrador uma inscripção, que conservasse a lembrança de tão raro feito. O Imperador, tocado da exposição que leu no Memorial do Vice-Rei, tomou motivo para diri-

gir uma instrucção moral a todos os seus povos, em que os exhortava em termos patheticos a praticar a virtude. *Pelo que pertence ao Lavrador Chi-Yeou*, diz o Principe, *eu o faço Mandarim da setima ordem, e terá direito para trazer o vestido, e o barrete. Demais eu lhe mando cem onças de ouro, para lhe significar quanto prézo a sua inteireza, e excitar os outros a imitar o seu exemplo.*

Meus queridos filhos, o procedimento deste generoso China vos servirá de exemplo; e a recompensa, que elle grangeou, prova que a virtude agrada a todos os homens, e em todos os paizes.

Felicia.

Mas dizei-nos, meu pai, se elle tivesse acceitado a recompensa, que lhe offerecia o Negociante, faria mal?

O Pai de Familias.

Não, minha filha, o dinheiro que lhe apresentavão era adquirido legitimamente, e não ficaria menos ho-

gado; e, se o senhor delle apparecesse algum dia, não teria de que se queixar por isso.»

«Um tão bom projecto foi em tudo approvado pelo Reitor; a compra se effeituou em poucos dias, e o rendeiro tornado proprietario deu muito maior valor ás suas terras: os seus campos melhor cultivados vierão a ser muito mais ferteis; elle chegou a gozar desse doce commodidade, que já havia ambicionado conseguir para a sua Lucetta. Dous filhos, que lhe nascêrão, abençoárão successivamente a sua união; elles punhão toda a sua satisfação em se verem reviver nestes ternos penhores do seu amor. Quando Pedrinho voltava dos trabalhos do campo, sempre achava a sua esposa, que lhe vinha sahir ao encontro, e lhe apresentava os seus filhos. Então Pedrinho abraçava a um, e a outro, e só os deixava para ir abraçar a sua querida consorte; tornava depois a elles para os afagar de novo successivamente com mil caricias; um lhe alimpava o suor, que lhe banhava o

rosto, outro pertendia aliviá-lo do pezo do enchadão, que trazia. Pedrinho cheio de um tranquillo jubilo, se surria dos seus delicados esforços, os afagava de novo, e dava mil graças ao Céu por lhe haver dado uma esposa terna, e filhos tão parecidos com sua mãi. »

« Passados alguns annos o bom Reitor morreu; Pedrinho, e Lucetta o pranteárão porque nunca se esquecêrão de pensar com enternecimento no muito que lhe devião. Este successo os fez reflectir em si. Nós morreremos tambem, disserão elles; as nossas terras hão de ficar a nossos filhos, ellas não são nossas; se a pessoa, a quem pertencem, vier a apparecer, ficará privada dellas para sempre, e comnosco levaremos á sepultura os bens alheios. Semelhante idéa lhes era insupportavel; então a sua delicadeza os obrigou a fazerem uma declaração, que depozerão nas mãos do novo Reitor, e que fizerão assignar pelos mais notaveis moradores da aldeia. Esta cautela, que julgárão necessaria para

assegurar uma restituição, á qual suppunhão seus filhos obrigados, os tranquilisou. »

« Havião já dez annos que assim vivião estabelecidos. Pedrinho, depois de um trabalho bastantemente penoso, vinha um dia jantar com sua esposa, quando viu passar pela estrada real dous homens em uma caleça, que tombou alguns passos adiante delle. Pedrinho corre a soccorrê-los; offerece-lhes os cavallos da sua charrua para lhes transportar as malas; roga com instancia os viajantes para descançarem em sua casa; felizmente elles tinhão ficado sãos, e salvos da quéda. Este lugar é para mim bem funesto, exclama um dos passageiros: não posso passar por aqui sem experimentar alguma desgraça; aqui mesmo haverá doze annos tive eu uma perda consideravel; vinha da feira de Vitré, trazia doze mil francos em ouro, e os perdi. Como, Senhor, lhe diz Pedrinho, que o ia escutando com attenção! E deixaste de fazer todas as diligencias para os recobrardes?—

Isso não me foi possivel, eu ia para *L'Orient*, onde devia embarcar-me para as Indias: o tempo apertava; o navio, a ponto de dar á véla, não me esperaria, não pude fazer as diligencias precisas, sem dúvida, inuteis, porque, retardando a minha viagem, me causarião um prejuizo muito mais grave do que a perda que acabava de soffrer. »

« Um tal discurso fez estremecer a Pedrinho; este se une de mais perto com o viajante, e o roga com instancia para que acceite o asylo, que lhe offerece. A sua casa era a mais proxima, e ao mesmo tempo a mais aceada habitação da aldeia. Cedêrão ambos á sua solicitação, e Pedrinho partiu adiante a mostrar-lhes o caminho: a poucos passos encontrou elle sua mulher, que, segundo o costume, vinha sempre esperá-lo, diz-lhe que vá logo preparar o jantar para os seus hospedes: em quanto o jantar não chega, elle lhes apresenta todos os refrescos que póde, e faz recahir a conversação sobre a perda de que um se queixava; já

então não duvída ter encontrado aquelle, a quem deve uma restituição. Elle mesmo vai chamar o novo Reitor, e o informa do que acaba de lhe acontecer; convida-o a tomar parte no jantar com os seus hospedes, e a fazer-lhes companhia. O Reitor o segue, e não cessa de admirar a alegria deste bom Lavrador, por uma descuberta, que o vai lançar na pobreza. »

« Jantárão em fim todos: os viajantes satisfeitos não sabem como possão reconhecer o agazalho de Pedrinho; estão admirados do seu arranjo domestico, do seu bom coração, da sua franqueza, do modo sincero de Lucetta, da sua candura, da sua actividade; elles beijão, e afagão muitas vezes os filhinhos. Depois do jantar, Pedrinho lhes vai mostrar toda a sua casa, a sua horta, o seu curral, e os seus gados; falla-lhes das suas terras, e de quanto rendem. = Tudo isto é vosso, tudo vos pertence, diz elle ao primeiro viajante; o dinheiro, que perdestes, cahiu nas minhas mãos; vendo que não o re-

clamavão, comprei estas terras, com tenção de as entregar algum dia áquelle, que sobre ellas tivesse verdadeiros direitos: ellas são vossas: se eu tivesse morrido antes de vos encontrar, o Senhor Reitor ficava com uma escriptura, que contesta a vossa propriedade. »

« O Estrangeiro surprehendido leu o escripto, que lhe entregárão; olha para Pedrinho, Lucetta, e seus filhos. Aonde estou! exclama elle por fim, aonde estou! Que acabo de ouvir! Que procedimento! Que nobreza! Que virtude! E em que estado encontro eu todas estas cousas! Tendes vós outros bens além destas terras, accrescenta o Negociante? = Não, mas se não as vendeis, tereis precisão de um rendeiro, e em tal caso espero que me dareis a preferencia. = A vossa probidade merece outra recompensa; ha já doze annos que perdi a somma, que achastes; de então para cá, Deus abençoou o meu commercio; elle se adiantou, prosperou com grande vantagem: não foi muito tempo que eu me re-

senti da minha perda; a vossa restituição hoje não me faria mais rico. Vós sois merecedores desta pequena fortuna; a Providencia vos fez della um presente, sería offendê-la o tirar-vo-la. Conservai-a pois, eu vo-la dou, podeis possui-la; nunca virei reclama-la: qual outro homem teria o vosso procedimento!»

«No mesmo instante o passageiro rasga o escripto, que tem nas mãos. Uma acção tão singular não deve ficar ignorada, accrescenta elle; não ha precisão de novo instrumento para assegurar a minha cessão, a vossa propriedade, e a dos vossos filhos; comtudo eu o farei lavrar, para perpetuar a memoria dos vossos sentimentos, e da vossa honra.»

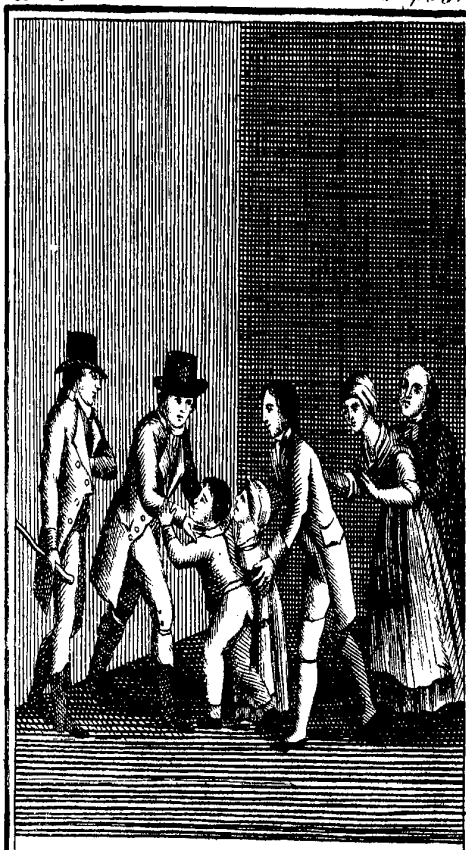
«Mal elle tem proferido estas palavras, quando Pedrinho, e Lucetta se lanção aos pés do viajante, que os levanta, e abraça com affecto. Um Tabellião foi chamado logo, que escreveu este acto, o mais bello certamente de quantos formou em sua vida. Pedrinho derramava lagrimas de ternura, e de alegria. = Meus

queridos filhinhos, exclamava elle, beijai a mão do vosso bemfeitor; Lucetta estes bens já são nossos, e poderemos gozar delles sem perturbação, e sem remorso. = » *Est.* 8.

Os dous exemplos, que acabo de referir, bastão para ensinar-vos como vos devereis conduzir, se vos achardes em qualquer circumstancia destas. Passemos agora a outro modo de fazer damno ao proximo, que devemos igualmente evitar com todo o cuidado.

Não causar damno ao proximo na sua honra.

Muitas pessoas ha que tremem de horrores só com a idéa de se apossarem dos bens alheios; mas que não fazem o menor escrupulo de dizer do proximo todo o mal, que sabem, e muitas vezes até mesmo o de que não tem certeza, sem reflectirem, que a *maledicencia* causa ainda muito maior damno do que o roubo, e que a *calumnia* é um crime quasi igual ao homicidio. Antes de irmos



Meus queridos filhinhos beijai
beijai as mãos do vosso bemfeitor

mais longe, diga Paulino, que differença ha entre a *maledicencia*, e a *calumnia*.

Paulino.

Maledicencia, é dizer o mal que se sabe de alguem, e contá-lo com má intenção áquelles, que o ignorão; ordinariamente é este o entertenimento das pessoas sem caridade. A *Calumnia* é muito mais criminosa; é inventar algum mal contra uma pessoa, e contá-lo como se fosse culpada do dito mal, com intenção de a perder no espirito do Publico. Calumniar por tanto é um verdadeiro crime.

O Pai de Familias.

Agora vou eu mostrar-vos o perigo, que ha em dizer mal, e calumniar. Ouvi a historia do infeliz Jorge.

«Jorge era um pobre homem, que ganhava a sua vida fazendo commissões: para este modo de vida é necessario intelligencia, prudencia, e discrição; Jorge tinha todas estas qualidades, e por isso tinha bastante em que se empregar no bairro da

pequena Cidade, em que se t lha estabelecido. Era-lhe isto uma grande fortuna, pois tinha familia; e a sua mais viva satisfação era a de lhe grangear quanto lhe fosse necessario. Veria este homem passarem os seus dias em uma tranquilla paz, sem um máu visinho invejoso, Commissario como elle, e que pertendia tirar-lhe os seus *Correspondentes*. Este máu visinho, que se chamava Roberto, havendo tentado em vão muitos meios de tirar a Jorge a confiança, que tinha adquirido, se lembrou de assoalhar o pouco mal que sabia delle. Jorge não aborrecia o vinho, e alguns poucos copos bastavão para lhe perturbar a cabeça; este defeito porém nunca o separou dos seus deveres, e jámais lhe escapou uma só palavra além do necessario; até mesmo punha todo o cuidado em não entrar na taberna, senão depois que todas as suas commissões estavão satisfeitas. Tudo isto era notorio ao invejoso; mas, sem buscar desculpá-lo, se contentava em dizer, a quem o queria ouvir, que

Jorge gostava de beber. E' bem perigoso (accrescentava elle) um Commissario, que bebe; além de sempre fazer mal o que se lhe manda, póde fallar, e publicar aos outros o que se lhe mandou fazer em segredo; Jorge tem um defeito, que lhe ha de vir a ser funesto.

A' força de repetir uma, e muitas vezes estas palavras, o invejoso conseguiu ser ouvido: então se notou que Jorge apparecia, com effeito, de quando em quando tendo bebido mais do que era razão; desconfiárão delle, e foi menos empregado: o invejoso ganhou neste jogo; e, continuando a mesma astucia, reduziu o seu pobre visinho a não ter nada que fazer.

Exasperado Jorge, por haver perdido a confiança das pessoas, que o fazião viver, tomou a resolução de renunciar ao seu defeito, e o conseguiu com todo o valor. Um tal esforço foi desconhecido por todos, e o invejoso se acautelou de o publicar. Finalmente este desgraçado, vendo a sua familia na ultima mise-

ria, foi estabelecer-se em outro bairro: alli teve melhor fortuna; mas a reputação, que Roberto lhe tinha grangeado, o seguia em toda a parte.

Eis-aqui uma amostra do que póde a maledicencia; levai-a a todas as classes da Sociedade, e lhe vereis produzir sempre o mesmo mal. Prosigamos a historia do pobre Jorge.

Este honrado homem teve um dia a desgraça de ser empregado em uma casa, aonde veio a faltar um traste; e como ninguem de fóra alli tinha entrado, desconfiárão da fidelidade de Jorge; mas faltando as provas, ficárão nas suspeitas. O invejoso, vindo a saber o succedido, não se esqueceu de clamar: = Bem o dizia eu, que o defeito de Jorge lhe havia de ser fatal! Quem quer ir á taberna, precisa dinheiro; e, quando este se não ganha, furta-se. = Deste modo a sua maldade mudava logo uma simples suspeita em certeza; e, segundo o seu costume, disse por toda a parte que Jorge tinha furtado um traste precioso; a segurança que elle dava aos seus

discursos fez que facilmente se tomasse esta calumnia por uma verdade, e em pouco tempo se espalhou por toda a Cidade que Jorge era um ladrão.

As pessoas, a quem o traste faltava, ouvindo estas vozes acreditárão que se tinha descoberto alguma cousa, e que as suas suspeitas não tardarião em verificar-se: persuadirão-se tambem que a reputação de Jorge era muito má; em consequencia fizerão prender este infeliz, que não tinha com que se justificar; largo tempo esteve prezo; e, se o traste perdido não apparecesse, talvez lhe teria acontecido peor. Eis-aqui Jorge reconhecido innocente; dão-lhe até uma pequena somma em compensação dos damnos, que soffrêra; mas durante a prizão a sua familia contrahiu dividas, pagou-as, e não se achou mais adiantado que no principio. De novo se offerece para exercer o seu primeiro emprego, mas ninguem o quer occupar. Os homens são infelizmente muito mais inclinados a dar credito ao mal, do que ao

bem, e a mais fraca apparencia lhes basta para formarem uma suspeita. Lembrão-se da prizão de Jorge, das vozes que corrêrão a seu respeito, e de tudo se conserva uma impressão desfavoravel. O desgraçado se vê de novo reduzido á mais profunda miseria; seus filhos forão constrangidos a pedir esmola, e por isso mesmo maior desprezo ganhárão: Vêde lá, dizião, como este prospera! Quiz fazer o mal, e o mal lhe veio.

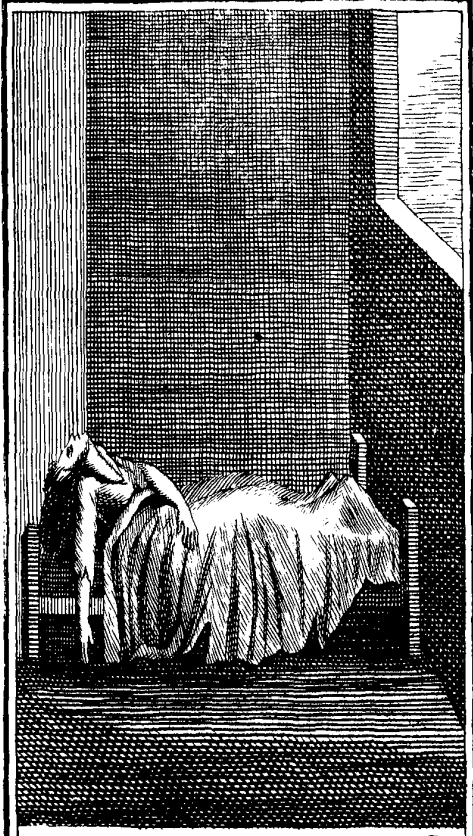
Finalmente o pobre Jorge, não tendo algum recurso, e vendo-se opprimido debaixo do pezo de uma humiliação injusta se entregou á exasperação, cahiu doente, e morreu abandonado de todos, como podia morrer o malvado mais execrando. Tal foi a obra da *maledicencia*, e da *calumnia*. *Est.* 9.

Felicia.

Oh Meu Deus! Que pintura tão medonha!

O Pai de Familias.

E' verdade, meus filhos, e nun-



Jorge morreo abandonado de todo o mundo, como merecerria morrer o malvado mais execrando. Tal foi a obra da calumnia.

ca se diz mal do proximo sem se lhe causar um grave damno. Tende pois cuidado, no que vos póde escapar da lingua: fugi dessa tentação funesta de dizer os defeitos, que conheceis nos outros. Vós tambem tendes os vossos, assim deveis ter com o proximo a indulgencia, de que vós mesmos necessitais. Sabei que, quanto mais se escutão os maldizentes, mais se detestão; principalmente são temidos, porque nos deixão seguros de que, mal se retirão, vão logo murmurar de nós a outra parte. Em quanto aos calumniadores elles são execrandos; e quando os convencem na presença dos Tribunaes, são punidos com penas infamantes.

Paulino.

Mas se por acaso eu vier a saber que alguem commetteu uma acção prejudicial a outro, deverei dizê-lo?

O Pai de Familias.

Sim; porque tudo o que é contra as leis da Sociedade não ha de pôr-se na classe dos defeitos, com

que deve haver indulgencia: o silencio mesmo em tal caso seria uma culpa gravissima; e se a acção fosse criminosa, tornar-te-hias, calando-te, complice do crime.

Paulino.

Deixai, meu pai, que vos faça outra pergunta. Se uma pessoa, que se fia de mim, me pedisse informações de outra pessoa, que eu conheço, e da qual pertende servir-se, deverei dizer-lhe quanto della souber?

O Pai de Familias.

Sim, sem dúvida, todo o bem, e todo o mal. Eu vou mostrar-te com uma supposição toda a necessidade, que ha de o fazer assim. Um dos teus amigos que poz um pouco de dinheiro em casa de certa pessoa, a quem eu chamarei *Guilherme*: porque crê que Guilherme é um homem de toda a probidade; mas, antes de o fazer, vem perguntar-te que julgas tu de Guilherme, a quem conheces ha mais tempo; na mesma occasião elle te communica o inten-

to, em que está de lhe confiar certa somma. Tu sabes que Guilherme, ainda que de boa nomeada, não tem conta nas suas despezas, que joga grandes jogos, e que a sua fortuna é toda fantastica; assim estás certo de que o teu amigo perderá o seu dinheiro; mas não te deliberas a manifestar os teus juizos, temendo causar damno a Guilherme; a maledicencia te faz estremecer. E acreditas então que isto é delicadeza da tua parte? E' timidez, é uma fraqueza criminosa. O teu amigo só soube de ti mil bens de Guilherme, entregou-lhe o seu dinheiro, e effectivamente o tem perdido. Desde logo elle te accusa da má fé, fica-lhe um justo resentimento contra ti, e tu não tens que allegar para te justificares. Não devemos, a torto, e a direito, fallar dos vicios alheios; mas quando se tracta de embaraçar que um homem honrado venha a ser victima dos defeitos de outrem, desempenhemos o nosso dever, manifestando-lhos.

Eu acabo de vos dizer neste ins-

t nte que, longe de nos entretermos em denegrir a reputação alheia, devemos pelo contrario acostumar-nos a uma indulgencia mutua: isto mesmo me conduz naturalmente a dizer-vos duas palavras sobre esta indulgencia reciproca.

Devem-se supportar mutuamente os proprios defeitos.

O Pai de Familias.

Todos somos imperfeitos, e por esta razão é que deve haver indulgencia mutua entre nós todos. Qual será o direito, com que pertendessemos se supportassem os nossos defeitos, sem querermos supportar os alheios? Aquelle que quizesse que todo o mundo se guiasse pela sua maneira de vêr, e de sentir, por mais arrazoado que fosse, sería precisamente o mais insupportavel dos homens; nem mesmo existiria alguma reunião de homens, se entre elles não houvesse uma sorte de indulgencia reciproca.

Soffrei por tanto com silencio tu-

do o que vos escandaliza, e que não podeis emendar; é este o melhor partido, que podeis tomar para os outros, e para vós. Detestão-se, fogem-se essas pessoas, sempre promptas a censurar o que lhes não agrada nos outros; ordinariamente são espiritos orgulhosos, que só se estimão a si, e que, depois de haverem posto muito alto o gráu da sua perfeição, se põem sempre em comparação com os mais, e concluem acreditando que lhes são superiores. Acautelai-vos quanto poderdes de contrahir um habito tão odioso.

Felicia.

Mas, se por uma advertencia feita a tempo, eu conseguisse emendar alguem dos seus defeitos?

O Pai de Familias.

Então deverias fazer esta advertencia; mas como essa qualidade de remedio raras vezes aproveita, é preciso poupá-lo, quero dizer, que se não devem indiscretamente dar conselhos, que serião mal recebidos.

Se uma pessoa te interessa, e a julgas com bastante capacidade para tentar corrigir-se, se ella tem precisão, chama-a de parte, falla-lhe com doçura, poupa-lhe o seu amor proprio, e dize-lhe: tal habito, que tendes, vos póde prejudicar, não continueis nelle. Comportar-se de outra sorte, é querer errar o seu alvo. Quando alguem nos reprehende com azedume, ou demasiada leviandade, o nosso amor proprio se irrita, imaginâmos que é inveja, e a lição fica perdida.

E' necessario principalmente soffrer as enfermidades do proximo; isto não é já uma simples tolerancia, é um dever da humanidade. E' uma verdadeira crueldade fugir daquelles, a quem o mal afflige; é accrescentar ás suas dôres physicas uma pena moral, talvez ainda mais insupportavel. Tende, pelo contrario, com estes tanta mais paciencia, e doçura, quanto elles mais soffrem.

Outro vicio dos que tem um coração perverso é o fazerem motivo de rizo de todo o mal, que acontece

aos seus semelhantes. Succede que um dá uma quéda! a sua compaixão são grandes gargalhadas. Tenho mesmo visto pessoas, que se põem a rir de uma morte, que lhes annuncião. Insensiveis! não contentes de serem mal dotados em bens da alma, parecem ter gloria em dar a conhecer o pouco que merecem. E' esta uma vingança, que nos offerecem de si mesmos, porque logo os desprezâmos. Outros vêm um corcovado, um torto, um côxo, logo vão atormentá-los, ou mettê-los a ridiculo. Ah! miseraveis! se o Céu vos tivesse mandado uma tal sorte, gostarieis de serdes tractados da mesma maneira? Não, sem dúvida; pois bem, poupai a desgraça alheia. Ride do vicio, se quereis; ride até do ridiculo; mas uma enfermidade não é um vicio, é uma afflicção para o que a soffre; e ainda buscais fazê-lo mais desgraçado? Ah! Meus filhos! não vos deixeis envilecer nunca por semelhantes motivos de zombaria, não altereis jámais a doce sensibilidade dos vossos corações. Ide ao en-

contro dos que soffrem; consolai-os vós, se outros os affligem. Os que zombão podem fazer rir um instante; porém vós sereis estimados, e é esta a melhor parte. Ainda tereis feito muito mais, obrareis de sorte que fiqueis contentes de vós.

Não humilhar pessoa alguma.

O Pai de Familias continuando.

O mesmo principio de moral, e de humanidade nos deve obstar para humilhar pessoa alguma. Este principio é de maior rigor, pois rir da desgraça alheia nasce pela maior parte de certa leviandade de espirito, quando o orgulho, que leva a humilharmos os outros, vem necessariamente de um coração perverso. Se alguma vez tem desculpa humilhar alguem, é quando se tracta de pôr no seu logar um orgulhoso, que nos quer humilhar a nós; e é isto então uma defeza justa e natural.

Nada porém é tão vil, e tão cruel, como pertender humilhar aquelles, a quem a fortuna tem já humilhado

com excesso; é atacar a quem se não teme, e fazer sentir com mais crueldade a um desgraçado a sua situação. Evitai sempre com todo o cuidado este horrivel defeito, meus filhos. Lembrai-vos que os homens todos são irmãos, e que aquelle, que pertende aviltar seu irmão, offende as leis da natureza, e vai contra a vontade do proprio Deus. Pelo contrario, sêde bons com todos, elevai com o vosso modo o pobre a seus proprios olhos, e lhe inspirareis melhor opínião de si, e o embaraçareis envilecer-se. Se a fortuna vos protege, sabei que as vossas palavras honestas serão em certo modo beneficios para os que ella tiver deixado vossos inferiores: render-vos-hão mil agradecimentos, pois que acostumados ao desprezo chegarão a acreditar que o que lhes fazeis é uma generosidade; ficar-vos-hão inclinados; e uma simples regra moral observada, vos ganhará muitos amigos.

Na sociedade dos vossos iguaes poupai com igual cuidado o amor proprio dos outros: se o vosso cora-

ção não fosse assás bom para este preceito vos parecer um dever, eu vos convidaria a segui-lo só para vosso proprio interesse. Pensai que, todas as vezes que vos divertis em mortificar os outros, tambem estes se alegrão com as mortificações, que vos podem causar. Eis-aqui um exemplo entre mil. Certo mancebo cantava muito mal, mas tinha a rara prudencia de não deixar ouvir a sua voz; outro mancebo, que se comprazia em mortificá-lo, o convidou n'uma sociedade para cantar uma modinha; escusou-se elle com desculpas, mas o outro insistiu gabando com malignidade o seu talento. Muitas pessoas da companhia o ajudárão, na idéa de que era por modestia que elle se escusava: finalmente o pobre cantor foi obrigado a mostrar o que sabia, o que fez com a mais má graça possivel. O escarnecedor estava rindo, mas a sua alegria não lhe durou tanto tempo como esperava. Uma manhã o mortificado escarnecido, todo cheio do desejo de vingar-se, entra-lhe em ca-

Pela propria malicia, provocamos a vingança que nos punem?

sa, tira da algibeira uma pistola carregada, e diz: meu amigo, hontem me fizeste cantar, é preciso que hoje bailes tu, ou que te faça saltar os miolos fóra com esta pistola. Semelhante comprimento fez espantar o moço, mas como visse pelo tom, que o acompanhava, que era muito seriamente que lhe fallavão, estimou antes dançar que morrer. Esta aventura, que depressa se divulgou, o cobriu de ridiculo, e o impediu por muito tempo de apparecer em público. E' deste modo que pela propria malicia provocâmos a vingança, que nos pune. *Est.* 10.

Regra geral: se quereis bem viver com todos, supportai os defeitos alheios, e não offendais o amor proprio de pessoa alguma.

SEPTIMA CONVERSAÇÃO.

FAZER MAL AOS ANIMAES É INDICIO DE MÁU CARACTER.

O Pai de Familias.

Depois de vos ter mostrado a necessidade que ha de fazer bem aos homens, não será inutil, meus filhos, advertir-vos que tambem não deveis fazer mal algum aos animaes.

Paulino.

Ah! Que! Tambem isso entra nas regras da moral humana?

O Pai de Familias.

Não, meu filho, qualquer póde ser homem muito honrado, e dar pancadas no seu cão sem motivo; mas assim prova que tem pouca sensibilidade. Deveis lembrar-vos que os animaes são organisados como nós: que experimentão como nós o prazer, e a dôr; por tanto que os podemos fazer felizes, ou desgraçados. O vosso cão se alegra a seu mo-

do, quando lhe dais de comer, ou o affagais: elle geme, e se dóe quando o atormentais; consultai então o vosso coração, e vêde quaes são as sensações, que mais vos agrada terlhe causado. Deste modo pois, se *não fazer mal aos animaes*, não é um dever de moral, pelo menos é um dever de sentimento? Além disto, que vos resulta de haver atormentado um pobre ente, que se acha todo á vossa disposição? Nada mais que a lembrança de ter imitado um algoz. Pensai bem nisto; aquelle que na sua infancia atormenta os animaes, e se diverte em lhes ouvir os seus gritos de dôr, se acostuma insensivelmente á crueldade, que virá ao depois a exercitar contra os homens. Os Esparciatas estavão tão convencidos disto, que um dos seus mancebos, que gostava de tirar os olhos aos passaros que apanhava, foi punido de morte por um Juizo dos Magistrados, que julgárão descobrir nelle um ente perigoso, que era necessario quanto antes destruir. E' effectivamente impossivel divertir-se

em atormentar um ente sensivel, sem ter uma propensão decidida para a crueldade. Eu quero mostrar-vos um exemplo contrario, e estou seguro que ha de penetrar de ternura os vossos corações. Lêde, Paulino.

Paulino recebendo o livro, leu:

« Eu ia de Morges para Iverdun a uma festa, no caminho encontrei um homem, cujo vestido, tanto quanto a madrugada me deixava perceber, era a insignia da miseria, insignia de que a maior parte dos homens affasta os olhos, porque lhes excitaria a tentação de praticarem uma obra boa, e que tantos homens desprezão, porque não sabem vêr o merecimento, que muitas vezes ella esconde. »

« A figura deste homem, e a de um carneiro, que o seguia, me prevenírão a seu favor. = Não vindes de Morges, meu amigo? = Sim, Senhor, eu era magarefe nessa Cidade. = Qual foi a causa que vos obrigou a sahir dalli! = Ah! Senhor, este carneiro!... Um tal exordio exci-

tou a minha curiosidade; eu lhe roguei com instancia para me contar a sua historia, o que elle fez pela maneira seguinte. »

« Nasci de pais pobres: obrigárão-me a tomar a profissão de magarefe para que tinha toda a repugnancia; mas de seis filhos, que eramos na familia, nenhum havia ainda desobedecido ás ordens de meu pai, e eu não queria ser o primeiro. Em quanto viveu meu pai, fiz com todo o cuidado a minha obrigação; tê-la-hia continuado ainda agora do mesmo modo, se o meu patrão não tivesse exigido de mim mais do que eu podia. Entre o rebanho, que guardava, me tinha affeiçoado a um carneiro; o bruto tambem me amava igualmente. (Neste lugar da sua narração elle deu no costado do animal, que conduzia, duas pequenas pancadas, que me dizião: *é este.* O meigo bruto alevantou então docemente a cabeça para o seu senhor, e lhe lambeu as mãos com um ar como que me respondia, *sou eu.)* Elle me seguia para toda a parte:

tinha para comigo lugar de amigos, e de parentes: dava-lhe ametade do meu pão, e não me fazia falta: era tão bom o pobre animal, que vós mesmo não deixarieis de lhe dar do vosso. Por tanto, quando havia de levar alguma rez ao matadouro, já sabeis que nunca era elle o que eu tomava. Pouco a pouco o rebanho se consumiu; e apezar de todas as minhas instancias para o salvar, meu amo quiz obrigar-me a matar o meu carneiro. Debalde tentei obedecer-lhe; quando alevantava o cutelo para o ferir, o pobre animal olhava para mim com um ar... parecia reprehender-me da minha crueldade, e depois me lambia; as lagrimas então me saltavão dos olhos, e o cutelo me cahia das mãos.»

«Finalmente, disse eu a meu amo, antes me matem a mim, que obrigar-me a semelhante assassino. As minhas palavras o enchem de cólera; tracta-me de pusillanime, de vil... Talvez eu faria mal, mas era por amizade ao meu pobre carneiro. Meu amo então me despede; eu ti-

Fazer mal aos animaes, he
indicio de máo caracter.

nha algum dinheiro, e foi quanto bastou para comprar o meu carneiro. Eu me vejo bem pobre, accrescentou elle affagando-o, mas eu não me queixo de ti. » *Est.* 11.

Felicia.

Oh! Que tão galante historia! deveria lêr-se a todos esses homens crueis que matão os pobres animaes.

O Pai de Familias.

Moderai, minha filha, esse vosso excesso de sensibilidade. Devemos abster-nos de fazer algum mal aos animaes; porém quando se tracta das nossas precisões, não póde haver crueldade, nem mesmo em lhes dar a morte, pois que a natureza tem feito disso uma lei. Mas se para nossa nutrição, e sustento somos obrigados a matar o boi, o frango, e mil outros animaes innocentes, ao menos podemos dispensar-nos de os atormentar inutilmente. Ha, dizem, em Inglaterra uma lei, que prohibe maltractar os cavallos sem motivo, e de os opprimir debaixo de cargas, com

que não podem: uma tal lei é digna de verdadeiros homens. Deus nos deu a preeminencia sobre todos os entes, que habitão a terra comnosco; até mesmo tem feito depender a nossa existencia de uma multidão de creaturas; tem posto porém nos nossos corações a sensibilidade, que nos prohibe usarmos deste direito como o farião os tigres: por esta razão aquelle, que suffoca esta sensibilidade, e despreza a voz da natureza, que falla no seu coração para lhe mandar ser humano, quando mesmo a precisão o obriga á deshumanidade, este vai nisso contra a vontade do Auctor da Natureza. Não póde por tanto ser inteiramente innocente: de certo não póde ficar contente da sua brutalidade; e, pois que a sua consciencia o condemna, elle é culpado.

SEGUNDA PARTE.

DA VIRTUDE.

OITAVA CONVERSAÇÃO.

O Pai de Familias.

Vamos agora examinar, meus filhos, o que é Virtude; e o que o homem deve fazer para ganhar o bellissimo titulo de *Virtuoso*.

Lembra-vos a definição, que vos dei da Virtude? Repete-a tu, Paulino.

Paulino.

Dissestes-nos meu querido pai, que a Virtude consistia em fazer o bem sómente pela satisfação de o fazer sem esperança de reconhecimento, ou retribuição de outro bem semelhante; e accrescentastes que a palavra *Virtude*, que significa *força*, *valor*, é quem nos dá a entender, que devemos ter bastante animo para fazer o bem, mesmo contra o nosso proprio interesse.

O Pai de Familias.

Agora vejo, meu filho, que me tens ouvido com fructo. Dize-me tu, Felicia, em que consiste ser mais bello seguir os preceitos da Virtude, do que limitar-se unicamente aos da Moral?

Felicia.

A resposta me parece conter-se na propria definição, que nos déstes da Virtude. Seguindo os preceitos da Moral só pagâmos uma divida em que não fazemos mais que anticipar o pagamento; pelos da Virtude porém damos generosamente; e é muito mais bello fazer o bem pelo proprio bem, do que por qualquer outro motivo menos desinteressado.

O Pai de Familias.

Destes principios, meus filhos, talvez queirais concluir, que a Virtude vale mais para felicidade do Mundo, do que a simples Moral.

Felicia.

Em quanto a mim não tenho nenhuma dúvida em o dizer.

O Pai de Familias.

E se eu vos mostrar que a Moral é mais util, que direis vós?

Felicia.

Oh! Diria que pertendieis destruir o mais bello sentimento, que nos tendes inspirado.

O Pai de Familias.

Consolai-vos, minha querida filha; eu nunca destruirei os bons sentimentos, que nascem no vosso coração: o que pertendo só é rectificar as vossas idéas.

A Moral é a base de quanto bem se faz no mundo; hoje dou-vos os meus cuidados, os meus dias, e a minha ternura; todos estes beneficios já eu recebi dos meus respeitaveis pais; vós os dareis igualmente a seu tempo a vossos filhos: eu pago por tanto uma divida preciosa, que sereis obrigados a pagar do mesmo modo; vós vos abstendes de fazer o mal para que vo-lo não fação; dais, porque tendes precisão de receber: eis-aqui as leis do mundo. E que pen-

sais vós que sería o genero humano, se estas leis fossem despresadas? Tudo sería transtornado, meus filhos. Que os homens todos, pelo contrario, as respeitem com a mais escrupulosa fidelidade, e a terra virá a ser uma verdadeira morada da innocencia, aonde cada um se ajudará reciprocamente nas suas precisões. Taes são os beneficios da Moral; a Virtude não é mais que o seu complemento; ella augmenta a gloria do homem, e a felicidade da humanidade, mas só a Moral lhe é de necessidade.

Mas não vos venha á lembrança, meus bons amigos, acreditar que eu pertenda acanhar as vossas almas, e dispensar-vos de fazer todo o bem que estiver em vosso poder. Ah! não temâmos nunca o fazer bem de mais; quasi sempre nos achâmos tanto áquem dos nossos deveres, que alguns esforços generosos de mais podem pagar ainda mui levemente o que devemos.

Vejamos, meus filhos, quaes são as principaes Virtudes do homem.

Eu porei á frente de todas *o sacrificio pelos seus semelhantes*. E' deste sentimento generoso, que nos leva a esquecer-nos de nós em beneficio dos outros, que dimana todo o bem que fazemos.

Fallar-vos-hei em segundo lugar, de uma Virtude, que suppõe no coração daquelle, que a pratica, mais valor ainda do que é necessario para se sacrificar á felicidade alheia, que é a *de fazer bem pelo mal que se nos tem feito*.

Finalmente, terminaremos esta parte por um epilogo das *Virtudes pessoaes*; quero dizer, daquellas, que são relativas a nós sómente.

Do sacrificio aos seus semelhantes.

O Pai de Familias continuando.

Como é mais proveitoso pôr-vos em estado de raciocinar sobre o que vos proponho, que encher eu mesmo este encargo, explique-nos Paulino, que é o que elle entende por *sacrificar-se aos seus semelhantes*.

Paulino.

Entendo que o homem verdadeiramente virtuoso deve estar sempre prompto a sacrificar-se por todos os seus semelhantes, que tem necessidade dos seus soccorros.

O Pai de Familias.

Mas nestes sacrificios generosos, não ha uma ordem que guardar? Deveremos sacrificar-nos por um desconhecido, com preferencia a um amigo, ou um parente?

Paulino.

Oh! isso não: é natural que soccorrâmos nossos parentes primeiro que os estranhos.

O Pai de Familias.

Ponhamos pois algum methodo nos nossos raciocinios: estabeleçamos já por principio, que todos se devem aos seus semelhantes; mas que em circumstancias, que igualmente exijão os nossos soccorros: devemos attender primeiro que tudo *á nossa*

familia, logo depois *á nossa Patria*, e por fim *a todo o mundo*.

Paulino.

Assim tambem é que eu o entendo; se eu não tivesse mais que um unico bocadinho de pão, e soubesse que estaveis em uma urgente precisão delle, é certo que, se eu tivesse bastante virtude para preferir a vida de qualquer outro á minha, seria a vós, meu querido pai, que eu traria o meu ultimo sustento, e não ao estranho, que experimentasse a mesma desgraça.

O Pai de Familias.

Tambem dessa mesma maneira é que raciocinaria um pai a respeito de seus filhos.

Felicia.

O' meu querido pai, o que acabais de dizer me faz lembrar de um caso admiravel da parte de um pai para com sua familia. Eu o li ha já muito tempo, mas nunca me ha de esquecer. Tu vais vêr, Paulino, até

que ponto um bom pai chega a sacrificar-se por seus filhos.

« Um pobre homem chamado Jacó, que ganhava a sua vida trabalhando quanto podia, tinha quatro filhos, e sua mulher que sustentar. Era para elle um grande pezo; mas em quanto pôde supprir a esta despeza, nunca se queixou; não erão os trabalhos, erão sómente as precisões da sua querida familia que o atormentavão. Este infeliz, e pobre Jacó ganhava tão pouco, que muitas vezes faltava ao necessario a si, para o dar a seus filhos, mas então elle soffria só, e este homem tinha um animo, que o punha superíor á propria afflicção. »

« Entre tanto, a pesar de todos os seus cuidados, vigilias, e obstinação em combater a sua triste sorte, Jacó se viu opprimido pela mais terrivel miseria. Sua mulher, e seus filhos sentírão a mais cruel das precisões, a fome, e pedírão pão chorosos, e gemendo. Jacó não podia fazer mais que chorar com elles; mas em fim, vencendo o pejo que sente o homem

de honra em implorar o soccorro dos passageiros, e desconhecidos que o desprezão, este desgraçado sahe de casa, mendiga, roga com voz tímida, e o rosto banhado em pranto, com que adoça a sua miseria. A sua voz foi surda, as suas lagrimas não forão vistas. Se por acaso lhe davão alguma cousa, era tão limitado soccorro, que sua mulher, e seus filhos só retardavão o fim da sua existencia por poucos instantes.»

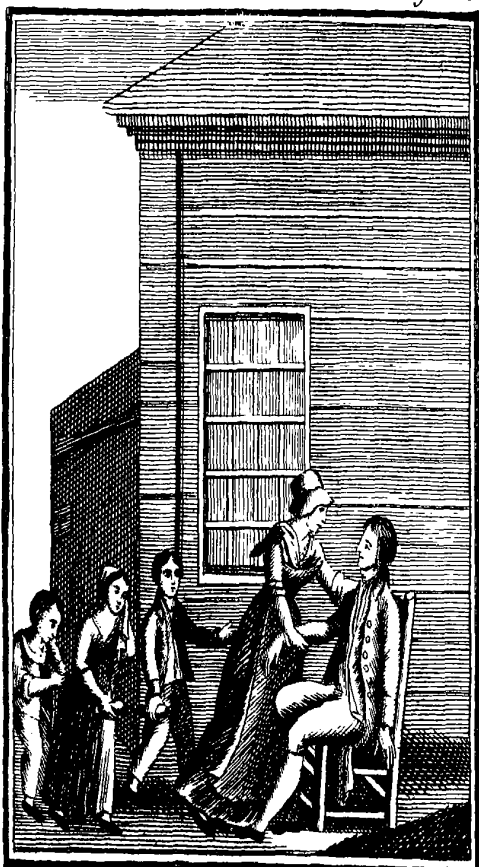
«Entregue á desesperação este desgraçado, corre furioso pelas ruas; alli encontra um dos seus camaradas, quasi tão indigente como elle. Este tocado da dôr, em que vê a Jacó, lhe pergunta o motivo: estou perdido: (lhe respondeu o pobre homem) minha mulher, e meus filhos ainda não comêrão desde hontem ao jantar, e... eu não sei o que faça... é preciso morrer. = Meu amigo, lhe diz o outro, todo penetrado da sua situação, eis-aqui um vintem: é quanto posso dar-te; mas se queres ganhar algum dinheiro, eu te vou descobrir um meio: = Farei tudo,

responde Jacó, com vivacidade, farei tudo, excepto o que fôr contra a probidade. = Pois bem: (continúa o seu camarada) vai a tal sitio, a casa de tal pessoa: ella aprende a sangrar, por isto te dará algum dinheiro. »

« Não quiz mais ouvir: Jacó vôa a casa da pessoa indicada; sangrão-no no braço, e recebe a paga. Sabe de outra pessoa em outro sitio; lá corre, e se deixa sangrar no outro braço. Este homem tão respeitavel, quanto digno de lastima, transportado de alegria, compra pão, torna precipitadamente a sua casa, e o reparte entre sua mulher, e seus filhos. Um instante depois estes o vêm mudar de côr; elle se assenta; o sangue lhe corre dos braços. = Ah! Meu esposo! Ah! Meu pai! Que tendes, lhe perguntão todos? Vos deixastes sangrar! = Minha querida esposa! Meus queridissimos filhos! lhes diz elle com um profundo suspiro, e tendo-os a todos estreitados nos seus braços, foi!... sim, foi para vos trazer esse bocado de pão. *Est.* 12 »

responde Jacó, com vivacidade, farei tudo, excepto o que fôr contra a probidade. = Pois bem: (continúa o seu camarada) vai a tal sitio, a casa de tal pessoa: ella aprende a sangrar, por isto te dará algum dinheiro. »

« Não quiz mais ouvir: Jacó vôa a casa da pessoa indicada; sangrão-no no braço, e recebe a paga. Sabe de outra pessoa em outro sitio; lá corre, e se deixa sangrar no outro braço. Este homem tão respeitavel, quanto digno de lastima, transportado de alegria, compra pão, torna precipitadamente a sua casa, e o reparte entre sua mulher, e seus filhos. Um instante depois estes o vêm mudar de côr; elle se assenta; o sangue lhe corre dos braços. = Ah! Meu esposo! Ah! Meu pai! Que tendes, lhe perguntão todos? Vos deixastes sangrar! = Minha querida esposa! Meus queridissimos filhos! lhes diz elle com um profundo suspiro, e tendo-os a todos estreitados nos seus braços, foi!... sim, foi para vos trazer esse bocado de pão. *Est.* 12 »



Minha querida esposa! Meus queridissimos filhos... foi... sim. foi para vos trazer esse bocado de pão

Daqui pódes julgar, meu irmão, quaes deverião ser os sentimentos da sua familia, quando souberão deste sacrificio extraordinario. Por certo este bom pai era amado, como merecia.

O Pai de Familias.

Este caso é tão bello, como tu dizias, minha filha; elle vos bastará para exemplo do que a Virtude obriga a fazer a bem da nossa familia. Vejamos em que consiste *sacrificio ao Rei, e á Patria*, dize-o tu, Paulino.

Paulino.

Este sacrificio consiste em preferir o interesse do Rei, e da Patria ao proprio interesse, e em dar por elle, e por ella a vida, quando a necessidade o pede.

O Pai de Familias.

Muito bem: desse modo um Principe a bem de seus subditos; um Magistrado a bem do seu Principe, e dos seus Concidadãos; que, longe de se occuparem sómente da

sua ambição, sacrificarem todo o seu tempo, a sua fortuna, até mesmo a propria saude a bem da felicidade geral, são homens verdadeiramente virtuosos.

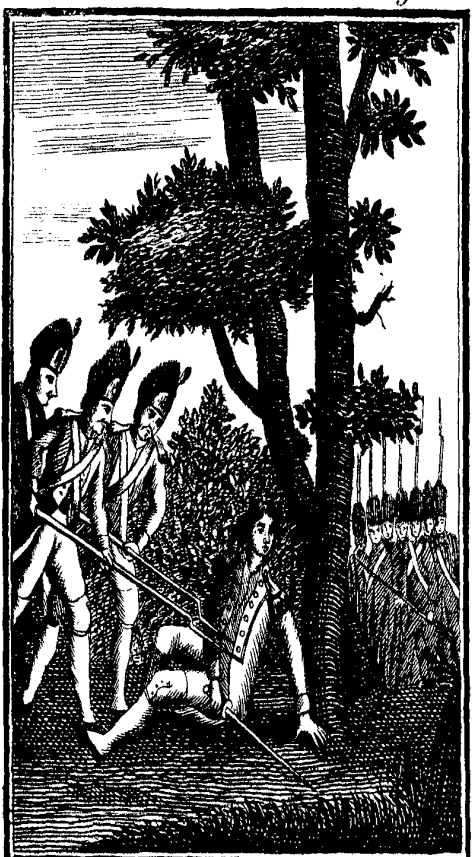
O simples Cidadão, que toma sobre os seus bens a despeza de algum estabelecimento público como v. gr. uma estrada, um hospital, etc., igualmente faz um sacrificio de si á sua Patria.

Finalmente aquelle que dá mais, e a quem ordinariamente se leva em conta menos, é o Militar, que se expõe á morte para conservar as leis do seu paiz, e livrar os seus Concidadãos de uma escravidão estrangeira.

Paulino.

Para dar a minha irmã uma idéa dos sacrificios do Militar, eu vou contar-lhe a morte do moço *d'Assas*.

«*D'Assas* era Capitão no Regimento *d'Auvergne*; no curso da guerra de 1770, achando-se uma noite em um posto de campanha juncto a um bosque, metteu-se por elle só, para evitar ser surprehendido.



Auvergne, faze fogo, temos inimigos. Mal tem proferido estas palavras, he traspassado de muitos golpes, e cahe victima da sua dedicação heroica.

Apenas tinha dado alguns passos, quando se sentiu rodeado por uma patrulha de inimigos, que pondo-lhe as baionetas sobre o peito, o ameaçárão de morte, se dissesse uma só palavra. Este silencio, favorecendo a emboscada, causaria a derrota da maior parte do Exercito Francez: *D'Assas* não balanceou um instante em dar a sua vida pela salvação dos seus camaradas; grita logo com todas as suas forças: *Auvergne! faze fogo, são inimigos!* Mal tem proferido estas palavras, quando é traspassado de muitos golpes, e cahe victima de seu sacrificio heroico. Tal é a virtude do Militar.» *Est.* 13.

O Pai de Familias.

Esta morte lhe valeu entre nós uma reputação immortal; e Deus, que vê o fundo dos nossos corações, e que não deixa nenhuma acção boa sem recompensa, coroou de certo na morada dos justos um sacrificio, que foi menos um acto de valor, que de humanidade.

Eu não vos apresentarei, meus

filhos, umas apoz outras, as differentes especies de virtudes, com que o homem é capaz de honrar-se a respeito dos seus semelhantes: o vosso coração vo-lo dirá sempre que praticardes o bem; e cada vez que sentirdes em vós um louvavel impulso para o obrar, não temais de entregar-vos a elle sem reserva. Examinemos o que sejão *Virtudes pessoaes.*

Das Virtudes pessoaes.

Por esta expressão, deveis entender, meus filhos, os esforços que um coração generoso faz sobre si mesmo para reprimir os desejos perniciosos, que nelle se levantão.

A' primeira vista parece que as nossas paixões, e os nossos vicios, só podem fazer-nos mal a nós; chegando porém a depravar-nos, elles nos fazem funestos tambem a quantos nos cercão. O golotão, e o bebedo estragão a sua saude, e arruinão as suas familias; o perguiçoso faz duplicadamente soffrer, com a sua indulgencia, e com a miseria que sem-

pre a acompanha, aquelles a quem o seu trabalho devia sustentar; nós já ponderámos em Alexandre, o Grande, os terriveis effeitos da colera, e do vinho. Todas as paixões se tornão perigosas, quando se não reprimem na sua origem. E' pois alli que se ha de applicar principalmente todo o nosso esforço. Por esta razão, meus amados filhos, quando sentirdes em vós alguma inclinação viciosa, suffocai-a sem pena; nenhuma indulgencia tenhais com esses primeiros desejos, que tanto nos lisonjeão no principio, e por fim nos perdem.

Ha uma virtude pessoal, que é mais vantajosa a nós do que aos outros, e por isso a devemos cultivar com mais cuidado, porque nos conserva em nossa dignidade: é *a paciencia em soffrer os males, e as desgraças inevitaveis.* Aquelle que ao primeiro mal, que o accommette, se lamenta, e se queixa da sorte, é um fraco, um pusillanime, que ainda não reflectiu que neste mundo estamos todos continuamente expos-

tos a soffrer; e que as suas queixas não fazem mais que envilecê-lo sem lhe buscarem remedio: o que cahiu em desgraça, e não sabe soffrer com resignação a sua sorte, está mui perto de commetter uma vileza para mudar de fortuna. O valor no soffrimento ennobrece a desgraça, e diminue as penas, que a acompanhão. Escutai algumas passagens da historia de um homem, que no maior auge da infelicidade mostrou uma alma, que o poz acima da propria dôr.

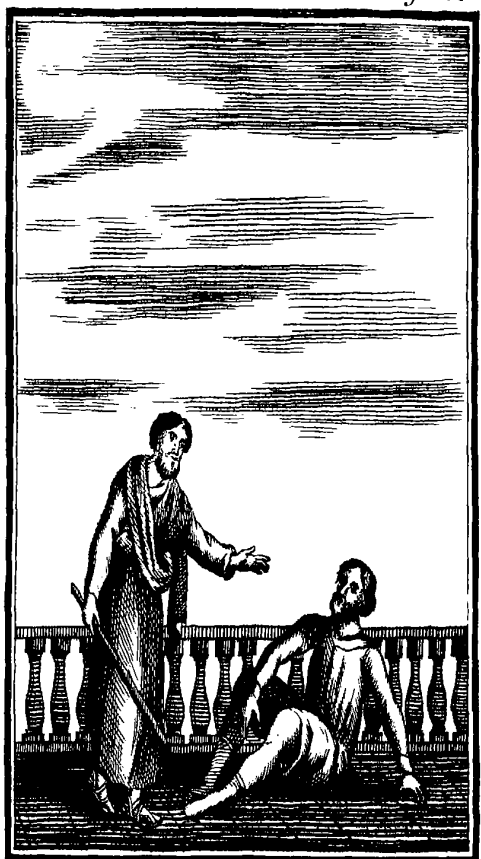
« *Epicteto* era fraco de corpo, contrafeito, e por cumulo de desgraça, escravo de um máu homem, que o tractava com menos piedade ainda do que se costuma tractar um animal que criamos para os caprichos, ou para as precisões; por tudo tinha elle bastantes motivos de queixar-se; mas de que lhe servirião as suas vozes? *Eu me acho*, dizia elle, *no lugar, em que a Providencia me quiz pôr; queixar-me, é offendê-la.* Olhava com razão, como signal de um coração corrompido, a consolação daquelles, que se alegrão vendo os

outros soffrer desgraças iguaes ás suas. *Que*! exclamava elle em tal caso, *se nos condemnassem a perder a cabeça, seria preciso que o genero humano todo fosse condemnado ao mesmo supplicio*? Elle supportava a sua extrema pobreza como os seus outros males. *Nós commettemos grande culpa*, dizia, *attribuindo á pobreza a nossa desgraça*; *é a ambição, são os nossos insaciaveis desejos quem sós nos fazem realmente miseraveis. Ainda que fossemos senhores do mundo inteiro, a sua posse não nos livraria dos nossos receios, nem dos nossos desgostos: a razão só é quem tem este poder.* A sua conducta era conforme aos seus principios: eis-aqui uma prova bem convincente. Seu Senhor, na occasião de um desses caprichos ordinarios nas pessoas crueis, lhe deu um dia uma grande páulada em uma perna. Epicteto o advertiu com todo o sangre frio que lha quebraria. O barbaro repetiu de tal sorte, que com effeito lhe quebrou a canella; o sabio lhe disse então sem se alterar: *Não vos tinha*

eu advertido que a havieis de quebrar! *Est.* 14.

Referindo-vos semelhantes exemplos, meus filhos, eu não pertendo obrigar-vos a imitá-los á letra: ha uma certa força de animo que só coube em quinhão a algumas almas privilegiadas; querer exigir esta força de todos os homens indifferentemente sería quasi uma tyrannia; o meu fim é ensinar-vos a resistirdes aos trabalhos, e desgraças da vida com bastante força para vos não envilecerdes fazendo queixas pusillanimes, e ainda menos commettendo acções reprehensiveis.

Fallemos agora de uma virtude que corôa todas as outras, e as faz parecer ainda mais bellas do que ellas são; é a *Modestia*, meus filhos; quero dizer, *essa modestia, que nos leva a fazer o bem só pelo bem*, e não para nos gabarmos de o haver feito. Aquelle, que é prestadio só para ter a vã gloria de o publicar, é um orgulhoso, mal creado, que ajuncta a humiliação ao beneficio. O bem que se faz por virtude, e que



Não vos tinha eu advertido que
ma havieis de quebrar?

só tem um merecimento completo, é o que se faz no silencio. Eu vou, meus queridos filhos, referir-vos um exemplo illustre, e que vos obrigo a imitar. O homem que no-lo deixou é um dos mais celebres philosophos da Nação Franceza, *Montesquieu*, auctor de uma obra immortal, intitulada: *O Espirito das Leis.*

« Este grande homem se achava em Marselha, e passeava uma tarde pela praia do mar. Um mancebo chamado Roberto esperava que alguem entrasse no seu bote. Montesquieu entrou; mas um instante depois se determinava a sahir sem embargo da presença de Roberto, que não suppunha ser o dono do bote. Elle diz, o arraes não apparece, passo a outro. Senhor, lhe diz o moço, este bote é meu, quereis sahir do porto? = Não, Senhor, já não ha mais de uma hora de dia; queria sómente fazer alguns giros na bahia, para gozar da frescura do ar, e da belleza da noite. Mas vós não me pareceis marinheiro, nem tendes os modos desta profissão. = E' ver-

dade que não sou marinheiro, lhe torna o mancebo, só para ganhar algum dinheiro é que nos Domingos, e dias Santos, eu uso deste officio. Que! tão moço, e já avarento! lhe diz Montesquieu; isso deshonra a vossa juventude, e diminue muito o interesse, que inspira a vossa concertada physionomia. = Ah! Senhor! se soubesseis o porque desejo tanto ter dinheiro, de certo não accrescentarieis á minha dôr a de me julgardes de um caracter tão infame. = Talvez vos offendi, replicou Montesquieu, mas vós não vos explicastes bem. Façâmos o nosso passeio, e me ireis contando a vossa historia. »

« A minha desgraça, diz o mancebo, fazendo andar o bote, é a de ter meu pai em ferros, e não poder libertá-lo. Meu pai era Curtidor nesta Cidade; e tinha conseguido, pelas suas economias, e as de minha mãi, no commercio das modas, um interesse sobre um navio carregado para Smyrna: quiz elle ir pessoalmente negociar a sua fazenda, e escolher a que havia de carregar. O

navio foi tomado por um corsario, e conduzido a Tetuão, aonde meu infeliz pai vive escravo com o resto da equipagem. São precisos dous mil escudos para o resgate; mas como houvesse empregado todo o seu cabedal para tornar a sua empreza mais importante, estamos muito longe de poder ajuntar esta somma; comtudo minha mãi, e minhas irmãs trabalhão aturadamente, eu faço outro tanto em casa de meu mestre, no officio de ourives que aprendi; e de mais busco aproveitar como vêdes os Domingos, e dias Sanctos. Todos da familia temos cortado até sobre as precisões da primeira necessidade: uma unica, e muito pequena casa é toda a nossa habitação. Ao principio intentei eu ir tomar o lugar de meu pai, e dar-lhe a liberdade, carregando-me dos seus ferros; já estava a ponto de executar este projecto, quando minha mãi, que o soube, não sei por onde, me desenganou de que elle era tão impraticavel como chimerico, e fez prohibir a todos os Capitães do Levante acceitarem-me a seu

bordo. = E tendes recebido alguma vez noticias de vosso pai, pergunta Montesquieu? Sabeis quem seja o seu patrão em Tetuão? Quaes são os trabalhos que lá soffre? = O seu patrão é o Intendente dos Jardins do Bei; tractão-no com humanidade; e os trabalhos em que o empregão não excedem ás suas forças. Porém nós não estamos na sua companhia para o ajudarmos; elle está longe de nós, longe de uma esposa querida, e de tres filhos, a quem sempre amou com ternura. = Que nome tem elle em Tetuão? = Não mudou o nome, lá se chama Roberto, como aqui se chamava em Marselha. = Roberto, em casa do Intendente dos Jardins do Bei? = Sim Senhor. = A vossa desgraça me consterna, pelos vossos sentimentos, atrevo-me a presagiar-vos uma melhor sorte, eu vo-la desejo bem sinceramente. Gozando da frescura pertendia entregar-me á solidão; não me estranheis, meu amigo, se me abandono ao silencio. =

« Logo que anoiteceu, Roberto teve ordem de chegar para terra

Então Montesquieu sahe do bote, põe-lhe nas mãos uma bolsa de dinheiro; e sem lhe dar tempo para os agradecimentos, se retira com precipitação. Havia na bolsa oito dobres luizes de oiro, e dez escudos em prata. Semelhante generosidade fez nascer a mais alta opinião do que foi capaz de a praticar; mas foi debalde que Roberto poz todas as diligencias possiveis para o alcançar, e agradecer-lhe. »

« Seis semanas depois desta época, esta familia honrada, que continuava sem repouso nos seus trabalhos para inteirar a somma que precisava, comia um jantar frugal, só composto de pão, e fructas seccas; quando vê entrar pela porta dentro a Roberto, o pai, mui aceadamente vestido, que a surprehende no meio da sua dôr, e da sua miseria. Julgue-se do espanto de sua mulher, e seus filhos; dos seus transportes, e da sua alegria! O bom Roberto se lança nos seus braços, e se desfaz em agradecimentos pelos cincoenta luizes, que lhe derão quando se embarcou no

navio, aonde a sua passagem, e comidas estavão já pagas adiantadas, e tambem pelos bons, e decentes vestidos, que alli logo lhe apresentárão; faltão-lhe as expressões para reconhecer tanto zelo, e tanto amor da sua querida familia.»

«Uma nova surpreza poz a todos immoveis, olhavão-se uns para os outros espantados. A mãi emfim rompe o silencio: ella imagina que foi seu filho quem fez tudo: então conta a seu marido o como, desde o principio da sua escravidão, o seu Roberto queria anciosamente ir tomar o seu lugar, e como ella lhe havia obstado. Erão necessarios seis mil francos para o resgate; nós já tinhamos (continúa ella) um pouco mais de ametade, cuja melhor parte erão os fructos do seu trabalho; talvez achou amigos, que o ajudárão nos seus bons desejos. De repente, pensativo, e taciturno, o pai se mostra consternado, depois, virando-se para o filho: Desgraçado! que fizeste! porque modo te posso eu dever a minha liberdade sem que cho-

re pelo meu captiveiro? Como póde ser um segredo para tua mãi, sem a teres comprado á custa da virtude? Na tua idade, filho de um desaventurado, de um escravo, não se encontrão assim os meios licitos que te erão precisos. Eu tremo de pensar que o amor paternal te haja induzido ao crime. Desengana-me, falla verdade, e morramos todos se podeste cessar de ser honrado. Socegai-vos meu pai, responde o filho, abraçando-o; vosso filho não é indigno deste titulo, nem bastante venturoso para vos poder provar quanto lhe sois querido. Não é a mim que deveis a vossa liberdade; eu conheço muito bem o nosso bemfeitor. Lembra-vos, minha mãi, desse desconhecido que me deu a sua bolsa? Elle me fez todas as perguntas ácerca do captiveiro de meu pai. Certamente foi elle o nosso bemfeitor; eu gastarei o resto da minha vida em procurá-lo; eu o acharei por fim, e elle virá a nossa casa gozar do espectaculo dos seus beneficios. Depois elle conta a seu pai a anecdota do

desconhecido, e o assegura por este modo sobre os seus receios.»

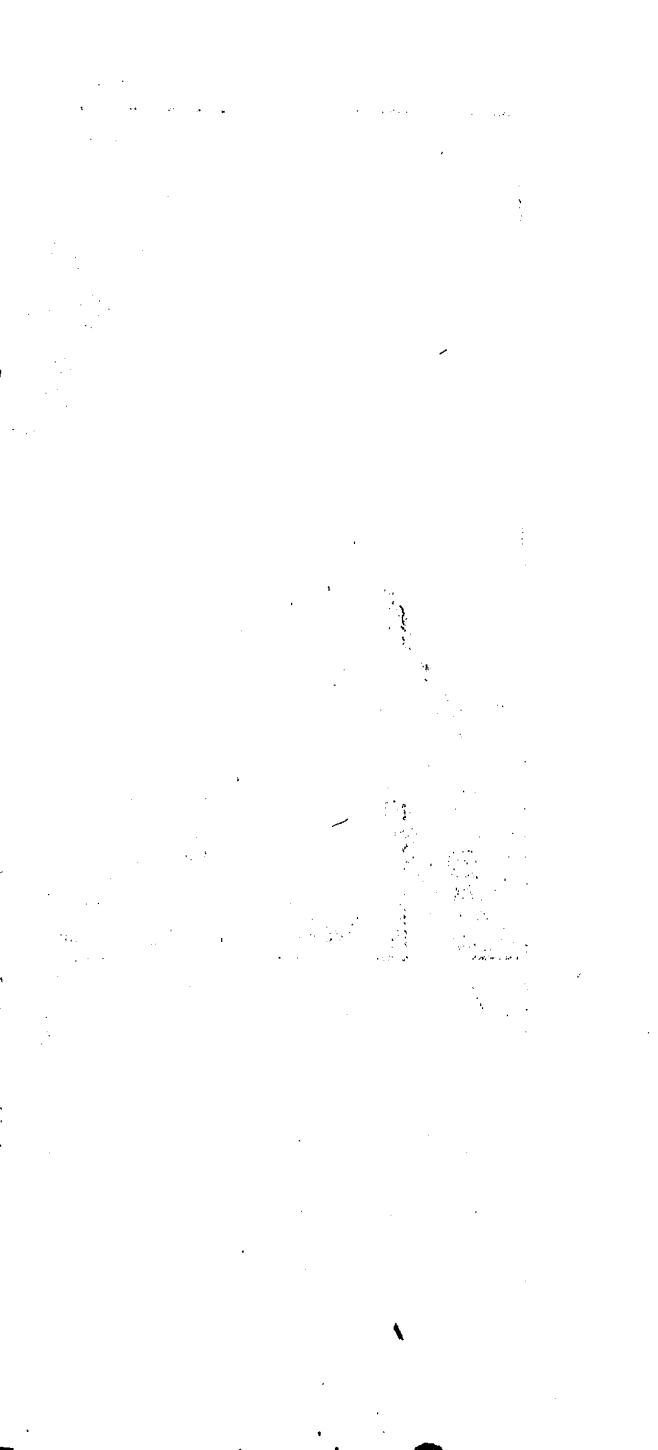
«Restituido á sua familia, Roberto achou logo amigos, e soccorros; os interesses forão muito além das suas esperanças. No fim de dous annos, elle pôde firmar a sua commodidade: seus filhos a quem neste meio tempo havia estabelecido, tomavão parte na sua ventura; esta sería sem desgostos, se as diligencias contínuas do filho podessem descobrir este bemfeitor, que com tanto cuidado se escondia ao seu reconhecimento, e aos seus votos. Finalmente, elle o chega a encontrar um domingo, passeando no caes. Ah! E' elle! O' meu bemfeitor! foi esta a unica palavra que pôde pronunciar lançando-se-lhe aos pés; aonde ficou prostrado perdidos os sentidos. Montesquieu se apressa a soccorrê-lo, e lhe pergunta pela causa do seu estado.=Que! Senhor; podeis vós ignora-la, lhe responde o mancebo? Já vos esquecestes de Roberto, e da sua desgraçada familia, a quem tornastes á vida, restituindo-lhe seu pai?

=Enganais-vos, meu amigo, diz o virtuoso Montesquieu, que queria absolutamente ser desconhecido, enganais-vos, vós não podeis conhecer-me: estrangeiro em Marselha, só cheguei aqui ha poucos dias. =Tudo assim será; mas lembrai-vos que ha vinte e seis mezes tambem aqui estivestes; lembrai-vos do passeio que então fizestes no porto; o interesse que tomastes na minha desgraça, as questões que me fizestes sobre as circumstancias que vos podião instruir, e dar-vos as luzes necessarias para serdes o nosso bemfeitor. Libertador de meu pai, podereis vós esquecer-vos de que sois o redemptor de uma familia inteira, que nada mais deseja do que ver-vos? Não vos escuseis aos seus votos, e vinde vêr os bemaventurados que fizestes. =Já vo-lo disse, meu amigo, estais equivocado. =Senhor, eu não me engano; as vossas feições estão mui vivamente gravadas no fundo do meu coração, para poder desconhecer-vos. Ah! vinde, vinde pelo amor de Deus. »

« Ao mesmo tempo, o mancebo lhe pegava pelo braço, e lhe fazia uma especie de violencia para o trazer comsigo. Uma multidão de povo já começava a ajuntar-se ao redor delles. Então Montesquieu, para se desembaraçar inteiramente, levanta a voz com um tom mais grave, e firme: = Senhor, diz elle, esta scena já começa a desgostar-me. Alguma parecença minha occasionou o vosso erro: recobrai a razão, ide para a vossa familia, e buscai entre ella a tranquillidade de que me pareceis ter toda a precisão. » =

« Que crueldade, exclama então o moço Roberto! Bemfeitor desta familia, porque razão, quereis perturbar, com a vossa resistencia, a felicidade de que ella goza, e de que a vós só é devedora? Ficarei debalde a vossos pés! Sereis assaz inflexivel para rejeitar o tributo que devemos, ha já tanto tempo, á vossa sensibilidade? E vós todos, que estais presentes; vós a quem a perturbação, e a desordem em que me acho devem enternecer, juntai-vos

Ah! He elle. O' meu bemfeitor!... foi o que pôde pronunciar lançando se-lhe aos pés. aonde ficou prostrado perdidos os sentidos



so reconhecimento deve dar a tudo quanto se faz de bem no mundo. Eu digo *nosso* reconhecimento, porque, ainda que não seja a nós feito o beneficio, devemos sempre dar muitas graças a todo o auctor de qualquer obra boa: deve ser sempre para nós motivo de alegria, que se faça qualquer bem na terra; e a nossa indifferença a este respeito sería uma verdadeira ingratidão: sería signal de não termos algum amor pela virtude.

Estou mui certo, meus filhos, que, o que acabo de vos contar, vos fez uma saudavel impressão. Sirva-vos tudo de lição, que vos ensine o como as pessoas verdadeiramente boas sabem prestar serviços ao proximo. Uma tal delicadeza é tão meritoria diante de Deus, como diante dos homens. Possa o quadro da Familia de Roberto instruir-vos duplicadamente; o moço Roberto foi o exemplo dos bons filhos; é sobre elle que vos deveis modelar.

Fazer bem a quem nos faz mal.

Eis-aqui agora a mais bella, a mais nobre, e a mais difficil das virtudes. Eu vo-la guardei para ultima de todas. Se tendes valor de fazer bem a quem só vos fez mal, eu respondo por vós; todas as outras virtudes só vos parecerão simples jogos. Sem dúvida, á primeira vista parece impossivel que sintamos a mais pequena inclinação para penhorar aquelle, que tem tomado á sua conta escandalisar-nos: obsequiai-o comtudo vós; constrangei-o até este ponto; e depressa vos cobrireis de alegria: então conhecereis todo o preço da victoria, que tiverdes alcançado sobre vós mesmos: estimar-vos-heis em mais, e tereis todo o direito para o fazer. Ainda isto não é tudo: tereis tomado do vosso inimigo a mais nobre das vinganças, e a unica que é permittida; ao mesmo tempo tereis repellido o odio do vosso coração; e por isso vos sentireis de tal modo superior ao vosso

inimigo, que nunca mais podereis odear. Se o seu coração não estiver inteiramente depravado, não poderá deixar de vos fazer justiça, até mesmo de ter por vós tão bons sentimentos, quanto antes os tinha máus. Se assim mesmo ainda se não rende, apparecerá desprezivel aos olhos dos outros, e vós ganhareis muito na comparação, que se fizer entre ambos. Finalmente, para melhor exprimir ao vosso espirito quanto é bella a generosidade, que nos leva a fazer o bem pelo mal, eu vou contar-vos um *apologo*, aonde se vê esta virtude bem extremada da probidade, e da humanidade.

« Um pai de familias, carregado de annos, e cheio de riquezas, quiz regular com antecipação a sua herança entre seus tres filhos, dividindo por elles a sua fortuna, fructo dos seus trabalhos, e da sua industria. Depois de haver feito tres porções iguaes, e assignado a cada um o seu quinhão: Ainda me resta, accrescenta elle, um diamante de grande preço: eu o destino para aquelle

de vós que melhor souber merecê-lo por alguma acção nobre, e generosa, e dou-vos tres mezes para vos pôrdes em estado de o alcançar.»

«No mesmo instante os tres irmãos se separão; mas tornárão a reunir-se no fim do tempo aprazado: todos elles se apresentão diante do seu Juiz, e eis-aqui o que o mais velho contou.»

«Meu pai, durante a minha ausencia, um estrangeiro se achou em circumstancias que o obrigárão a depositar na minha mão toda a sua fortuna; de mim elle não tinha segurança alguma por escripto, e nunca poderia achar-se em estado de produzir uma só prova, um só indicio do deposito que tinha feito; eu lho restitui porém fielmente, como o havia recebido: esta fidelidade não é ella em si uma acção louvavel? Tu fizeste, meu filho, respondeu o velho, o que devias fazer: de contrario haveria quanto é preciso para morrer de vergonha, o que fosse capaz de obrar de outra maneira; por quanto a probidade é um dever; a

tua acção é uma acção de justiça, e não de generosidade. »

« O segundo filho advogou a sua causa quando lhe coube, e pouco mais ou menos nestes termos: Achei-me no curso da minha viagem sobre a borda de um lago; um menino imprudente acabava de se deixar precipitar alli; estava a ponto de se affogar, eu o tirei do lago, e lhe salvei a vida á vista dos habitantes de uma Aldeia, que banhão as aguas deste lago, que poderão todos attestar a verdade deste facto. Assim será, interrompeu o pai, mas nesta acção tua ainda não ha nobreza, não ha mais que humanidade. »

« Finalmente, o ultimo dos tres irmãos fallou, e disse: Meu pai, eu achei o meu inimigo mortal, que havendo errado o caminho, de noite, adormeceu, sem o saber, na borda de um abysmo; de tal sorte, que ao menor movimento que fizesse quando acordasse, não podia deixar de se precipitar: a sua vida estava nas minhas mãos; eu tomei cuidado de o acordar com as precauções conve-

nientes, e o tirei desta situação fatal.»

«Ah! meu filho, exclama então o bom pai com transporte, és tu, sem contradicção alguma, o que ganhaste o diamante.»

TERCEIRA PARTE.

DA CIVILIDADE.

NONA CONVERSAÇÃO.

DA CIVILIDADE EM GERAL.

O Pai de Familias.

Passemos agora a examinar finalmente o modo, por que uma pessoa se ha de conduzir no meio dos seus semelhantes, quando desempenhou a seu respeito tudo o que pede a Moral, e a Virtude. Mas antes de irmos mais longe expliquemos o que é *Civilidade*.

O termo Civilidade é derivado de outro, que significa *Cidade*; assim, na primitiva accepção, *Civilidade*, quer dizer, *maneira de viver dos habitantes de uma Cidade entre si*. Com effeito: a Civilidade comprehende todas as regras, segundo as quaes nos devemos conduzir na Sociedade. Com muito acerto foi ella

chamada Civilidade, pois que fazendo o commercio dos homens entre si mais facil, e agradavel, contribue muito para a sua civilisação. E na verdade uma Sociedade, aonde ninguem se constrangesse, aonde não houvesse nenhuns respeitos entre os individuos, offereceria mui poucos attractivos, e depressa faria entrar os homens no estado de selvagens. O ligeiro constrangimento, que nos temos imposto reciprocamente, não é, como algumas pessoas que não reflectem propendem a crer, uma simples convenção, uma etiqueta inutil; pelo contrario é uma lei nascida da precisão, um ramo do grande principio da natureza: *Faze aos outros o que quererias te fizessem*: e com razão; se quero que me saúdem com agrado, porque não hei de eu saudar os outros da mesma maneira? Quando me abstenho do que póde offender os que se achão comigo em companhia, não é para que me fação as mesmas attenções? Tal é a base da Civilidade entre os homens.

Já o deixámos dicto em outra parte; todos somos cheios de imperfeições moraes, e physicas; por tanto é do nosso dever escondermos uma parte destas imperfeições aos outros, e supportar as que elles ou não querem, ou não podem esconder-nos: eis-aqui o fim da Civilidade, e por este lado mesmo ella é um dever.

Paulino.

Que differença pondes vós entre *Polidez*, e *Civilidade*?

O Pai de Familias.

Muitas pessoas confundem estes dous termos; o uso porém que é só quem dá ás palavras a sua significação verdadeira, os separa deste modo: por *Civilidade* entendem-se todos os respeitos, que somos obrigados a guardar uns para com os outros: e por *Polidez* entendem-se essas simples attenções, que vem do costume, e que nada tem de util em si mesmas: deste modo, fazer um offerecimento obrigatorio, abster-se de tudo o que offenderia os

outros, eis-aqui o que é Civilidade; fazer porém um pequeno comprimento, apresentar o braço a uma pessoa, que póde muito bem andar sem encosto, não é mais que Polidez. A primeira por tanto nasce da Moral, a segunda vem do amor proprio.

Paulino.

Nesse caso, posso dispensar-me de ser polido?

O Pai de Familias.

De vagar, meu filho, de vagar; eu quero que faças distincção entre o que é util, e o que sómente depende do uso, a fim de que dês mais attenção a uma do que a outra destas duas cousas; se porém eu te obrigasse a viver, no que é relativo aos costumes, sómente segundo a estricta razão, far-te-hia um muito máu serviço. Quero fazer-te perceber isto melhor com uma supposição.

Imagina tu um homem, que no mundo quer formar para si uma regra de conducta segundo as simples leis do bom senso. Elle será sem

dúvida um perfeito homem honrado: da sua parte te deixará obrigado em tudo; mas parecerá ridiculo aos olhos do público, não porque com effeito seja ridiculo, mas porque se quer mostrar differente do resto dos homens. Se os outros usão de um vestido justo, elle quererá o seu largo, porque lhe é mais commodo; não fará *saudes*, quando bebe; não inclinará a cabeça á pessoa que espirra; entrará sem ceremonia em uma casa; tomará logo a primeira cadeira, se vem fatigado; porá o seu chapéu na cabeça diante de todos, perguntar-te-ha como passas, sem te ter saudado antes; finalmente, tomará da Civilidade quanto é realmente capaz de obsequiar os outros, e deixará á parte as ceremonias, que não são outra cousa mais que os signaes externos desta mesma Civilidade. Em tudo isto não fará um grande mal; mas será olhado por todos como um original: e as pessoas, que não julgão da polidez dos outros senão pelas cortezias que lhes fazem, lhe chamarão gros-

seiro. Por esta causa é muito mais razoavel para elle, o conformar-se com os usos recebidos; é tanto mais de razão proceder deste modo, quanto a conducta contraria póde escandalizar a muitas pessoas; que ha algumas, a quem uma simples omissão de polidez, dá mais pena, que uma verdadeira falta de procedimento: estas taes logo concluem, que é de proposito com intento de as insultarem que assim se obra: é isto uma miseria do espirito, merecem compaixão; mas por isso mesmo que tão pouca cousa lhes causa tanto prazer, porque lho havemos recusar? Além de que, ninguem dá honra aos outros senão da maneira por que elles se julgão honrados; querer honrá-los de um modo que os offendesse, sería necessariamente produzir o effeito contrario. Nenhuma dúvida ha nisto. Por tanto, meu filho, como em todas as circumstancias da vida é necessario ter attenções com os nossos semelhantes, sêde polido, segundo os usos do tempo, e do paiz, em que viveis.

Felicia.

Mas, meu pai, por que razão, recommendando-nos tanto sermos polidos, accrescentais *segundo os usos do tempo, e do paiz, em que viveis?*

O Pai de Familias.

Porque se o sentimento, que nos leva a sermos polidos entre nós, é sempre o mesmo, a maneira por que se exprime a polidez muda com o tempo, e differe de um paiz a outro. Por exemplo, entre nós, offerecer de beber no nosso cópo sem o alimparmos antes, sería uma impolitica, e na verdade é pouco aceio; em alguns Cantões da Hollanda, pelo contrario, é uma honra que o senhor da casa faz aos convidados, apresentar-lhes de beber no mesmo cópo, que elle despejou bebendo primeiro. Aquelle, que recusasse conformar-se a este uso, faltaria, neste caso, ao respeito de pessoas, que não tinhão outra intenção que a de honrá-lo. E' pois á intenção que se deve responder, sem olhar á manei-

ra por que no-la fazem entender. Na America quando os naturaes do paiz querem notificar ao seu hospede que o contão no número dos seus amigos, elles lhe apresentão o seu *calummet*, que é uma especie de cachimbo, depois de haverem fumado primeiro todos. Sem dúvida que um Europeu delicado se dispensaria de boa vontade de metter na sua bôca este cachimbo, que acaba de passar pelos beiços nojentos de uma quantidade de selvagens. Mas que! Será de razão por uma pequena repugnancia affligir um homem de bem, que me diz a seu modo: Eu sou teu amigo? Sería mais que grossaria, sería uma falta de attenção. Se nos podemos escusar sem offender o amigo, então bem; mas se não ha outro meio, é necessario passar por este: por quanto (para dizer tudo em duas palavras) a polidez não consiste em fazer a ceremonia, que nos agrada, mas em fazer a que agrada aos outros.

Não concluaes porém daqui que eu quero fazer-vos escravos desta polidez, que vos recommendo. Exhor-

to-vos pelo contrario com todas as minhas forças, a que fujais de imitar essas pessoas, que estão sempre á espreita das mais pequenas ceremonias, que vos cançáo com as suas attenções, que vos forçáo a cada minuto a fazer-lhes uma cortezia, e a repetir-lhes *eu vos fico obrigado*. Estas taes pessoas são espiritos pequeninos, que julgão ganharem consideração, e só conseguem fazer-se ridiculos. Sêde bons, sêde attenciosos, e sabereis facilmente até que ponto deveis ser polidos.

De resto, meus filhos, o que vos digo aqui é antes para o futuro, quando os annos vos pozerem entre os homens, do que para o tempo presente. Agora na vossa idade estais ambos em certo modo dependentes de todo o mundo; a vós pertence prevenir os outros com as vossas attenções; ainda se não deve cousa alguma á vossa idade, vós é que deveis tudo á idade dos outros: o que vos ha de aproveitar aos trinta annos, não é o que vos convém hoje. Por isso ponde attenção em

distinguir nas minhas instrucções o que vos é necessario de presente, do que vos ha de servir para o futuro.

DECIMA CONVERSAÇÃO.

O Pai de Familias.

Para nos não escapar algum dos deveres, que exige a Civilidade, consideremos o emprego de um dia inteiro, e comecemos pelo *levantar da cama.*

Do levantar da cama.

Eu vos exhorto, meus filhos, a que ganheis em todo o decurso da vossa vida o habito de vos levantardes cedo. Este habito tem grandes vantagens: em primeiro lugar é util para a saude: aquelle, que se deixa estar por muito tempo na cama, experimenta um certo pezadelo de cabeça, e uma precisão mais forte ainda de dormir mais tempo; depois deixa-nos maior espaço para os nossos negocios. Uma hora só que empreguemos de mais por dia, já é muito no fim de um unico anno; é de alguma sorte uma nova vida arrancada á morte. Sim, meus

filhos, arrancada á morte. Pensai que o somno é uma especie de aniquilamento; e o tempo, que se lhe póde furtar, é um tempo realmente adquirido. Eu vou fazer-vos perceber bem isto, por meio de uma dessas supposições, de que vós tanto gostais.

Supponhamos que *Pedro*, e *Paulo* morrerão ambos aos sessenta annos. Pedro comtudo achou meio de viver muito mais tempo do que Paulo, e eis-aqui como o conseguiu: Paulo nunca se levantava da cama senão ás nove horas da manhã; Pedro, pelo contrario, estava sempre a pé ás cinco. Todas as noites estes dous homens se deitavão ás dez horas. Por este modo, Pedro tinha um dia de dezesete horas, entretanto que Paulo só tinha o seu de treze; o que dá quatro horas de differença por dia. Quatro horas por dia fazem no fim do anno mil quatrocentas e sessenta horas, que dão cento e doze dias iguaes aos dias, que Paulo gozava. Bem vêdes, meus filhos, que aqui vai quasi um terço de an-

no mais para Pedro. E não é esta vantagem immensa? Mas continuemos, e ficareis espantados do muito tempo que Paulo perdeu. No fim de sessenta annos, Paulo tinha ficado, por sua negligencia, com seis mil setecentos e trinta e oito dias, e seis horas de menos, que fazem dezoito annos, cinco mezes, e dezoito horas. Deveis notar que estes dezoito annos, cinco mezes, e dezoito horas, são tomados sobre o tempo que Paulo teria podido estar acordado; eu não metto nesta conta o tempo, que a natureza quer que dormâmos. Reflecti bem, conhecei o preço do tempo, e vêde se tendes animo para perder tanto sobre uma vida, que é tão curta. Isto não pertence aos deveres da Civilidade; porém sempre é bom que ouçais o que vos póde ser util todas as vezes que a occasião se offerece.

Para expulsar os restos de um somno importuno, saltai de repente fóra da cama. Se alguem se achar na vossa camara, tende cuidado de vos cobrirdes logo de maneira que

nada se veja do que deve andar sempre occulto; é principalmente a ti, minha filha, a quem eu recommendo esta cautela: o pejo é de rigor para ambos os sexos, mas de um rigor muito maior ainda para as mulheres; esta virtude conserva nellas outras muitas; não acontece jámais desprezarem-na sem desprezarem ao mesmo tempo o seu mais importante dever. Se vos achais sós, ainda assim mesmo sêde modestos; deveis respeitar-vos diante de vós mesmos, e nunca vos esquecer de que os olhos de Deus penetrão em toda a parte.

Da maneira de vestir, e do aceio.

Regulai-vos de sorte que no vosso modo de vestir se observe a mais exacta decencia; sempre vos é prohibido offender os olhos das outras pessoas. Se a fortuna vos não consente terdes bons vestidos, pelo menos está na vossa mão o arranjá-los da fórma a mais modesta; assim mesmo só depende de vós o conservar-vos em aceio; em toda a parte ha

agua, e ninguem tem desculpa para andar sujo. Lavai o rosto, lavai os olhos, lavai tambem a bôca, e as mãos; em tudo isto ganhareis muito em todo o sentido. Banhai-vos tambem todos cada vez que o poderdes fazer, e lograreis melhor saude. As pessoas, que nunca lavão os olhos, acabão quasi sempre por vêr mal; os que não lavão nem a bôca, nem os dentes ganhão um máu halito, e os dentes cobrem-se de uma codea amarellada, que pouco a pouco os apodrece, e faz cahir. Se não ha cuidado de nos banharmos, o suor, e a transpiração formão sobre o corpo uma caspa, que aquecida pelo calor interior exhala um cheiro detestavel. E dizei-me se não estremeceis cada vez que uma mão suja vos quer tocar? Tomai pois cuidado em não causar igual repugnancia aos outros, pensai que uma pessoa mal aceada é um objecto de desgosto, de quem se foge quanto póde ser. Sêde pois aceados por interesse da vossa propria saude, e em respeito áquelles, com quem deveis concorrer.

Eu não quero porém que este amor do aceio, que pertendo inspirar-vos, vos faça despender excessivo tempo no vosso enfeite muito estudado; é de ordinario esta occupação a dos espiritos futeis, ou das pessoas, que tem intenções deshonestas. Vesti-vos conforme o estado, em que vos achais; evitai principalmente fazer-vos singulares por uma moda extravagante, ou não seguida. Um homem de bom senso adopta a este respeito o costume mais geralmente recebido. A ti principalmente é que eu fallo, meu filho, ainda t'o repito outra vez, tem aceio nos teus vestidos, commodidade, gosto, e até mesmo elegancia; porém não vás mais adiante. Nada ha tão desprezivel como um homem, que só se emprega no seu enfeite, e que se apresenta em uma companhia com todo o adereço de uma modista, que pertende agradar; é um ente verdadeiramente degradado da sua dignidade.

Pelo que te pertence, minha filha, ser-te-ha perdoavel sem dúvida

que penses um pouco mais no teu adorno; o teu sexo tem precisão de agradar; mas desgraçadamente ha um grande número de mulheres, que passão muito além desta permissão legitima. Sabe conhecer melhor os teus interesses, minha querida Felicia; aquellas que só pensão nos seus vestidos, e enfeites, e que só fazem um negocio importante da moda do dia, são mui raras vezes mulheres verdadeiramente estimaveis; e por isso são mui facilmente desprezadas. Como tem um desejo excessivo de agradar, é impossivel que os seus corações sejão innocentes; assim não se lhes faz injustiça julgando-as com severidade. Conduze-te com mais sabedoria; não dês a teu enfeite mais tempo que o necessario, e teme deixar entender que estás sempre contemplativa no cuidado de fazer brilhar a tua figura, e a tua physionomia. Na escolha dos vestidos, que o uso admitte, determina-te sempre pelos que são da mais bella simplicidade; por aqui julgarão do teu gosto, e do teu es-

pirito. Uma mulher, que se deixa ir apoz uma moda extravagante, é uma louca, que não sabe o que convém, nem á belleza, nem á razão. Na verdade, que cousa boa se póde esperar de uma pessoa, que não teme apparecer ridicula? Eu não te quero fallar daquellas, que escandalisão o pejo: ellas mostrão abertamente quanto se desprezão a si mesmas, e quão pouco se embaração de respeitar os outros.

UNDECIMA CONVERSAÇÃO.

O Pai de Familias.

Um menino bem creado, logo que acaba de se vestir, põe-se de joelhos, e eleva o seu coração a Deus, assim como já vo-lo disse em outra parte; depois vai logo saber como seus pais, ou os seus superiores passárão a noite; este ultimo dever não é uma simples polidez; é em todo o coração sensivel, o desejo de saber com certeza se as pessoas, que lhe são queridas, continuão a gozar de perfeita saude.

Do respeito devido ás pessoas idosas.

O respeito, que deveis a vossos pais, me conduz a fallar-vos do que deveis ás pessoas idosas.

Quando encontrardes uma destas pessoas, cuidai em saudá-la, não com a ligeireza, que usamos com o nosso igual, mas com respeito; pen-

sai que isto é uma homenagem, que rendeis á velhice.

Guardai-vos de imitar esses rapazes mal creados, e as pessoas que tem o coração assaz depravado para acharem prazer em zombar daquelles, a quem a idade só faria respeitaveis, quando nenhuma outra cousa os fizesse respeitar. As suas enfermidades são dignas da nossa compaixão; e é uma crueldade horrivel fazer dellas motivo de escarneo.

Em toda a parte, aonde encontrardes velhos, cedei-lhes o lugar mais honroso. Quero contar-vos a este respeito uma passagem da historia, que vos dará muito gosto.

« *Esparta* foi uma pequena Republica, aonde todas as virtudes erão honradas; *Athenas* era outra Republica, aonde pelo contrario muitas vezes se gloriavão com os mais infames vicios. Um dia, em que se celebrava uma festa nesta ultima Cidade, um velho chegou mais tarde ao Theatro; todos os lugares estavão cheios, e elle buscou muito tempo sem poder achar aonde se assentas-

se. Os Mancebos Athenienses, longe de lhe offerecerem sequer um pequeno canto, se divertião em zombar do seu embaraço, e em o enviarem de uns para outros. Os Embaixadores de Esparta, que tinhão no espectaculo um lugar distincto, observando o que se passava, chamárão o pobre velho, e se desarranjárão para o assentarem no meio delles.» E não foi esta acção tão honrosa para os Espartiatas, como vergonhosa para os Athenienses? Estou bem certo, meus filhos, que estimarieis mais ter obrado como os primeiros do que como os ultimos.

Ouvi tambem com attenção, e silencio o velho que vos falla; porque, não sómente a sua idade lhe ganhou direito a ser ouvido, mas os seus annos lhe tem dado uma experiencia, que vos póde vir a ser util.

Em geral: um moço, que respeita a velhice, dá boa idéa da sua pessoa; quasi que se póde estar certo de antemão que tem um caracter excellente; e deve-se esperar que será homem honrado, attencioso, e

dado a servir aquelles, que recorrerem á sua generosidade.

Da Docilidade, e da Condescendencia.

Eu não vos direi que deveis ter docilidade com vossos pais; serieis uns individuos detestaveis, se recusasseis obedecer aos auctores dos vossos dias, áquelles que não vivem quasi um só instante sem se desvelarem por vós, e cujos cuidados, e penas não tem outro fim mais que a vossa felicidade. Recusar obedecer a seus pais, é commetter duas grandes faltas, a primeira ultraja a natureza, a segunda nos é de gravissimo prejuizo; quanto possuimos nos veio da sua mão, por isso é vedado oppôr-monos á sua vontade; elles nunca nos obrigão a cousa alguma, que nos não seja vantajosa; logo não podemos, sem damno proprio, desobedecer aos seus mandados.

Se eu fallasse a outros filhos, lhes diria: Obedecei promptamente a vosso pai, e a vossa mãi, mal tiverem

annunciado a sua vontade; fazei quanto mandarem com graça, e alegria, e nisto dareis melhor preço a vossa obediencia. Nada ha tão desagradavel, como esses meninos que nunca obedecem senão murmurando; são entes insupportaveis que parecem ter medo de dar alguma satisfação, e que certamente não devem jámais conseguil-a para si. Pois que são constrangidos a obedecer, porque o não farão ao menos como se fosse por seu proprio movimento que obrassem? Amão-se naturalmente esses meninos, cuja figura alegre annuncia a boa vontade; olhâmos porém com repugnancia para essas creaturinhas miseraveis, que se mostrão sempre rebeldes contra os que os cercão; o seu semblante triste, e carrancudo parece estar dizendo; eis-aqui uma creatura insupportavel, que deve viver sempre só n'um canto da casa.

As vantagens da docilidade em um menino são immensas. Escutai com attenção.

Um menino docil é amado de

todos, e é tão grande fortuna fazer-se amar, que se deve emprehender tudo para o conseguir.

O menino docil põe todos os seus esforços em seguir os conselhos de seus Mestres, instrue-se mais facilmente, poucas vezes é castigado, e faz-se habil. Julgai quanto lhe será agradavel para o depois o vêr-se mais instruido, e mais estimado do que tantos ignorantes, que pela maior parte forão obstinados, e perguiçosos na sua infancia.

O menino docil fórma para si um futuro agradavel. Toda a nossa vida é preciso obedecer, meus filhos. Hoje é a vossos pais, e a vossos mestres; ao depois será aos vossos superiores, aos vossos deveres, ás circumstancias, e até mesmo a pessoas, de quem tereis feito pouco caso. Ninguem jámais póde fazer quanto lhe dá na vontade; todos os homens, até mesmo os mais ricos, dependem uns dos outros. Felicitai-vos por tanto, meus amiguinhos, de saber dobrar o vosso caracter á obediencia; então vos será mais facil desempenhar

o que vos mandarem por obrigação. E' a ordem de um superior; não vos custará mais o executá-la do que aprender hoje uma lição. E' necessario para ganhardes a subsistencia apegar-vos a um trabalho desagradavel, abraçá-lo-heis com constancia, procurando nelle o pequeno prazer, que póde offerecer-vos. Eis-aquí o que fareis; e o vosso espirito cada vez mais tranquillo saberá encontrar satisfação, ainda mesmo no meio da sorte mais desagradavel. Não acontece assim ao homem, que na sua infancia foi teimoso, e nunca soube obedecer sem murmurar; o seu caracter aspero, ainda bem se não vê constrangido a um dever, quando logo se desgosta, murmura, desagrada a todos, desempenha mal o que lhe foi incumbido, e lhe vem o desgosto pelas suas proprias mãos. Com semelhante caracter não o vemos nós bem adiantado? Quando este tal individuo sahisse bem em todas as suas emprezas, ainda assim mesmo sería muito mais desgraçado do que outro, que na sua infancia adquiriu

um caracter franco; por quanto com um espirito, que se revolta com as menores contrariedades, não é jámais possivel achar um instante de ventura.

Não sómente é necessario obedecer a tudo o que nos governa na vida; mas ainda, por polidez, é preciso condescender com os outros no uso quotidiano da Sociedade.

A vossa juventude, meus filhos, vos obriga a ceder a todos; quando entrardes no número dos homens, então tereis direito de resistir, se o que exigirem de vós vos parecer injusto; geralmente porém cedei logo com amenidade nas cousas de pouca importancia: é signal de máu caracter o querer vencer sempre; e como em tal caso ha de necessariamente offender-se o amor proprio alheio, se acaba sempre por fazer-se detestar. Se vos julgais obrigados a defender-vos, fazei-o com modestia, socegadamente, e de uma maneira que nunca seja offensiva a alguem; o vosso proprio interesse vos convida a usar desta doçura;

assim persuadireis mais facilmente o que quizerdes, e não será penivel aos outros o confessarem os seus erros. Com uma conducta contraria os escandalisareis, e nada podereis alcançar delles.

Tudo isto nos conduz naturalmente á maneira, por que nos devemos conduzir na Conversação.

Do modo por que nos devemos conduzir na Conversação.

Em quanto sois pequenos, não vos deveis metter na conversação das pessoas já feitas, a menos que vos obriguem, e que fallem comvosco. Escutai em silencio: se se dizem cousas uteis, aproveitai-as; mas em nenhum caso mostrareis um ar fastidioso, ou distrahido.

Se vos é concedido fallar, ponde todo o cuidado em não abusar da permissão, que se vos concede, e de entrardes no número daquelles, que se fazem ouvir continuamente, sem jámais deixarem aos outros um momento para dizerem o que pensão.

Se alguem falla, deixai-o acabar o que tem para dizer: nada ha tão incivil como cortar o discurso aos outros. Esperai a vossa vez sem impaciencia; escutai principalmente aquelle que vos falla, e não façais como certas pessoas, que olhão para um e outro lado, mostrando-se occupadas de outra cousa mui diversa do que se lhe diz.

Quando fallardes, seja em tom moderado, nem muito alto, nem muito baixo; fazei-o de sorte que os vossos discursos sejão agradaveis, honestos, e sem affectação.

Fallai com as pessoas segundo a sua idade, e condição; estudai-lhes até mesmo o seu humor para nada dizer que lhes cause pena; respeitai a opinião alheia, não busqueis em vão destrui-la; de outro modo sería fazer desgostosa a conversação. Se porém vos obrigão a dizer a vossa, fazei-o, pois que a franqueza é uma virtude; mas seja isso feito sempre com moderação, e como temendo offender a alheia.

Se alguem zomba de vós, suppor-

tai a zombaria, ou se o podeis fazer respondei-lhe com riso, e por outra zombaria, se fôr innocente. Como no mundo é necessario que nos achemos com toda a sorte de pessoas, fariamos muito mal em escandalisarmos com as zombarias, de que podemos ser alvo. Em quanto a vós, meus filhos, fugi sempre deste pessimo modo de divertimento: é ordinariamente esta a desterra dos tolos, que não conhecem que sempre são mais ridiculos do que os outros; ou das pessoas, cujo espirito é máu, e que buscão humilhar aquelles, com quem se achão.

Se acaso vos injurião, respondei com firmeza, dai boas razões; porém não vos encoleriseis nunca. A moderação da vossa conducta fará a vergonha dos adversarios, e porá do vosso partido todas as pessoas sensatas, que se acharem presentes.

Ha muitas pessoas, que se divertem com fazer mil carantonhas, e com arremedar os outros para divertirem os circumstantes; deixai este cuidado aos bobos, e aos que não

sabem respeitar-se. Igualmente não deveis buscar dizer, ou fazer zombarias que insultão; semelhantes modos annuncião cabeças ôcas, espiritos frivolos, e algumas vezes dão mortificação aos ouvintes.

Cuidai principalmente em que não saião jámais da vossa bôca palavras deshonestas: se outrem deixar escapar alguma na vossa presença, calai-vos, fazei entender sómente pelo vosso ar, que isto vos afflige.

Não deveis tambem encaminhar o discurso a objectos, que façáo nojo, e muito principalmente quando se está comendo. Ajustai a conversação com o tom da Sociedade em que vos achardes; se as pessoas estão alegres, é sem razão ir entristecê-las com discursos, que façáo lembrar desgraças; seria porém uma insensibilidade reprehensivel escandalisar com uma alegria intempestiva aquelles, que se achão em afflicção.

Se tendes algum caso que contar, fazei-o rapidamente, e não ponhais os ouvintes em supplicio pelo vosso longo e inutil palavrorio.

Se vos fôr necessario affirmar alguma cousa seja com simplicidade, e nunca com juramento, como certas pessoas mal educadas costumão fazer pelas mais pequenas bagatellas.

Como é preciso haver sempre condescendencia com aquelles, com quem nos achâmos, nunca procurareis trazer a conversação exclusivamente sobre o que sabeis melhor, e não proponhais questões difficeis, que os outros não entendão. Deveis, pelo contrario ter attenção em deixar brilhar cada um no que sabe, e proporcionar os discursos com os conhecimentos, e a intelligencia das pessoas, que se entretem comvosco.

Acautelai-vos tambem muito de reprehender a quem quer que seja; é este um mui ridiculo caracter, que sempre desagrada, sem jámais produzir algum bom effeito.

Se alguem fallando tem difficuldade em achar os termos para se explicar, não lhe deveis suggerir o que deve dizer, só se fôr vosso inferior, e que tenhais direito de o emendar.

Se chegais de novo a uma com-

panhia, não perguntei de que se tracta, só se fordes o dono da casa, se sois vós o que fallais, quando sobrevem uma pessoa de authoridade, será bom resumir em poucas palavras o que dantes tinhas começado.

Nunca deveis obrigar a pessoa que falla a fazer repetições, dizendo-lhe: Como? Que dizeis? Eu não vos entendi, ou outras palavras semelhantes.

Não affecteis ter algum segredo que confiar em quanto os outros se achão entretidos; não mostreis com o dedo as pessoas, de quem fallais, se estão presentes; não façais gestos descompostos; nem vos ponhais ás gargalhadas fóra de tempo. Contando um facto, nunca deveis dizer de quem o soubestes, se pensais que nisso causareis alguma pena a quem vo-lo contou. Na sociedade a discrição é a primeira qualidade; por quanto como me deliberarei eu a confiar-vos um segredo, se estou certo que no mesmo instante o ides revelar?

Quando alguem na vossa presen-

ça diz, ou faz cousa que se não deve dizer, ou fazer, se percebeis que o fez por surpreza, e que fica humilhado na reflexão, que depois faz sobre si, obrareis contra a Civilidade e contra a Caridade, publicando o tal dicto, ou a tal acção, porque não devemos envergonhar ninguem. Portai-vos pois de sorte que affecteis não a terdes percebido; e, se a quer reparar, procurai dar uma boa interpretação á cousa para a desculpar a seus proprios olhos.

Acautelai-vos muito de vos gabardes, ou dizer cousa alguma em vossa vantagem; isto é insupportavel aos que vos ouvem, que logo pensão que quereis elevar-vos acima delles.

Se alguem vos louva, não vos alegreis mostrando disso prazer; tal é o caracter das pessoas, que gostão de ser lisonjeadas; mas escusai-vos com modestia, ou cortai o discurso; por este motivo não será incivilidade fazê-lo, de outro modo contentai-vos de abaixar os olhos inclinando-vos.

Não rebaixeis os louvores, que se dão aos ausentes; de outro modo vos terão por invejoso. Se pelo contrario accusarem injustamente uma pessoa de quem conheceis a bôa conducta, tomai a sua defeza, fazei-lhe justiça; mas quanto fôr possivel, de modo que não offendais aquelle, que começou o discurso.

E' necessario algumas vezes dizer cousas agradaveis aos outros, mas nunca jámais deveis lisonjear a ninguem, nem tambem dar louvores indevidos; tal é o caracter dos espiritos baixos, e servís.

Não sejais tambem nunca desses comprimenteiros insipidos, que exagerão todo o bem que sabem daquelles, a quem dirigem os seus louvores insulsos.

Deveis tambem temer, e temer muito o entrar no número dessas pessoas, que fazem mil offerecimentos dos seus serviços, sem ter a menor intenção de servirem em uma só cousa. Posto que todo o mundo esteja bem persuadido já de que tal sorte de offerecimentos não são mais do

que palavras vãs, de que se faz uso nas formulas da Civilidade, nem por isso deixão de ser mentiras. Além de que, empregando-as assim, se adquire o costume de uma linguagem exagerada, que só é propria para nos fazer ridiculos, e (o que é peor) para nos terem por uma especie de mentirosos. Verdadeiramente como pertendereis que vos creião nas vossas protestações sinceras, se vos ouvem a toda a hora dizer por qualquer bagatella? *sou vosso muito humilde creado*; *sou todo vosso*; *disponde de mim*; *ter-me-hei por muito venturoso em poder prestar-vos para alguma cousa*; e mil outras mentiras semelhantes? Um homem de bem deve dar á sua linguagem o caracter da verdade; e a exageração serve tão sómente para lhe dar o caracter contrario.

De como nos devemos conduzir em uma companhia.

Pelo vosso modo de conduzir-vos na Sociedade será que as pessoas,

que vos não conhecem ainda, formarão de vós boa, ou má opinião: é por tanto de muita importancia para vós, que nada desprezeis a este respeito.

Entrando em qualquer parte, aonde estejão reunidas muitas pessoas, saudai-as com modestia, inclinando-vos sem affectação profundamente, e abaixando os olhos, primeiro ao dono, ou dona da casa, depois ás outras pessoas continuando pelas de maior representação.

Se toda a companhia está assentada, tomai o lugar que estiver desoccupado, ou aquelle que vos indicarem.

Em qualquer situação, que estejais, deixai ao corpo tomar a sua posição natural; o que é affectado é sempre ridiculo. Se estais assentado, tende os pés igualmente no chão, sem ter as pernas, nem muito separadas, nem muito junctas. Não imiteis essas pessoas que se estendem pela cadeira fóra sem ceremonia diante de todo o mundo, como se estivessem sós, e que por esta postura in-

decente parecem desprezar todos os circumstantes. Igualmente evitai o máu costume de estar a bullir com as pernas, como fazem os rapazes mal creados. Finalmente não estejais a remecher-vos a cada instante sobre a cadeira, como tem costume de fazer as pessoas enfastiadas, e impacientes.

A vós é principalmente, minha filha, que esta lição se dirige. A gravidade diz muito a favor, ou contra uma pessoa do vosso sexo. Assim, deveis tomar muito menos liberdades que os rapazes, o que nelles não passaria além de uma leveza da mocidade, em vós será uma indecencia reprehensivel.

E' de convenção geral, que em toda a Sociedade escolhida os homens estejão com a cabeça descoberta; por tanto, meu filho, estás obrigado a seguir o costume: se nisto te achares incommodado, estando entre pessoas a quem possas pedir licença para te cobrires, faze-o; por quanto vale muito mais ter respeito á nossa saude, que a uma simples etiqueta,

que nunca foi uma verdadeira Civilidade.

Terás um ar attento ao divertimento, que occupa a companhia; não te ponhas a esfregar as mãos para te entreterdes ou dar-te um modo de importancia; não te ponhas a cantar entre os dentes; tudo isto é signal de fastio, que escandaliza aos outros. Principalmente livra-te de certos habitos nojentos, que se encontrão em algumas pessoas, como o de roer nas unhas, estar sempre com as mãos nos cabellos, metter os dedos pelas ventas; esta ultima acção é de uma repugnancia insupportavel.

Se alguem te apresenta alguma cousa, recebe-a com um ligeiro sorriso, e inclinando-te docemente; se vós mesmos tendes alguma cousa que offerecer, observai quasi a mesma ceremonia. Se a cousa fôr uma faca, uma colher, ou qualquer outra cousa, que tenha um lugar por onde se lhe pegue, tende cuidado de virar este lugar para a mão da pessoa, que deve recebê-la.

Se vos fizerem um presente, não

vos venha á cabeça criticar este donativo, principalmente diante da pessoa que o fez; mostrareis a vossa ingratidão, e fareis uma acção toda desagradavel áquelle mesmo, que cuidou obsequiar-vos. Pelo contrario mostrai-vos muito satisfeitos. Não será menos incivil louvar o presente, que fizerdes a outrem; parecerá que exigís um reconhecimento excessivo, e tereis pelo contrario diminuido no coração desta pessoa o prazer, que ella poderia ter, recebendo alguma cousa vossa. Ha uma maneira de dar, meus filhos, a unica que obriga os corações bem formados: não é quem dá mais o que nos faz maior prazer, é aquelle que põe mais graça no que dá.

O que acabo de dizer me offerece occasião para recommendar-vos que ponhais sempre a maior delicadeza nos serviços, que podereis prestar. Pensai bem que aquelle, que tem precisão do nosso prestimo, já fica assaz humilhado pela propria necessidade, em que se vê; é cruelissimo por tanto augmentar a sua des-

graça com os nossos máus modos. Poupai, quanto poderdes, o amor proprio alheio; é isto uma verdadeira humanidade, e assim é que se ganhão os corações. Quando derdes alguma esmola, fazei-o igualmente com graça; o pobre, que vos estende a sua mão, é uma creatura humana, como vós sois: se lhe mostrais um modo duro, e orgulhoso, ferislhe o coração sem nada ganhar por isso; e aos vossos proprios olhos perdereis todo o merecimento da vossa acção. Todo o essencial consiste em obrigar; e que nos custa ajuntar-lhe um sorriso?

Esta pequena digressão nos desvia um pouco do nosso assumpto: tornemos a elle. Ha certas acções que ainda sendo muito naturaes, e até mesmo necessarias, não devem ter lugar em uma companhia. Sería muito incivil o deixar escapar do estomago algum arroto estrepitoso; e ainda mais incivil o permittir-se outra incongruidade, que eu aqui não quero nomear. Se vos sentís atacado de alguma precisão, que vos

incommóda, retirai-vos da companhia por alguns minutos.

Podemos muito bem assoar-nos, escarrar, e espirrar diante de todo o mundo: mas ha um certo modo de satisfazer a estas necessidades.

Quando precisardes escarrar, virai um pouco a cara para o lado, de sorte que não deis incommodo a alguem, e pondo immediatamente o pé sobre a saliva, para esconder aos outros o que esta vista tem de nojento Se vos achais em uma sala aceada, tirai o lenço, e escarrai nelle.

Se tendes que vos assoar, fazei esta acção de modo que não incommodeis os outros, por um estrondo semelhante ao de uma trombeta, como costumão alguns; mettei immediatamente depois o lenço na algibeira sem olhar para elle, como fazem certas pessoas pouco aceadas.

Quando vos sentirdes dispostos a espirrar, virai-vos um pouco de lado, cobri o rosto com o lenço, e agradecei com uma inclinação ás pessoas, que vos tiverem saudado. Este uso de saudar aquelle, que es-

pirra, não serve de alguma utilidade; mas é um uso recebido, e deve seguir-se, a fim de não passarmos por incivis no espirito de algumas pessoas.

Sobre o bocejar quando vos acharmes em companhia, é preciso abster-vos de um tal descuido, quanto poder ser; pois que seria mostrar ás pessoas, com quem vos achais, que a sua sociedade vos enfastia. Se comtudo porém naturalmente vos vêdes obrigados a fazê-lo, é necessario cobrir a bôca com o lenço, ou com a mão, e não fallar em quanto dura o bocejo.

Fazendo circulo ao redor do lume, tende cuidado de deixar o lugar mais cómmodo para as pessoas de maior consideração. Não mettais as mãos na chamma, nem vos ponhais diante dos que já estão ao fogo, nem vireis as costas para o fogão; um tal modo só é permittido ao pai de familias no meio de seus filhos, ou ao dono da casa entre os seus familiares. A Humanidade igualmente, como a Civilidade exigem que se faça lugar mais cómmodo aos que che-

gão de novo, e que nos incommodemos um pouco em favor daquelles, que tem mais precisão de se aquecer.

Se algum dos que estão no circulo lança no fogo alguma cousa, como cartas, papeis, ou outras semelhantes, sería muito indiscreto aquelle que as fosse dalli tirar.

Para saber finalmente com mais segurança como vos deveis comportar em uma Sociedade, vêde o que fazem nella as pessoas mais bem educadas, e imitai-as no que convém á vossa idade, ou ao lugar de distincção, que tendes na mesma Sociedade. Buscai muito não vos enganar sobre este ultimo ponto; por quanto nada sería tão ridiculo, nem tão incivil ao mesmo tempo, como tomardes as maneiras, e o tom, que só pertence ás pessoas de maior consideração, e respeito do que vós.

Eu não devo porém concluir este artigo sem vos recommendar igualmente que ponhais toda a facilidade nas vossas acções; um ar embaraçado é ridiculo, demasiada timidez é um defeito. Quanto menos confian-

ça tiverdes em vós, tanto mais mal fareis as cousas; sereis acanhados até incommodos aos outros; e a vossa timidez juncta com a vossa falta de habilidade, vos farão passar por pessoas incivis. Vencei pois o temor pueril, que vos causaria tão grande injúria; igualmente não deveis daqui ir lançar-vos no opposto enchendo-vos de demasiada confiança; assim virieis a ser presumidos, e tolos; e estes caracteres são os mais detestaveis, que se encontrão no mundo.

Em geral: levai á Sociedade um ar doce, cortez, até mesmo alegre. Se tendes experimentado algum desgosto, esquecei-vos delle na entrada da porta. E' grande desproposito ir buscar companhia para lhe mostrar máu humor, e enfastiá-la. Se vos é impossivel offerecer um semblante affavel, ficai em casa, que é o melhor que podeis fazer.

Do como vos deveis conduzir á meza.

Não vos ponhais nunca á meza com as mãos sujas; lavai-as antes,

se acaso não tivestes este cuidado primeiro que vos apresentasseis na companhia. Se vos achais em casa, aonde se usa dar agua ás mãos, esperai a vossa vez, e lavai-vos de sorte que não salpiqueis os outros, nem mancheis os vossos vestidos.

Entre as familias, aonde os deveres da Religião se observão, uma breve Oração precede, e segue sempre cada comida; um tal costume é o do homem de bem, que não deve jámais usar dos beneficios da Providencia, sem lhe testemunhar o seu reconhecimento. Se vos achardes em casa, aonde se deixa de praticar este acto de piedade, não vos pertence criticá-lo, segui em silencio o vosso uso a este respeito, ou antes orai interiormente: porque a vista de Deus penetra o fundo dos corações; a prudencia pede não nos expôrmos, pelos nossos deveres Religiosos, á zombaria dos tolos, e das pessoas sem Religião.

Quando se tracta de assentar á mesa, esperai, que o senhor, ou senhora da casa vos designe o lugar que deveis occupar, e deixai sem-

pre que as pessoas, ou mais idosas, ou mais respeitaveis se assentem primeiro.

A' mesa, não vos ponhais, nem muito chegado nem muito distante della; assentai-vos de modo que fiqueis com commodidade; fazei-o de sorte que os cotovelos não incommodem os visinhos; tambem não os poreis nunca sobre a mesa, descançai quando muito os pulsos sobre a borda della, e conservai sempre o corpo direito.

Ponde o guardanapo de sorte que defendais o vestido de qualquer salpico de comer, e o possais achar logo quando vos fôr necessario alimpar a bôca, ou os dedos.

E' contra a Civilidade assoprar a sopa para a esfriar, particularmente quando se está em companhia; é mais conforme esperar, ou remechê-la levemente com a colhér.

Não estendais precipitadamente o prato para serdes servidos dos primeiros; esperai que vos chegue a vossa vez.

Se vos apresentarem um prato

para tirar, nunca deveis escolher os melhores bocados, particularmente então quando ha pessoas mais velhas, ou senhoras, a quem servir primeiro.

Não alimpeis a faca a cada bocado de pão que cortardes; nem cortareis o pão em bocados muito grossos; cortai-o igualmente de modo que não comais a codea primeiro que o miolo.

Não deveis ter os bocados de pão á mão cheia, como se quizesseis escondê-los; a Civilidade pede que os leveis á bôca com dous dedos, á medida que tendes precisão de os comer.

No modo de comer deveis fazê-lo, nem muito depressa, nem muito de vagar; o primeiro modo é signal de insaciabilidade, e faz mal ao estomago; o segundo causa aborrecimento a todos. Não enchais a bôca demasiadamente, e então menos se tendes que fallar, porque isto é nojento para os que vos vêm.

Não tenhais a faca sempre na mão, como fazem as gentes de Aldeia; basta que lhe pegueis quando vos fôr necessario servir-vos della.

Se quereis tomar sal, ou pimenta, não o façais nunca com os dedos; se na mesa não ha uma colhér destinada para este uso, tomai-o com a ponta da faca, depois de a haver alimpado; e não tomareis mais do que vos é necessario.

E' contra toda a decencia pôr-se a cheirar os manjares; deveis absolutamente abster-vos de os tornar a pôr no prato depois de os ter cheirado.

Não fallareis nunca na qualidade dos manjares, se elles são bons, ou máus, a menos que o dono da casa vos pergunte o vosso parecer; neste caso deveis responder de um modo que lhe seja agradavel.

Se encontrardes no comer cousa de pouco aceio, como um bocado de carvão, ou um cabello, não o mostreis aos outros, temendo desgostá-los, tirá-lo-heis tão acauteladamente, que os mais o não percebão.

Não deitareis no chão ossos, nem cascas de ovos, ou de fructa, nem qualquer outra cousa, que se não come; poreis tudo sobre as bordas do vosso prato: o mesmo deveis fa-

zer com os caroços, que mais aceadamente se tirão da bôca com dous dedos, que escarrá-los na mão.

Nada ha tão desagradavel á vista, como uma pessoa, que nunca come sem sujar as mãos todas, que meche nas viandas, e toca nos môlhos com os dedos, e que depois os leva á bôca para os lamber. Evitai todos estes modos nojentos. Tende cautela tambem em não engordurar demasiadamente os beiços, e cuidai logo em os alimpar com o guardanapo todas as vezes que vos fôr necessario.

Não deveis beber nunca tendo a bôca cheia, e sem ter antes cuidado de a alimpar; o mesmo fareis logo depois de ter bebido. Ponde o vosso cópo mais para o centro da mesa que para a borda, e nunca o encherei de sorte que deite por fóra. Não bebais, nem muito lentamente, nem muito apressado, ou aos golinhos, ou fazendo chiar os beiços, como se mammasseis. Não vos ponhais a revirar os olhos de uma para outra parte em quanto bebeis; olhai direitos para o cópo.

Não façais muito amiudadamente *saudes* ás pessoas da mesa, só no caso de estardes com amigos familiares. Ha um antigo uso de saudar antes de beber, a que chamão *tocar*; elle é tão inutil, como insignificante: comtudo quando vos convidarem, fazei-o, pois que a verdadeira polidez consiste em não desgostar a pessoa alguma.

Em quanto comeis, evitai esse ar de avidez, que faria crer que ides devorar tudo que está na mesa. Não olheis tambem para o prato do visinho para considerar se elle é mais bem servido. Não deveis igualmente dar a entender o desejo, que tendes de um bocado, antes que outro, a menos que o que serve vo-lo pergunte, e que a vossa idade, a vossa condição, ou familiaridade vos permittão responder conforme o vosso gosto. Não recebais nunca cousa alguma dos outros sem agradecer por uma inclinação de cabeça, ou de corpo o terem-vos servido.

Ponde todo o cuidado principalmente em não deitar algum môlho,

ou qualquer outra cousa, que suje, sobre os visinhos, ou sobre vós mesmos.

Finalmente a ultima cousa, que tenho para vos recommendar ácerca da mesa é, que não deveis jámais comer ou beber de sorte que vos possa fazer mal. A natureza, que tem necessidade de se reparar, tem unido o prazer á comida, para excitar em nós o não desprezarmos esta precisão essencial; ella porém nos adverte, pelo mal que nos acontece, que devemos suspender-nos, logo que sentimos esta precisão satisfeita. As indigestões causão damnos terriveis no corpo; vigiai por tanto muito sobre a vossa golodice. Igualmente vos aconselho que nunca bebais demasiado: o vinho, e os outros liquores fortes tomados em grande quantidade dão ao corpo um fogo excessivo, produzem achaques de cabeça horriveis, enfraquecem a vista, e até mesmo o espirito. Vós bem sabeis, que no momento da embriaguez o homem fica semelhante a uma especie de bruto privado de intelligen-

cia; este estado vergonhoso deveria só por si desviar de beber mais do que é necessario. Em um banquete, aonde tudo se acha com abundancia, aonde o preparo dos guisados aguça o appetite, e a alegria dos convidados nos excita a usarmos de quanto está diante de nós, é difficil resistir a tantos objectos de tentação reunidos: a pesar de tudo não vos esqueçais nunca de vós; se a razão é indulgente algumas vezes, a natureza o não é nunca; e quando os homens nos dizem: = Hoje nos é permittido alegrar-nos um pouco mais, = a natureza nos pune dos nossos excessos com os males, que ella nos envia. Além de que, um banquete é uma sorte de festa commum; conduzir-se alli de outro modo, do que a razão pede, é transformar em um espectaculo desagradavel uma pequena festa de amigos.

De como nos devemos portar no jogo.

O nosso espirito tem precisão de

repouso, e de esquecer por alguns instantes, os negocios serios; para conseguir este fim é que se imaginárão os jogos. Nunca por tanto vos ponhais a jogar sem um semblante alegre, com intenção de contribuir para o divertimento dos outros.

Aquelle, que só vê no jogo um meio de ganhar dinheiro, tem uma alma sordida, e deve ser necessariamente muito máu jogador.

Pelo contrario mostrai-vos sempre desinteressados; para vos divertirdes é que deveis jogar; por isso, se ganhardes, não mostrareis uma alegria excessiva; nem vos affligireis nunca se vierdes a perder. Em geral faz-se máu conceito das pessoas, que se deixão levar facilmente de um bom, ou máu humor no jogo, e ha razão para fazê-lo assim.

E' uma incivilidade zombar daquelles, a quem faltou delicadeza jogando; e grande malignidade escarnecer dos que perdem.

O habito de jogar é perigoso: primeiro começa por fazer perder o tempo, algumas vezes acaba por nos

perder a fortuna: por isso não deveis jogar senão de tempos a tempos.

Se a escolha dos jogos vos é permittida, preferi sempre os que dão mais exercicio ao corpo, como a péla, a bola, o volante, etc.; qualquer destes consegue melhor o seu fim, qual é o distrahir o espirito, além de serem mais uteis á saude. Os jogos de cartas, das damas, do xadrez, etc., pelo contrario, pregando-vos sobre uma cadeira, esquentão o corpo, e pela attenção, que exigem fatigão o espirito. E' isto um novo trabalho. Acceitai-os porém com bom ar, se outras pessoas os propozerem; pois que (ainda vo-lo torno a repetir) só devemos cuidar na sua utilidade, e no seu prazer; os homens se reunem em Sociedade para acharem satisfação uns pelos outros; é necessario por tanto, que todas as vontades se unão em uma só.

Tereis encontrado algumas pessoas, que não fazem escrupulo de enganar os outros; se o jogo é a dinheiro, o engano é então um verdadeiro furto; se é só por um simples

passatempo, ainda vos fazeis mais culpado enganando; pois que tirais aos parceiros com as vossas trapaças o prazer, que terião ganhando; até mesmo podeis chegar a escandalizá-los: além de que quando se chega a perceber que algum *trapaceia*, segundo a expressão adoptada, já não ha prazer em jogar: não perturbeis por tanto os divertimentos alheios. Mostrai franqueza em tudo: este modo é o mais agradavel para todos, e o mais honroso para vós. As pessoas que armão enganos em um jogo desinteressado, são muito máus gracejadores, que se divertem a si sós, e que enfastião os outros, quando cuidão diverti-los.

De como nos devemos comportar pelas ruas.

Cuidai muito pelas ruas em regular o vosso andar, e as vossas maneiras, se não quereis chamar sobre vós as vistas dos que vão passando, e parecer-lhes ou extravagantes, ou malcreados.

O vosso passo seja natural, nem muito lento, nem muito precipitado, excepto se tiverdes cousa que vos inste.

Não affecteis ter a cabeça muito levantada; nem balancear as espadoas; estes signaes são os do orgulhoso.

Se fordes meneando, e arrastando os pés, passareis por um preguiçoso, que mal se póde levar a si mesmo.

Tambem não deveis andar sobre as pontas dos pés, como se fosseis dançar, não deveis correr de uma parte para a outra da rua, que vos terão por doudos.

Igualmente não dareis aos braços grandes movimentos, como se fossem azas, ou remos, que vos fizessem ir mais depressa.

Se ides ao lado de outro, regulai os passos sobre os delle; não o incommodeis chegando-vos muito de perto; nem tambem vos affastareis tanto que o não possais ouvir. Tende cuidado nos pés para os não pôrdes de repente sobre alguma poça de agua, ou lama, porque podeis

salpicar o vosso visinho. Esta precaução é igualmente util para vós.

Quando fordes andando, deitai as pontas dos pés para fóra; não tropeceis nas pedras, e que os calcanhares se não batão um contra o outro.

Se pelo caminho encontrardes uma pessoa, cuja idade, ou presença faça respeito, a saudareis com polidez, sem vos virardes muito para ella, salvo no caso de a conhecerdes particularmente.

Nenhum menino deve ter difficuldade em saudar as pessoas, que encontra, menos quando estes encontros forem frequentes: honrar os outros é ganharmos honra para nós. Nas grandes Cidades, vista a muita quantidade de gentes, que nos passão ao lado, basta saudar aquelles que conhecemos.

Se alguma pessoa vos sauda, fazendo-vos parar na rua, deveis fazer-lhe tanto, quanto ella vos faz; só obrareis de outro modo, quando vos fôr muito inferior por algum respeito.

Não ha precisão de dizer a todo o mundo indistinctamente: Como

passais? Esta fórmula não convém senão aos nossos iguaes, ou ás pessoas que conhecemos particularmente.

Quando encontrardes uma pessoa respeitavel, ou a quem quereis fazer honra, dai-lhe o melhor lugar; retirai-vos um pouco do lado para o meio da rua: é de convenção que isto seja um signal de respeito.

E' muito mal acceito dizer a uma pessoa, *cobri-vos, senhor*, se não fôr que esta pessoa nos seja inferior. Com os vossos iguaes podeis dizer, *cobramo-nos*. Todavia se tiverdes precisão de cobrir a cabeça, e que vos acheis perante uma pessoa que respeitais, e que se deixa estar com a cabeça descoberta, podereis muito bem dizer-lhe: *senhor, espero que me deis licença para me cobrir*. Quando vos tiverem rogado para vos cobrirdes, não façais repetir a súpplica; principalmente se a pessoa, que vos fa[illegible] continúa a ficar descoberta.

Tudo quanto acabo de dizer, meu filho, diz mais respeito a ti, do que a tua irmã. Comtudo os seus deve-

res não lhe são menos restrictos; antes, pelo contrario, ella deve observar-se muito mais, logo que se acha na presença do público. O seu andar deve igualmente ser regulado, e annunciar uma sorte de pudor. Os seus olhos devem raramente andar levantados; e sobre tudo ainda menos devem de qualquer modo buscar as attenções dos homens; o contrario é uma indecencia, que annuncia alguma cousa mais, que a desenvoltura. Não se descuide ella em dar á cabeça de um para outro lado, que a terão por louca. Não vá fazendo paradas na rua. Não attenda, se algum homem pouco honesto lhe disse alguma palavra; vá caminhando, sem lhe importar se elle fallou, ou não. Geralmente a conducta de uma mulher deve ser muito mais severa que a de um homem. Como vive cercada de mais laços, ella deve levar a toda a parte uma sorte de desconfiança. Todo o mundo a julga com grande severidade; tem esta razão de mais para que nunca se esqueça de si.

DUODECIMA CONVERSAÇÃO.

Do que os homens devem por Civilidade ás senhoras.

As relações, que existem entre os dous sexos, põem alguma differença na maneira de se conduzir um a respeito do outro. Os homens devem ter um respeito mais distincto, uma complacencia mais attenta para com as mulheres, do que para com os individuos do seu sexo.

O que te digo aqui, meu filho, pertence, propriamente fallando, a outra idade: nunca porém é inutil lançar um bom principio em um coração, posto que elle não deva alli abrolhar ainda. Escuta-me pois.

Quando te achares em uma companhia, em que estiverem senhoras, tem com ellas toda a sorte de attenções: a fraqueza da sua constituição é bastante para nos obrigar a dispensá-las de tantos incómmodos, quantos nos forem possiveis. O que nunca farias por amor de um ho-

mem, faze-o com todo o prazer por amor de uma Senhora. Cede-lhe sempre o lugar mais cómmodo, e o mais honroso. Na mesa, não consintas nunca ser servido primeiro que ellas. Se se tracta de jogos consulta-as sempre: sejão ellas as que escolhão, e segue os seus desejos, se não forem contra o teu estado, a tua idade, ou a tua saude; por quanto, dizendo-te que deves condescender com os desejos das senhoras, supponho que ellas não tem outros, que não sejão razoados. Se na Sociedade se encontrasse alguma estouvada, alguma caprichosa que exigisse de ti cousas indiscretas, escusa-te o mais honestamente que te fôr possivel; mas com firmeza; sería grande miseria entregar-se por polidez a ser victima de uma louca, que sómente merecesse piedade.

Procura sobre tudo, meu filho, que os teus discursos sejão castos na presença das mulheres. Muitos homens indiscretos, e grosseiros julgão ser muito agradavel dizer cousas deshonestas em uma companhia; seme-

lhante sorte de entretenimento incivil offende sempre as pessoas, que tem pejo. Eu bem sei que alguns tem a arte de disfarçar as suas palavras; de qualquer maneira porém que em tal caso se comportem, sempre obrão muito mal; nisto mostrão uma alma pouco delicada, uma imaginação obscena, e dão de si uma opinião, que lhe não será vantajosa. Respeita as mulheres por quanto importa aos bons costumes, que ellas se respeitem a si mesmas. Se todos se permittissem semelhantes liberdades, que seria a conversação? Uma verdadeira libertinagem, e tanto mais perigosa, quanto mais espirito nella houvesse. Tu, meu amigo, mostra-te alegre, amavel, até mesmo galante, porém nada mais; sê homem honrado até mesmo nos teus divertimentos; e faze com que o pai de familias nunca tenha o menor receio de te admittir em sua casa.

Se succeder que ellas entrão em algum jogo de exercicio, poupa-lhes muito a sua delicadeza; o que seria

primor, e galanteria com um homem, virá a ser gros eria com uma senhora. Todos os teus toques sejão decentes, assim como as tuas palavras. Bem terás observado que insisto muito sobre este ponto; tenho a minha razão. Encontrarás muitas pessoas, a quem nada embaraça isto; e eu não quero que o máu exemplo te contamine. Para te preservar, lembra-te sempre de que a Sociedade não é agradavel, senão em quanto a honestidade nella reina.

Da maneira como as pessoas de pouca idade se hão de conduzir na Sociedade a respeito das pessoas mais idosas.

Muito particularmente a ti é, minha filha, que a modestia é essencial. Já t'o disse mais vezes; julga-se uma mulher com rigorosa severidade; por esta razão é que não deves commetter alguma ligeireza.

Os modos de olhar manifestão mui claramente quanto se passa no coração; dá pois ás tuas vistas toda

primor, e galanteria com um homem, virá a ser gros eria com uma senhora. Todos os teus toques sejão decentes, assim como as tuas palavras. Bem terás observado que insisto muito sobre este ponto; tenho a minha razão. Encontrarás muitas pessoas, a quem nada embaraça isto; e eu não quero que o máu exemplo te contamine. Para te preservar, lembra-te sempre de que a Sociedade não é agradavel, senão em quanto a honestidade nella reina.

Da maneira como as pessoas de pouca idade se hão de conduzir na Sociedade a respeito das pessoas mais idosas.

Muito particularmente a ti é, minha filha, que a modestia é essencial. Já t'o disse mais vezes; julga-se uma mulher com rigorosa severidade; por esta razão é que não deves commetter alguma ligeireza.

Os modos de olhar manifestão mui claramente quanto se passa no coração; dá pois ás tuas vistas toda

a expressão da modestia: e, para melhor o conseguires sê modesta tu mesma; um ar desenvolto em uma mulher é cousa que repugna. Principalmente não busques as vistas dos homens; um tal habito vem ordinariamente de depravação do coração; e se por acaso uma simples inconsequencia t'o faz imitar, confundir-te-hão com aquellas, cujos costumes tem já alguma cousa de corrompidos.

Se é util para a Civilisação da Sociedade que os homens, e as mulheres se reunão, é tambem utilissimo para os costumes que esta familiaridade não seja demasiadamente íntima. Não fujas comtudo por affectação, da sua companhia, como faria uma fingida; mas tambem não a deves buscar com demasiado excesso; prefere-lhe antes a das pessoas do teu sexo.

No meio mesmo dos mais licitos divertimentos deves sempre ser reservada: será sómente por esta modesta reserva que te farás respeitar, e que as pessoas sem costumes te-

a expressão da modestia: e, para melhor o conseguires sê modesta tu mesma; um ar desenvolto em uma mulher é cousa que repugna. Principalmente não busques as vistas dos homens; um tal habito vem ordinariamente de depravação do coração; e se por acaso uma simples inconsequencia t'o faz imitar, confundir-te-hão com aquellas, cujos costumes tem já alguma cousa de corrompidos.

Se é util para a Civilisação da Sociedade que os homens, e as mulheres se reunão, é tambem utilissimo para os costumes que esta familiaridade não seja demasiadamente íntima. Não fujas comtudo por affectação, da sua companhia, como faria uma fingida; mas tambem não a deves buscar com demasiado excesso; prefere-lhe antes a das pessoas do teu sexo.

No meio mesmo dos mais licitos divertimentos deves sempre ser reservada: será sómente por esta modesta reserva que te farás respeitar, e que as pessoas sem costumes te-

merão dizer, ou fazer alguma cousa, que te ultraje. Se houver quem tome alguma liberdade comtigo, a severidade da tua vista deverá chamá-lo logo á decencia. Não tenhas jámais um só ar de riso para o que não fôr honesto; pois que de outro modo te farás desprezar a ponto, que te faltarão ao respeito, com a certeza de que já és assaz desprezivel para não teres direito de te queixar. Se na tua presença se diz alguma palavra com sentido dobrado, mostra que não entendes; não deves nem escandalizar-te, nem rir de a ouvir: se a conversação é indecente, sem equivocos, retira-te, se o pódes fazer; e, quando não, mostra no teu ar frio o desprezo, com que recebes semelhantes discursos, que não podem jámais sahir senão da bôca de pessoas deshonestas, e sem educação.

Ainda agora disse que os homens devem condescender com as senhoras; não é isto porém razão bastante, para que uma mulher tome a liberdade de abusar dessa complacen-

cia: uma namorada sómente, ou uma caprichosa é que obra por este modo. Uma mulher honesta, e de razão recebe com modestia as attenções, que lhe tributão; comporta-se porém de modo, que não venha a ser o entretenimento perpetuo dos homens.

Na conversação não pertendas nunca brilhar demasiado. Ha toda a satisfação em encontrar uma mulher instruida; mas quando esta pertende trazer toda a gente ao seu sentimento, ou se vangloría em fazer ostentação da sua sciencia, torna-se insupportavel, e fica reduzida á classe dos pedantes. Falla sem ostentação; os homens são injustos, a presença de uma mulher sábia offende excessivamente o seu orgulho. Tem compaixão da sua fraqueza, e obra de sorte, que á força de modestia perdoem á tua sciencia, se a tens. Quero citar-te aqui o exemplo de *Madama Dacier*, a mulher mais sábia do seu tempo: — Um Cavalheiro Alemão, que nas suas viagens se comprazia em visitar as pessoas do

mais distincto merecimento, rogou a Madama Dacier que escrevesse o seu nome sobre um livro de memoria que trazia. Esta mulher respeitavel, depois de se haver escusado por algum tempo, escreveu por fim o seu nome, e depois delle um verso de Sóphocles, cujo sentido é, que o *silencio é o mais bello ornamento da mulher*. — Eis-aqui tens o teu modelo, ó minha filha.

Se, pelo contrario, tens pouca instrucção, então mais te convém ser calada. Escuta; este caracter é facil, e algumas vezes dá prazer aos circumstantes. Não arrastes a conversação, como fazem tantas mulheres sem espirito, e sem conhecimentos, sobre um vestido, um penteado, ou qualquer outra parte de enfeite pertencente ao toucador; é este o mais tolo de todos os entretenimentos, e o que os homens mais desprezão.

As mulheres, geralmente fallando, tem um grandissimo defeito, e é o de se examinarem mutuamente, de passarem em revista todo o seu

vestuario, para depois se criticarem sem piedade. Este crime é muito baixo, e miseravel; foge delle, minha filha; a critica que fizeres ás outras não te fará parecer, nem mais bella, nem vestida com mais elegancia: e só conseguirás por isso dar uma idéa má do teu coração.

DECIMA TERCEIRA CONVERSAÇÃO.

De como nos devemos portar, quando nos acharmos com pessoas de diversa Religião.

Nós vivemos, meus filhos, em um paiz, aonde a liberdade em materia de Religião é limitada; quero dizer, aonde publicamente só se admitte a Religião Catholica Romana, mas como aqui vivem pessoas de diversa crença, que são toleradas em virtude dos Tractados com os seus Governos, e podeis concorrer com ellas na Sociedade, devo prevenir-vos para as não desprezar, só porque são de outra opinião a este respeito.

A primeira maxima, que nunca deveis esquecer é, que todos os homens são irmãos, e que a mesma nossa Religião nos prohibe maltractá-los, só porque não crêm como nós. Com a certeza de estarmos no bom caminho só nos resta, ou convencermos os outros com boas ra-

zões a que nos sigão, ou orarmos por elles, para que Deus os converta. Deixai ás authoridades competentes, e aos pastores da Igreja, o cuidado de elucidar estas materias, e disputar as suas controversias.

Fugi de imitar o exemplo dos fanaticos, que contra o proprio espirito da Religião Catholica só vêm nos que professão uma Religião diversa um ente miseravel, que Deus tem proscripto, e já condemnado. E' este um sentimento abominavel, que só póde nascer de um máu principio, e que por consequencia é condemnavel diante de Deus, Auctor de toda a Justiça.

Se vos achardes em uma companhia composta de pessoas de muitas Religiões diversas, evitai sempre o trazer a conversação sobre o vosso modo de pensar religioso: daqui só resultaria mortificação para os outros, e pelos vossos embaraços igual mortificação para vós.

Se vos obrigarem porém a manifestar o vosso sentimento, não o dissimuleis; fallai com franqueza;

mas de tal sorte que não offendais os que tem uma opinião diversa. Não se ganha a quem se despreza, nem se convence a quem se insulta. O fim da Religião é o de trazer os homens a adorarem a Deus; devemos por tanto, quanto nos fôr possivel, não fazer della um objecto de disputa. A sua verdade está tão provada, que nem os argumentos, e sophismas dos incredulos, nem os crimes dos seus filhos, nem os escandalos de alguns dos seus Ministros, que são homens, a podem abalar. Deste modo, meus filhos, firmes na vossa crença, deixai a Deus o cuidado de julgar os homens a este respeito; e sem nunca tomardes as vossas paixões por sanctas inspirações, como fazem os hypocritas, e os fanaticos, reconhecei em todos os homens honrados, e honestos a vossos irmãos, com quem deveis usar, como quererieis que usassem comvosco.

Do deitar na cama.

Até aqui temos considerado quasi todas as circumstancias, em que no decurso de um dia, se hão de pôr em pratica as regras da Civilidade. De resto, meus filhos, imitai as pessoas, que á honestidade dos principios ajuntão o uso do mundo, e essa verdadeira polidez, que tem por fim obrigar, e agradar.

Em quanto ao deitar na cama á noite, se o podeis fazer á vossa vontade, não o façais nunca muito pela noite dentro: deitar cedo, e erguer cedo, é o melhor para a saude, e nos offerece mais tempo para nos entregarmos aos nossos negocios.

Antes que um menino bem nascido se recolha á sua camara, deve satisfazer os seus deveres para com seus pais, ou seus superiores.

Não deve metter-se na cama sem primeiro ter adorado a Deus, e haver-lhe dirigido as suas acções de graças por todos os beneficios recebidos da sua mão naquelle dia.

O vosso modo de despir seja decente; como tambem o de vestir; arranjai o fato com cuidado, a fim de o achar facilmente á mão no outro dia: a ordem é util em tudo, e poupa muito tempo.

Antes de adormecer, repassai pelo vosso espirito quanto vos tem occupado no decurso do dia; vêde bem se tendes feito alguma acção util, e se desempenhastes os vossos deveres, lançai um golpe de vista sobre o dia seguinte, e promettei a vós mesmos de fazer melhor, se não estais satisfeitos do emprego que fizestes do dia passado; pensai que o tempo foge para não tornar mais a vir; que vós envelheceis a cada instante, e que as horas perdidas são outras tantas de menos na carreira da nossa existencia. Esta reflexão é terrivel, meus filhos; e se a conservassemos mais cuidadosamente na memoria, seriamos mais avaros dos nossos momentos.

Eis-aqui tendes, meus queridos filhos, o que é essencial que saibais, e que pratiqueis, para bem encher os deveres do homem. Eu vou resu-

mir quanto tenho dito em poucas palavras.

Retribui o bem que se vos tiver feito, e sereis *Honrados*.

Fazei o bem sem interesse, e sereis *Virtuosos*.

Entrai na Sociedade com attenção que obrigue os outros, e sereis *Polidos*.

Reuni fielmente estas tres cousas, e sereis uns sujeitos perfeitos.

Pelo que me pertence, eu tenho desempenhado um dos pontos da Moral; tenho-vos transmittido estas lições que recebi de meus respeitaveis pais; algum dia, se Deus permittir, vos achareis no lugar que eu hoje occupo. Dai então a vossos filhos o mesmo, que eu acabo de vos dar, é este um dever sagrado para vós; e por este modo é que os bons principios se propagão, e se conservão entre os homens.

FIM DO THESOURO.

POESIAS DIVERSAS.

Embora se afadigue, e até consuma
Sobre os Livros a vida, o que pertende
Sustentar a balança da justiça,
Ornar co'a borla a fronte.

Arrostem outros com valor ousado,
Em raso campo, em scena lastimosa
Cerrados esquadrões de gente armada
Espadas, e Pelouros.

Vão mil outros embora atravessando
Sobre fragil baixel azues campinas,
E guiados da sordida avareza
Desprezem bravos mares.

Embora mil thesouros amontoem
Os da vil ambição loucos escravos,
Afrontando tormentas, e soffrendo
Receios, e temores,

Tudo doura a cobiça: a gloria o nome
Rouba ao peito dos miseros humanos
Abrasados desejos, e lhe occulta
Eminentes perigos.

Eu não aspiro, não a esta gloria,
Nem a vermelha cinta, ou branca vara
Póde em mim despertar a vã cobiça,
Ou acordar a inveja.

Só desejo que os Fados me permittão,
Inda um dia gozar em paz serena
O triumpho da intriga, e da calumnia,
Que nutrem meus contrarios.

Este o bem, que appeteço, e solicito
Nada mais a minha alma exige, ou tenta,
A sã mediocridade assás me é grata,
Riquezas não me illudem.

Nega-me embora, barbara Fortuna,
Teus brilhantes thesouros;
Embora tu me occultes
Do metal louro os cofres bronzeados,
Com minha sorte assás vivo contente,
Conheço que sou pobre,
Porém dias, e noites
Alegremente passo sem cuidados.

Sei que p'ra conservar a curta vida,
Para obter alimento,
Hei de sim fatigar-me,
E mil vezes cançar os debeis braços,
Mas quanto me premeia a nobre gloria
De [illegible]icar satisfeito
[illegible]a torpe ociosidade
Os sempre abominaveis fataes laços.

Esse monstro voraz, sordida peste,
Ruina dos Estados,
Não ousa apparecer-me;

Eu a soube banir destes lugares,
Em vão tentas, em vão, impia Fortuna,
Atterrar a minha alma;
Espirito elevado
Não cede, não succumbe a taes pezares.

Vivo pobre, mas não em tal miseria,
Que os outros importune;
A sã mediocridade
Desfructo em paz tranquillo, eu sou feliz;
E para o ser, Fortuna variavel,
Basta sim tão sómente,
Que tal me considere,
Eu mesmo o provo, a natureza o diz.

Sei que esses, com quem prodiga repartes
Teus cabedaes immensos,
Tyrannos das virtudes,
Em ocio horrivel os innunda o ouro;
Mas ah quanto infelices sem socego
A breve vida passão!
Basta para inquietá-los
O fúnebre zunido de um besouro.

A virtude aos Heróes sempre propicia
Illustrou minha mente,
Dictou taes desenganos
Foge, oh Fortuna, foge, em paz me deixa,
Comtigo leva o espirito do erro,
Que havias convocado,
Para augmentar meu damno,
Cessará de uma vez tão justa queixa.

CANTO DE LYDIA.

Qual a rosa em campo ameno,
Pela Aurora borrifada,
Nem dos ventos offendida,
Nem dos rebanhos tocada;
Que d'inveja matando as outras flôres,
Faz o mimo, e a cobiça dos Pastores;

Mas logo, que a mão avára
A seus bicos a roubou;
Parece o viçoso perde,
Com que a todos encantou;
E ao peito de vaidoso pegureiro,
Só elle a toca, só lhe gósta o cheiro:

Tal a Nympha meiga e pura,
Quando vive em liberdade,
De todos, que vêm seus olhos,
Leva captiva a vontade:
Mal porém, que ella entrega a mão de Esposa,
N'um só altar, d'um só os cultos goza.

NOÇÕES PRELIMINARES

DE

ARITHMETICA,

OU AS

QUATRO OPERAÇÕES.

A Arithmetica é a sciencia que ensina a contar e calcular, cujo objecto são os numeros.

Para se formar uma idéa exacta dos numeros, é necessario saber primeiro o que se entende por unidade.

A unidade é uma quantidade que serve de termo de comparação a todas as outras quantidades da mesma especie: assim quando dizemos que um corpo peza cinco arrobas, a arroba é a unidade e a qualidade com a qual se compara, e pela qual se fórma idéa do pezo. Podiamos igualmente tomar arrateis ou onças.

O numero serve pois para exprimir de quantas unidades ou partes da unidade se compõe qualquer quantidade; o numero é o aggregado de muitas unidades.

As especies dos numeros mais ordina-

rios são: *homogeneos*, *heterogeneos*, e *quebrados*. Homogeneos são aquelles, cujas unidades são do mesmo genero: heterogeneos aquelles, cujas unidades são de differente genero. Numero quebrado é aquelle, que declara uma, ou varias partes iguaes de uma unidade; como, meio porco, meia maçã, um quarto de pão, etc.

Numerar é saber ler e escrever certas quantias de numeros propostos.

O numero é infinito, e se divide em *digito*, *articulo*, e *composto*. Digito quando não chega a dez; articulo quando são dezenas inteiras, como dez, vinte, trinta, cem, mil; e composto quando passa de dez, como: onze, dezeseis, vinte e nove, cento e quinze, etc.

A numeração é a arte de exprimir todos os numeros por uma quantidade limitada de nomes ou caracteres. Estes caracteres, que são as letras da escriptura numerica, chamão-se *algarismos*, e são dez, a saber:

um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete,
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7,
oito, nove, cifra,
8, 9, 0,

dos quaes o ultimo é insignificante, mas antepondo-se-lhe algum dos outros numeros, toma o valor do numero anteposto; por ex.:

um } juntando-lhe a cifra á direita { dez
1 } faz . . . . . { 10

mas se pozerem a cifra á esquerda, 01, fica valendo sómente um, pois que á esquerda nada vale, e sim á direita augmenta de valor, porque de unidade passa a dezena, centena, mil, dezena de mil, centena de mil, milhão, etc.; por ex.:

milhão, centena de mil, dezena de mil,
5, 4 2
mil, centena, dezena, unidade de réis,
3, $ 1 4 8,

o que se escreve: 5,423$148 réis, e se pronuncia, cinco milhões, quatrocentos vinte e tres mil, cento quarenta e oito réis; é uso depois das primeiras tres letras separar a quarta com um signal $ a que chamão cifrão, como acima; por consequencia, pelo que fica dito se vê, que para tornar um numero, acabado em cifras, dez, cem, mil vezes, etc., menor bastará supprimir uma, duas, tres cifras, etc.; e querendo augmentar-lhe o valor de dez, cem, mil vezes, etc., bastará collocar uma cifra, duas, tres, etc., á direita do numero que se pertende augmentar.

As especies mais principaes de contar, são: Sommar, Diminuir, Multiplicar, Repartir.

Antes de passarmos a descrever estas

regras, apresentaremos uma taboada contendo todos os resultados da multiplicação de cada um dos numeros, desde 1 até 9, por cada um dos mesmos numeros, chamada de Pythagoras.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2	4	6	8	10	12	14	16	18
3	6	9	12	15	18	21	24	27
4	8	12	16	20	24	28	32	36
5	10	15	20	25	30	35	40	45
6	12	18	24	30	36	42	48	54
7	14	21	28	35	42	49	56	63
8	16	24	32	40	48	56	64	72
9	18	27	36	45	54	63	72	81

Ha quatro signaes chamados algebricos, que significão: + mais, × multiplicado, — menos, = igual; por ex.:

mais igual a multiplicado por igual a
4 + 2 = 6 × 2 =

menos igual a
12 — 4 = 8.

Sommar.

Sommar é ajuntar ou addicionar varios numeros de qualquer cousa da mesma especie, e chama-se *somma* ou *total* o resultado desta operação; por ex.: dados v. g. os algarismos 7, 4, 20, 8, ajuntando-se todos, acha-se o numero 39 igual aos quatro dados. Os numeros que se ajuntão chamão-se *addições* ou *parcellas*.

Para sommar varios numeros, escrevem-se primeiro as parcellas umas por baixo das outras, de modo que as unidades fiquem debaixo das unidades na mesma columna vertical; as dezenas, centenas, milhares, etc., igualmente debaixo das dezenas, das centenas, dos milhares, etc., e assim sempre; por ex.:

Se se trata de numeros compostos só de unidades, a que chamão digitos, é como segue:

7
6
4
5
2

Somma 24

Se se trata de numeros compostos de

unidades, dezenas, etc., tendo dous e mais algarismos, então é:

15
123
77
2

Somma 217

Diz-se 5 + 3 + 7 + 2 faz 17; põe-se a cifra 7 debaixo das unidades, e guarda-se o 1 que representa 1 dezena, e passa a essa columna e diz-se 1 + 1 + 2 + 7 faz 11, põe-se a cifra 1 debaixo das dezenas e guarda-se 1 que representa uma centena e passa a essa columna, e diz-se 1 + 1 faz 2; e assim para todas as columnas.

Quando os numeros não são homogeneos não se podem sommar ou addicionar, porque não se hão de juntar vinte maçãs com trinta cavallos e dez barris, etc.

Diminuir.

Diminuir ou subtrahir é uma operação pela qual se tira um numero menor de um numero maior da mesma especie, e o resultado chama-se *resto*, *excesso*, ou *differença*.

Estas tres palavras correspondem cada uma ao modo particular de considerar o resultado; por ex.: se de 9 se quizer tirar

4, o resultado 5 chama-se *resto*: se se quizer mostrar a superioridade de 8 a 6 o resultado 2 chama-se *excesso*; mas se pelo contrario se quizer mostrar a inferioridade de 4 para 5, o resultado 1 se chama então *differença*.

Para fazer uma diminuição ou subtracção assentaremos um numero por baixo do outro, e passando uma risca debaixo de ambos, tiraremos da direita para a esquerda, escrevendo cada resto debaixo da risca pela mesma ordem, ou uma cifra quando nada sobeja; por ex.:

746$283
322$182

Resto 424$101

Diz-se então: quem de 3 tira 2 fica 1, quem de 8 tira 8 fica 0, quem de 2 tira 1 fica 1, quem de 6 tira 2 fica 4, quem de 4 tira 2 fica 2, quem de 7 tira 3 fica 4.

Quando um algarismo inferior é maior do que o outro do numero superior, ou o de baixo maior do que o de cima, este se augmentará com 10 unidades, tomando para isso emprestada uma das unidades do algarismo proximo da esquerda, como por exemplo:

68$432
36$541

Resto 31$891

Diz-se então: quem de 2 tira 1 fica 1, quem de 3 tira 4 não póde, mas vai-se pedir emprestado a casa das centenas 1 que vale 10, e diz-se, quem de 13 tira 4 fica 9, quem de 3 tira 5 não póde como acima dizemos, e além disso o 4 já não vale senão 3, pois que deu 1 ao seu visinho da direita, e este vai tambem pedir ao visinho da esquerda uma dezena, e então diz-se, quem de 13 tira 5 fica 8, quem de 7, pois que como deu uma dezena ao visinho da direita sómente vale 7, tira 6 fica 1, quem de 6 tira 3 fica 3.

Multiplicar.

Multiplicar é tomar o primeiro numero tantas vezes, quantas são as unidades do segundo.

O numero que se ha de multiplicar chama-se *multiplicando*, aquelle pelo qual se ha de multiplicar chama-se *multiplicador*, e o que resulta da operação chama-se *producto*. Além disso o *multiplicando* e o *multiplicador* tem uma denominação commum, considerados como concorrendo para formar o *producto*, e são chamados *factores do producto*.

Multiplicar um numero por outro é addicioná-lo tantas vezes quantas este se compõe; por ex.: 8 multiplicado por 4 é o mesmo que addicionar 8 quatro vezes.

Exemplo: 8 8
3 4 vezes 8 faz 32.
8 —
8 32
—
32

Quando ha mais de um algarismo no *multiplicador*, faz-se a operação parcialmente pelas dezenas, centenas, etc.; por exemplo:

Multiplicando 62684
Multiplicador 435

313420
188052
250736

Producto 27267540

Multiplica-se o algarismo 5 e assenta-se o *producto* debaixo da risca; o segundo *producto* multiplicado por 3 se põe debaixo do precedente, e de sorte que a primeira letra 2 fique correspondendo ás dezenas; o terceiro *producto* multiplicado por 4 se põe debaixo das centenas, etc. Depois sommão-se estes productos, o que dá o producto total de 27267540. Havendo cifras entre os algarismos do *multiplicador* é escusado assentá-las, e se passa ao ou-

tro algarismo da esquerda, pondo a primeira letra do producto na casa correspondente á letra do multiplicador; por ex.:

```
   64264
    4008
  ------
  514112
257056
---------
257570112
```

Multiplica-se o algarismo 8 e assenta-se o *producto* debaixo da risca; o segundo não ha, nem o terceiro, e passa ao quarto algarismo que é 4 e assenta-se o producto debaixo da risca, ficando correspondendo á columna dos mil; depois se addiciona estes productos que dá o total já conhecido.

Repartir.

Repartir é saber dividir uma quantidade em partes iguaes. O numero que se toma para se repartir, chama-se *dividendo* ou *partição*; aquelle por quem se reparte se chama *divisor* ou *partidor*; e o que sahe chama-se *quociente.*

Dividir um numero é o mesmo que diminuí-lo tantas vezes quantas é preciso dividí-lo; por exemplo:

Dividir 9 por 3 é o mesmo que diminuir 3 de 9 tres vezes:

Exemplo:

9	9	3
−3	9	3
—	—	
6	0	
−3		
—		
3		
−3		
—		
0		

Quando o *divisor* tem mais de um algarismo faz-se a operação do mesmo modo; e se um dos *dividendos parciaes* não contém o *divisor*, põe-se uma cifra no *quociente*, para dar aos outros algarismos o seu verdadeiro valor; por exemplo:

278145	91
273	3056
514	
455	
595	
546	
49	

Em primeiro lugar tomaremos as tres primeiras letras do numero dado para fa-

zermos dellas o nosso *dividendo parcial*, porque as duas primeiras fazem um *dividendo* menor que o *divisor*, e diremos: em 278 quantas vezes ha 91, ha 3 vezes, que assentaremos no *quociente*; então multiplicaremos 3 por 91, e o producto escrever-se-ha debaixo do *dividendo parcial* para depois o diminuir deste, e então diremos quem de 8 tira 3 fica 5, quem de 7 tira 7 fica 0, quem de 2 tira 2 fica 0: assenta-se pois o algarismo 5 debaixo do 3, e abaixa-se o 1 do *dividendo*, o que faz 51, e diz-se: em 51 quantas vezes ha 91, não ha nenhuma, então põe-se a cifra para encher a casa, e vai-se ao dividendo procurar a seguinte cifra que é 4, e diz-se: em 514 quantas vezes ha 91, não póde haver mais que 5, que se multiplica por 91, e o *producto* escrever-se-ha debaixo do terceiro *dividendo parcial* para depois diminuir, e assim diremos quem de 14 tira 5 fica 9, quem de 10 tira 5 fica 5, quem de 4 tira 4 não fica nada; vai-se então procurar a ultima cifra do *dividendo* que se abaixa, e fórma o quarto *dividendo parcial*, e diz-se: em 595 quantas vezes ha 91, deve haver 6 vezes, multiplica-se 6 pelo *divisor* 91, e o *producto* escrever-se-ha debaixo do quarto *dividendo parcial* para poder diminuir, e então diremos: quem de 15 tira 6 fica 9, quem de 8 tira 4 fica 4, o que fórma 49 que se não podem

dividir por 91, e que não havendo mais cifras no dividendo a abaixar se torna um quebrado, ou uma fracção do todo, e se assenta $\frac{49}{91}$: este signal — entre dous numeros quer dizer dividido, e vem a ser o mesmo que 49 dividido por 91; chama-se ao numero que está por cima da risca *numerador*, e ao que está por baixo *denominador*.

Toma o nome de fracção ou quebrado o que fica no fim da divisão e que é somma menor que o divisor, e que por consequencia se torna parte de um inteiro, v. g., metade, terça, quarta, quinta, oitava, etc.: por isso suppondo que no exemplo acima dividimos 278:145 alqueires de trigo por 91 dias para saber quantos cabem a cada dia, e achamos 3:056 alqueires inteiros e mais 49 alqueires que se não podem dividir pelos 91 dias; mas como nós podemos reduzi-los a quartas, oitavas, maquias e selamins, multiplicando-os primeiramente por 4 para termos quartas, depois este resultado por 2 para termos oitavas, que depois se multiplica por 2 para dar maquias, o qual resultado ainda se deve multiplicar por 2 para produzir selamins, e nos dá por resultado 1:568 selamins de trigo, que divididos por 91 dias como queriamos saber, dá a cada dia 17 selamins, e ainda ficão 21 selamins que se não podem dividir por se não poderem reduzir a mais pequena medida, por isso diremos

que cabe a cada dia 3:056 alqueires, 17 selamins, e mais $\frac{21}{91}$ fracção de selamim, resto quasi insignificante; e assim de todas as mais fracções que se encontrão nos calculos.

Da Prova.

Para tirar a prova de uma conta basta fazer a operação ás avessas, e por esta nos certificamos do resultado da primeira operação; todavia ordinariamente costuma fazer-se pela regra dos 9 fóra, que se vão tirando com summa facilidade dos seus algarismos sommando-os successivamente da esquerda para a direita, e chegando a formar 9 lança-se fóra, e com o que fica se continúa para diante até que dê por resultado nada.

Mas como já dissemos basta verdadeiramente fazer a operação em contrario do que se fez para se certificar da sua exactidão; por exemplo:

Sommando	125	Total. . . .	1677
Com . . .	345	Diminuindo	125
Com . . .	1207		
			1552
Somma . .	1677	Diminuindo	345
			1207
		Diminuindo	1207
			0000

Multiplicando		Dividindo
4930	Total 12374300	2510
por 2510	10040	4930
49300	23343	
24650	22590	
9860	7530	
Somma 12374300	7530	
	00000	

Por consequencia Sommar e Diminuir verificão-se uma pela outra, do mesmo modo que Multiplicar e Repartir tambem servem a se verificarem mutuamente.

Regra de tres.

Chama-se regra de tres a uma operação que faz achar uma quarta quantidade proporcional, sómente conhecendo tres quantias; esta quarta quantidade incognita representa-se pela letra x em quanto se não conhece: a regra de tres compõe-se de dous numeros que formão a primeira *razão*, e dous numeros de outra especie que formão a segunda *razão*; por exemplo: Se para vestir dous homens foi preciso 8 covados de panno, para vestir seis homens quantos covados são necessarios; escreve-se desta maneira:

2h : 8c :: 6h : x = 24 covados

Este signal : quer dizer *está*, este signal :: quer dizer *como*; multiplico 8 por 6, e divido por 2, o resultado que fica torna-se o termo procurado, que nesta operação, é 24 covados.

```
 8
 6
 —
48 | 2
 4   24
 —
 08
  8
 —
  0
```

Modo de procurar o juro de qualquer quantia.

A regra dos juros torna-se simplesmente uma regra de tres, pois que se quer saber a quantia que rende uma somma, conhecendo nós já quanto rende sobre a cifra 100: por isso para se achar os juros de qualquer conta, multiplica-se a somma pelos juros que deve produzir: se a quantia deve render 5 por cento, multiplica-se por 5 e depois divide-se por 100: se deve render 6 por cento, multiplica-se

por 6 e divide-se por 100; e assim sempre se fôr 7, se fôr 8, se fôr 9, etc., e o resultado é a somma procurada; por exemplo: para saber quanto rende 320$000 réis por anno ao juro de 6 por cento, diremos:

```
        Capital  320000
multiplicado por      6
                 ------   para dividir
           faz 1920000 |100
               100       19200 producto
               ---
                920
                900
                ---
                 200
                 200
                 ---
                 000
                   0
                   0
```

Por isso diremos que 320$000 réis de capital rendem cada anno a juro de 6 por cento 19$200 réis; e assim faremos para qualquer agio que queiramos saber.

Ajuntaremos a estas quatro regras de Arithmetica a Tabella ou divisão dos pezos e medidas, ainda que nada tem com as quatro operações antecedentes:

A Tonelada	contém	13 $\frac{1}{2}$ Quintaes
O Quintal	»	4 Arrobas
A Arroba	»	32 Arrateis
O Arratel	»	4 Quartas, 2 marcos ou 16 onças
A Quarta	»	4 Onças
O Marco	»	8 Onças
A Onça	»	8 Oitavas
A Oitava	»	3 Escropulos
O Escropulo	»	24 Grãos
O Escropulo	»	6 Quilates
O Quilate	»	4 Grãos.

O Marco de prata de 11 dinheiros vale pela lei 6$000 réis, e amoedado corre por 7$680 réis. O Marco de prata de lei vale 5$454 réis, e vende-se por 6$400 réis.

O Marco de prata	contém	8 Onças
A Onça	»	8 Oitavas
A Oitava	»	3 Escropulos
O Escropulo	»	24 Grãos
O Dinheiro	»	24 Grãos

A Oitava de ouro de lei em barra de 22 quilates o Marco vale 1$800 réis, reduzido a moeda tambem de 22 quilates o

Marco vale 1$875 réis, não amoedado de lei vale 1$363 réis, amoedado vale 1$500 réis; porém hoje o ouro ao preço da moeda corrente, a oitava vale 2$000 réis, e contém 72 Grãos.

O Escropulo contém 6 Quilates
O Quilate » 4 Grãos

O Grão é a ultima divisão.

A pedra de toque serve para fazer conhecer a fineza do ouro e da prata aos ensaiadores.

O ouro chamado de lei marcado pelo contraste, deve ser de $20\frac{1}{2}$ quilates; porém tendo 20 quilates marca se.

A prata chamada de lei, marcada pelo contraste, deve ser de 11 dinheiros e 6 grãos.

O ouro da moeda é de 22 quilates.

A prata da moeda é de 11 dinheiros.

O Tonel	contém	2 Pipas
A Pipa de Lisboa	»	25 Almudes
O Almude ou cantaro	»	2 Potes
O Pote	»	6 Canadas
A Canada	»	4 Quartil.

O Quartilho nas Boticas é libra de 12 Onç.

O Annel de agua tem 8 pennas.

O Moio contém 15 Fangas, ou 60 alqueires ou 10 saccos de 6 alqueires

A Fanga	contém	4 Alqueires
O Alqueire	»	4 Quartas
A Quarta	»	2 Oitavas
A Oitava	»	2 Maquias
A Maquia	»	2 Selamins.

A Braça	contém	2 Varas
A Vara	»	4 Quartas, ou 3 Terças, ou 5 Palmos, ou 6 Sesmas, ou 8 Oitavas
O Covado	»	3 Palmos, ou 3 Terças, ou 6 Sesmas.

A Legua portugueza tem 2526 braças, ou 3 milhas, a braça tem 2 varas, a vara 5 palmos, o palmo 8 pollegadas. A toeza tem 6 pés; o passo tem 5 pés, o pé tem 12 pollegadas ou palmo e meio; o palmo de craveira tem 12 dedos, o dedo tem 4 grãos de cevada juntos. A pollegada tem 12 linhas, a linha 12 pontos. Estadio tem 125 passos.

O anno divide-se em 12 mezes, ou 52 semanas de 7 dias; o mez em 30 ou 31 dias; o dia em 24 horas; a hora em 60′ minutos; o minuto em 60″ segundos; o segundo em 60‴ terços.

De qualquer circulo a circumferencia se divide sempre em 360° gráus; o gráu em 60′ minutos; o minuto em 60″ segundos, etc.

COMPENDIO

DA

HISTORIA SAGRADA.

Deus creou o mundo do nada; isto é, pelo seu poder immenso formou aquillo que nós vemos que elle arrancou do cahos. Levou seis dias no trabalho dessa grande obra. No primeiro dia, depois de ter creado o céu e a terra, elle ordenou que a luz se fizesse, e a luz appareceu; no segundo elle creou o firmamento ou empyreo, que elle chamou o céu; no terceiro elle separou as terras das aguas; no quarto elle fez o sol, a lua, e as estrellas; no quinto elle creou os peixes para habitarem dentro da agua, e os passaros para povoarem os ares; no sexto, Deus, depois de ter ordenado á terra de produzir as arvores, as plantas, e toda a qualidade de animaes, quiz coroar os seus trabalhos formando o homem, como a mais perfeita das creaturas, á sua imagem e semelhança, a quem elle deu a intelligencia e o uso da razão, a fim de ser o unico capaz de conhecer e amar a Deus, seu Creador: finalmente o septimo dia reservou Deus para o descanço, e é essa a causa por que o septimo dia é con-

sagrado ao repouso e aos louvores da Divindade.

Depois que Deus acabou de formar de barro o homem á sua imagem e semelhança, e que o assoprou com o bafo da vida, collocou-o no paraizo terrestre, lugar de delicias, sitio ameno, jardim que elle mesmo havia plantado, e onde se achavão as arvores e os fructos os mais bellos e agradaveis. Depois de lhe ter posto o nome de Adão, deu-lhe o imperio sobre todos os animaes, assim como a liberdade de dispôr e comer de todos os fructos da terra á sua vontade, mas todavia exceptuou os fructos produzidos por uma só arvore, pois que, disse elle, *se lhe tocardes, morrereis*: era esta a arvore da sciencia do bem e do mal: Deus queria assim, conforme nos diz a Sancta Escriptura, experimentar a fidelidade do primeiro homem.

Neste meio tempo, o Creador não achando bom que o homem que creára estivesse só, mandou um somno divino a Adão; durante que este se achava adormecido, ou em extasis, Deus formou com uma das proprias costellas de Adão uma mulher a quem elle poz o nome de Eva, a qual depois lh'a foi apresentar como sua companheira; mas este, logo que a viu, exclamou dizendo que ella era a carne da sua carne, e o osso dos seus ossos.

O primeiro homem foi fiel, assim como sua companheira, por muito tempo á ordem e preceito que Deus lhes tinha dado; todavia o demonio, não podendo ver essas duas creaturas innocentes, obedientes e submissas, revestiu-se da figura de uma serpente, tomando-lhe a fórma, e dirigindo-se á mulher disse-lhe: Deus não vos prohibiu de comerdes a fructa da arvore da sciencia do bem e do mal senão por inveja, sabendo que logo que a commessem ficaveis sendo iguaes a elle. Eva deixou-se seduzir com estas bellas palavras, olhou para os fructos, parecerão-lhe bellos, e comeu delles, e logo depois deu a provar a Adão, que não teve bastante força para resistir a esta tentação diabolica. Esta primeira culpa de nossos pais nos condemnou a todos á negra morte; foi ella a causa do peccado original, pelo qual o homem é culpado mesmo antes que nasça, recahindo sobre toda a sua posteridade esta sentença de Deus.

Apenas Adão e Eva acabárão de comer a fructa prohibida, que elles conhecêrão que estavão nús, e por isso se cobrírão com folhas de figueira. Deus chamou por elles, mas elles em lugar de se alegrarem, fugírão a esconderem-se. Onde estás tu, Adão? lhe bradou a voz do Senhor; mas este lhe respondeu que não ousava apparecer-lhe por causa da sua

nudez. Foi então que Deus o arguiu da sua desobediencia; mas este se escusou com a mulher, a qual deitou a culpa sobre a serpente, que Deus amaldiçoou condemnando-a a rojar, arrastar-se, e a comer terra. Depois disse á mulher que lhe multiplicaria os seus trabalhos, que pariria com dôr, e que sería sujeita ao homem: e a este disse-lhe, que a terra sería maldita, que produziria espinhos, e que comeria o seu pão com o suor do seu rosto, até que tornasse para a terra de que tinha sido formado.

Tendo assim fallado, Deus lançou fóra do Paraizo terrestre a Adão e a Eva, e poz á porta um Cherubim com uma espada de fogo para guardar a dita arvore.

Tendo Adão e Eva sahido daquelle lugar de delicias, pouco tempo depois tiverão filhos, que nascidos no peccado forão máus. Cain, o mais velho, nutria contra Abel, seu irmão, um sentimento profundo de aversão e terrivel inveja, porque sendo mais justo que elle, se tornava mais agradavel aos olhos de Deus. Abel, que era pastor, offerecia ao Senhor em sacrificio o melhor dos seus rebanhos; e Cain, que se occupava em cultivar a terra, lhe offerecia os fructos della. Não obstante, Deus que lia no coração dos dous irmãos, só via com prazer os sacrificios de Abel. Todavia Cain, que quanto mais Deus se

mostrava agradado de Abel, maior odio e aversão lhe tinha; chegou-se um dia a seu irmão e lhe disse: *Sáiamos fóra, e vamos ao campo*; este o seguiu, mas então altercando-se com elle, matou-o n'uma rixa; porém o seu peccado não lhe abriu os olhos, porque perguntando-lhe Deus, onde estava Abel, Cain respondeu com atrevimento: *Que não sabia onde elle estava, e que não era seu guarda.* Deus, então, reprehendeu vivamente a Cain do peccado que commettêra, e lhe disse: Que a voz do sangue de seu irmão chegava até ao céu, e que sería maldito sobre a terra, pois tinha maculado as suas mãos em o sangue do innocente Abel, e que andaria fugitivo e vagabundo toda a sua vida. O terceiro filho do primeiro homem era Seth, que se conservou fiel ao Senhor.

Todavia os homens, multiplicando-se, contaminárão toda a terra com infinitos peccados, pois que os descendentes de Cain, que a Escriptura Sagrada chama os filhos dos homens, pervertêrão os filhos de Seth, que ella chama os filhos de Deus. Vendo então o Senhor com uma profunda dôr, como diz a Escriptura, que todos os homens conspiravão para o mal, quasi desconhecendo serem obra do mesmo Deus, se arrependeu de ter feito o homem, que elle tinha creado para ser a sua gloria. Por isso resolveu a final destruir os ho-

mens, e com elles todos os animaes da terra. Porém, entre tantos peccadores, achou um justo e innocente varão, chamado Noé.

Tendo chamado este sancto homem, Deus mandou-lhe que fizesse uma arca, ou grande navio que podesse boiar sobre as aguas, pois que estas ião innundar toda a terra com um diluvio universal. A construcção da arca durou cem annos a fabricar. Quando prompta, Noé depositou nella sete pares de animaes puros, dous pares dos impuros, e elle, assim como sua mulher, e seus tres filhos, Sem, Cham e Japhet, e as tres esposas destes entrárão dentro della. Então Deus, depois de ter elle mesmo fechado a porta da arca, fez cahir do céu uma chuva abundante que durou quarenta dias sem interrupção; as mais altas montanhas forão submergidas debaixo de uma altura immensa de agua. Tudo quanto tinha vida pereceu, á excepção de Noé, da sua familia, e dos animaes encerrados na arca que tornárão mais tarde a povoar a terra.

Noé, depois de sahir da arca, se exercitou em cultivar a terra, e entre outras obras agricolas que fez, plantou tambem a vinha; porém assim que bebeu de um fructo que não conhecia a virtude, adormeceu embriagado. Por acaso tendo-se elle indecentemente descoberto, Cham, seu segundo filho, foi o primeiro que viu seu

pai naquelle estado, mas em vez de se portar como filho prudente, pelo contrario fez de seu pai zombaria, indo chamar seus irmãos para escarnecer delle; porém Sem e Japhet, não podendo soffrer o injurioso desprezo que Cham fazia de seu pai, o cobrírão com uma capa. Sabendo Noé depois o que se tinha passado, condemnou o procedimento de Cham, e amaldiçoando-o, predisse-lhe que seria eternamente servo dos servos de seus irmãos; e pelo contrario abençoou a Sem e Japhet, promettendo-lhes uma larga e feliz posteridade.

Os filhos de Noé, em pouco tempo, multiplicárão a ponto de não poderem viver juntos no mesmo sitio: cuidárão então em se separar, e irem habitar diversas terras; mas antes desta separação formárão um plano grandioso, que mostrava bem a sua loucura e vaidade. Vinde, disserão uns aos outros, façamos uma cidade e uma torre cuja altura chegue até ao céu. Elles querião assim eternizar o seu nome, e defenderem-se contra o mesmo Deus no caso de um novo diluvio. Mas Deus, que se ri dos projectos dos homens, confundiu-lhes a linguagem a um tal ponto, que elles não podendo jámais entenderem-se entre si, forão obrigados a separarem-se e a espalharem-se por toda a terra. Foi deste modo que a obra da sua vaidade ficou

imperfeita e por acabar, o que foi causa que se deu a esta torre o nome de *Babel*, que quer dizer confusão, para lembrar a confusão das linguas que Deus operou sobre elles.

Querendo todavia o Senhor que existisse uma raça de homens fieis, que nunca acabasse, escolheu Abrahão, filho de Thoré, para estirpe e chefe de uma numerosa posteridade, prevenindo-o que delle havia de nascer um dia o Salvador ou Redemptor promettido. Annunciou pois Deus a Abrahão que da sua esposa Sara, que contava então noventa annos de idade, lhe nasceria um filho. Confiou Abrahão na promessa do Senhor, e Sara deu á luz um filho, a quem pozerão o nome de Isaac. Trinta e sete annos depois, querendo Deus experimentar a fidelidade do seu servo, ordenou a este de subir acima de uma alta montanha, e alli sacrificar esse filho unico e querido. Não obstante Abrahão recordar-se da promessa de Deus, de fazê-lo pai d'um povo numeroso, não hesitou em obedecer. Deus então commovido, e conhecendo toda a sua fidelidade, mandou um anjo que lhe reteve o braço já prompto a immolar a victima, e lhe ordenou de sacrificar em lugar de Isaac um carneiro que se achava perto, embaraçado pelas pontas em umas silvas.

Pelo tempo adiante Isaac casou com

Rebecca, de quem teve dous filhos, Esau e Jacob. O mais velho destes vendeu por um prato de lentilhas a sua prerogativa de primogenito a seu irmão mais novo. Por consequencia Jacob, tendo sido abençoado por seu pai Isaac á hora da morte, foi o pai dos doze Patriarchas, que vierão a ser chefes das doze Tribus.

José, um dos filhos mais novos de Jacob, e neto de Isaac, attrahiu sobre si a inimizade de seus irmãos, por lhes explicar o sentido de dous sonhos que tinha tido, presentindo o seu poder, e antevendo a sua grandeza futura. Estes resolvêrão de commum accordo perder a José. Um dia que Jacob o mandou em procura destes a Sichem, onde elles guardavão seus rebanhos, elles disserão entre si: Matemo-lo; ao que Rubeu, seu irmão mais velho, se oppoz. Este aconselhou seus irmãos que o deitassem em uma cisterna velha que se achava sem agua, no intento de o entregar, mais tarde, novamente a seu pai, no que elles consentírão; mas pouco depois o tirárão dalli para o venderem a uns mercadores ismaelitas que passavão. Depois elles molhárão as suas vestimentas no sangue de um cabrito, e as mandárão a seu pai Jacob, a fim de o fazer acreditar que os animaes ferozes tinhão devorado a seu irmão José. Este joven foi reduzido a escravo e vendido a Puti-

phar, empregado no palacio de Pharaó, rei do Egypto, occupando um alto emprego na côrte, que o tratou com muita amizade. Porém esta grande felicidade lhe foi perturbada pela mulher de Putiphar, por causa de uma paixão abominavel e criminosa que ella concebeu por elle. Esta esposa deshonesta, não podendo levar ávante suas tenções infames por não ser correspondida na sua paixão, accusou o virtuoso e casto José perante seu marido Putiphar de este a querer seduzir, e o marido então irritado o mandou pôr em prisão. Todavia, muitas vezes do seio da infelicidade e da mais baixa humiliação, Deus se compraz em tirar seus servos fieis para os levantar e cercar de beneficios.

Pharaó, o rei do Egypto, tendo tido dous sonhos que muito cuidado lhe davão, fallou disso a um official que tinha estado encarcerado juntamente com José. Este disse a ElRei que o joven José lhe havia explicado alguns sonhos durante que elle estivéra na prisão, assim como a outro official. O escravo José foi então chamado a palacio, onde elle explicou os dous sonhos do rei, dizendo: que um annunciava sete annos de abundancia, quando o outro promettia sete annos de esterilidade e carestia; e por tanto aconselhava ElRei de fazer accumular nos celeiros tanto trigo quanto possivel fosse durante

os sete annos de prosperidade, para prevenir a fome terrivel que ameaçava seu povo nos sete annos de escassez. Admirado da sua sabedoria e sapiencia, e ao mesmo tempo inteiramente reconhecido pelo conselho tão util que José lhe acabava de dar, Pharaó julgou que ninguem melhor do que este escravo era capaz de executar aquillo que era necessario para prevenir esta calamidade imminente, por isso o nomeou seu primeiro Ministro, e lhe deu plena authoridade sobre todo o Egypto.

Depois de decorridos os sete annos de abastança, a fome foi tão grande que se fez sentir em Chanaan. Jacob, sabendo que no Egypto se vendia cereaes, enviou alli seus filhos a comprarem trigo. José conheceu logo seus irmãos; porém fingiu não os reconhecer, porque estava receoso que tivessem tractado ao pequeno Benjamim como o tinhão tractado a elle, e por essa causa os recebeu como espias. Todavia, elles para se justificarem, disserão que elles erão filhos do mesmo pai, que vivia em Chanaan, com o mais moço dos seus irmãos. José lhes disse então, que para segurança do que lhe affirmavão, ficasse um delles em refens como prisioneiro, em quanto lhe não trouxessem aquelle irmão mais moço de quem lhe fallavão; por isso reteve a seu irmão Simeão, que não deixou partir; tendo mandado encher de tri-

go juntamente com o dinheiro que trazião os saccos dos outros que deixou sahir. A fome, que cada vez se augmentava mais, fez resolver Jacob, com bem custo, a deixar ir ao Egypto o seu filho querido Benjamim, lembrando-se da desgraçada sorte que tinha tido seu irmão José; mas o receio de ver morrer de fome aquelle mesmo filho, a quem tanto amava, o fez decidir. Finalmente partírão levando presentes para José, o qual, vendo a seus irmãos, assim como ao pequeno e querido Benjamim, deu ordem para que entrassem, e para que se lhes preparasse um festejo esplendido. Depois, tendo ordenado que se pozesse nos saccos o dinheiro da compra do trigo, como já se tinha praticado da primeira vez, e além disso que a sua copa fosse mettida no sacco de Benjamim, os despediu. Apenas tinhão partido, mandou José correr atraz delles o Intendente de sua casa, queixando-se que pelo bem que lhes tinhão feito, lhe levavão a copa do seu senhor; porém elles se esconjuravão daquelle delicto, dizendo que o que se achasse nelle culpado ficasse prezo. Buscou-se então em todos os saccos, e emfim se achou a copa em o de Benjamim, o que causou grande e geral consternação, offerecendo-se todos a ficarem prezos em lugar de Benjamim, allegando que se Jacob seu pai não visse voltar um

filho que tanto amava, arriscaria de perder a vida. Emfim vendo José a dôr e o desespero de seus irmãos, não se pôde mais conter, e tendo mandado sahir os seus guardas, e ficando só com elles, se fez conhecer dizendo que era José seu irmão; o que elles ouvindo se enchêrão de um grande medo e espanto; porém José consolou-os e tranquillisou-os, e depois de os ter presenteado com magnificencia, abraçou-os a todos, e lhes disse que fossem depressa levar aquella noticia a seu pai, a fim de que elle viesse com toda a sua familia para o Egypto em os carros que Pharaó, cheio de alegria, lhes deu para esse effeito, com uma magnificencia digna de um principe, que reconhecia as grandes obrigações que devia a José. Depois o rei lhes deu a terra de Gessen para habitarem nella, onde elles se estabelecêrão.

Tendo a final morrido José de idade de 110 annos, depois de ter governado 80 annos a todo o Egypto, outros ministros o seguírão no poder. Muitos annos depois da morte delle, mudárão as cousas de figura neste paiz. Um novo rei inimigo dos Hebreus, chamado tambem Pharaó, tendo ciume do muito que multiplicavão os Israelitas, resolveu destrui-los com astucia e manha, occupando-os em trabalhos muito penosos e laboriosos, reduzindo-os

ao estado de escravos. Porém sem embargo desta oppressão, cada vez elles multiplicavão mais; então tomou Pharaó outro expediente, que foi o de mandar matar á nascença todos os filhos machos, ordenando ás parteiras que atirassem com os meninos ás aguas do Nilo.

Em quanto o povo de Israel soffria aquella terrivel e injusta perseguição, um homem da tribu de Levi, chamado Amram, teve de sua mulher Jocabel um filho perfeitissimo. Esta fez grande diligencia em occultá-lo, movida já pela ternura de mãi, já pela formosura do filho, o que conseguiu pelo espaço de tres mezes. Porém receosa das ordens terminantes e severas de Pharaó, fez um pequeno berço de juncos, e depois de metter nelle o menino, o foi collocar na praia do rio, mandando uma filha sua irmãa, que se encobriu com arbustos e roseiras, observar o destino daquella infeliz creança. Succedeu que vindo a filha do rei banhar-se então ao Nilo, acompanhada de todas as suas creadas, viu aquelle cesto de juncos, e achando dentro o menino chorando, teve delle compaixão, e resolveu salvá-lo. Ella ficou tão encantada da sua formosura, que quiz que fosse educado como seu filho, e lhe poz o nome de Moysés, que quer dizer *salvado das aguas*. A irmãa do menino, vendo o que se passava, se che-

gou á filha de Pharaó, a quem disse que, se ella quizesse, lhe iria buscar uma mulher hebrêa para ama, no que consentindo a princeza, foi chamar sua mãi Jocabel, a quem a filha de Pharaó entregou a creança, e lhe ordenou a creasse, promettendo-lhe grande recompensa. Depois da sua creação foi conduzido para o palacio real, onde foi educado na mesma casa de Pharaó.

Esta mesma creança, livre e salva milagrosamente das aguas, foi quem, mais tarde, por ordem de Deus, libertou o povo hebreu da escravidão em que jazia.

Vendo as afflicções dos Israelitas quando elle lograva tantas venturas, e não podendo soffrer aquella desigualdade, cuidou em deixar o palacio d'ElRei para fazer companhia a seus irmãos infelizes. Depois de muitos annos, Moysés se apresentou a Pharaó da parte do mesmo Deus para lhe propôr que deixasse sahir o povo de Israel para ir sacrificar no deserto. Desprezou Pharaó esta supplica, dizendo que não conhecia o Senhor, e ordenou que dobrassem ao povo o trabalho, em castigo da sua sedição. Sentido Deus do máu tractamento que se fazia ao seu povo, enviou de novo Moysés ao rei, a pedir-lhe que deixasse sahir o seu povo; mas como elle recusasse de novo, então Moysés, por ordem de Deus, atormentou o paiz com

diversas calamidades, chamadas as *dez pragas do Egypto.* Pharaó conheceu por fim o poder de Deus, e concedeu aos Hebreus a faculdade de se retirarem com tudo quanto elles tinhão e lhes pertencia; mas pouco depois se arrependeu, e resolveu perseguí-los.

Chegados que forão os Israelitas a um deserto, aonde não viáo mais que o mar de uma parte, e da outra o exercito de Pharaó que marchava sobre elles, julgarão-se perdidos, e começárão a murmurar de Moysés, perguntando-lhe com insolencia se lhes faltarião por ventura sepulturas no Egypto, e que necessidade tinhão elles de virem morrer naquelle deserto? Porém Moysés os consolou, e lhes prometteu o soccorro de Deus. Com effeito, tanto que chegou Pharaó á frente do seu numeroso exercito, estendeu Moysés a sua vara sobre o mar, e se dividírão logo suas aguas, dando passagem aos filhos d'Israel. Os Egypcios, entendendo que aquelle grande milagre era tanto para uns como para outros, se mettêrão no mar; porém ao mesmo tempo mandou Deus a Moysés que estendesse de novo a sua vara sobre o mar, e logo as aguas, que estavão divididas, se juntárão, e fizerão perecer afogado o exercito inteiro de Pharaó, sem que ficasse um só de tão grande naufragio. Depois Deus foi guiando seu povo

conduzido por Moysés, e o preservou de grandes calamidades durante 40 annos que este se achou á sua frente nos desertos da Arabia, já fazendo-lhe cahir o maná do céu para seu sustento, já fazendo rebentar as aguas de um rochedo do monte Horeb para lhe dar de beber. Não obstante, os Hebreus se mostrárão muitas vezes ingratos tanto para com Deus, como para com Moysés, levando a sua impiedade até a desprezar o Senhor para adorarem idolos. Pois que Deus, tendo chamado a Moysés ao alto do monte Sinai para lhe dar a *Lei Escripta*, ou os *Dez Mandamentos da Lei de Deus*, na sua ausencia os Israelitas obrigárão a Aarão a fazer-lhes um bezerro de ouro dos brincos de suas mulheres para elles adorarem. Tanto que Moysés desceu do monte com as Taboas da Lei escriptas pela Mão Divina, vendo esta impiedade lançou por terra as Taboas Sanctas, quebrou-as ao pé do monte, e tomando depois o bezerro que adoravão, o queimou e reduziu a pó. Commovido Moysés pela desgraça que tinha acontecido, foi de novo só, ao monte Sinai invocar o nome de Deus por quarenta dias, pedindo-lhe o perdão para os peccados de todo aquelle povo. Recebeu Deus favoravelmente sua oração, e passados os quarenta dias e quarenta noites sem comer, tornou a dar-lhe as duas *Ta-*

boas da Lei escripta pela Mão Divina, pois que se achava applacado pela penitencia do povo e com a oração de Moysés. Todavia Deus castigou o seu povo, fazendo-o ficar no deserto pelo espaço de quarenta annos, e sómente depois da morte de Moysés é que elle pôde entrar na *terra promettida* ou *da promissão*, sob a direcção e commando de Josué.

Não permittiu Deus que Moysés entrasse na terra da promissão, querendo castigá-lo de uma incredulidade e falta de fé, permittindo sómente que a avistasse do cimo do monte Nebo, aonde expirou, ficando Josué seu successor encarregado do governo do povo Israelita. Depois que Josué foi assignalado por Deus como chefe do povo Hebreu, este prometteu de lhe obedecer em tudo. Foi debaixo do seu commando que os Israelitas passárão o rio Jordão, tomárão a cidade de Jericó, vencêrão os cinco reis alliados do paiz de Chanaan, que tinhão juntado todas as suas forças contra Israel; foi nesta occasião que vendo Josué que o dia declinava muito, embaraçando-lhe o poder perseguir e destruir inteiramente aquelle exercito colligado, que elle ordenou ao sol de parar até que houvesse alcançado uma victoria completa, vingando-se de seus inimigos.

Por consequencia, tendo depois sustentado muitas guerras e alcançado mui-

tas victorias, Josué estabeleceu por fim os Israelitas na terra da promissão, repartindo aquelle paiz entre todas as tribus com admiravel equidade e justiça. Antes de morrer recommendou ao povo que não tivesse outro Deus que o Senhor, o que elle prometteu com juramento. Feito isto morreu na idade de 110 annos, chorado de todos.

Depois da sua morte foi o povo de Deus governado e regido por diversos Conductores, os quaes tomárão o nome de Juizes. Deus, para castigar o seu povo das suas grandes desordens e idolatrias, sujeitou-o muitas vezes á escravidão de outros povos inimigos; nesses transes, recorrendo ao Senhor com preces e penitencias, elle lhe mandava sanctos homens para o libertar. Durou este periodo trezentos annos, pois que a Josué succedêrão Othoniel, Aod, Debora, mulher virtuosa e de grande merecimento, Gedeam, Abimelech, Thola, Jair, Jephte, Abesan, Aialon, Abdon, Samson, Heli, e finalmente Samuel o ultimo Conductor ou Juiz do povo Hebreu, o qual por mandado de Deus ungiu a Saul para rei do povo de Israel, depois deste ter pedido a Deus que queria ser governado por um rei como erão as outras nações.

Saul, tendo desobedecido a Deus, perdeu a sua protecção toda poderosa, e foi

em David, simples pastor, filho de Isaí, que o Senhor depositou a sua sagrada benevolencia. Estava elle cuidando no pasto dos seus rebanhos quando Samuel, por ordem de Deus, o foi procurar para o sagrar e ungir. Saul, abandonado pelo espirito divino, cahiu doente, apprehensivo, sombrio e taciturno, foi então David chamado a palacio para tocar harpa diante do rei, instrumento em que elle era muito habil, afim de assim distrahi-lo, o que conseguiu com as suas harmonias, a ponto de se fazer grandemente amar e estimar delle. Porém, fazendo Saul guerra aos Philisteus, Goliath, gigante de corpo monstruoso e de muita soberba, já pelas suas armas formidaveis, já pela sua grande força, tinha desafiado ao campo o mais valoroso dos Judeus, para que sahisse a combater com elle; porém os mais intrepidos não ousavão apparecer. Neste mesmo tempo David, cheio de zelo pela honra de Deus, se offereceu a combater aquelle atrevido gigante, não obstante a sua pequenez. Este, vendo avançar para si o pequeno David, lhe disse: *Por ventura cuidas tu que sou eu algum cão, pois vens contra mim com um páu na mão?* mas David, disparando a funda, lhe cravou uma pedra pela testa dentro, deitando por terra aquelle monstruoso Philisteu, a quem logo cortou a cabeça com a sua propria

espada. Saul, então, em lugar de lhe dar a sua filha em casamento como recompensa promettida, lhe ficou com aversão e odio, querendo por varias vezes fazê-lo perecer, e chegando até a procurar matá-lo pela sua propria mão. Mais tarde, tendo sido Saul derrotado em um combate, foi ferido de uma setta, e com a dôr da ferida e desesperação em que já estava, pediu ao seu escudeiro o matasse, e como elle o não quiz fazer, pondo aos peitos a ponta da sua mesma espada, se deixou cahir sobre ella atravessado, dando exemplo ao seu escudeiro para que fizesse o mesmo. Depois da morte de Saul foi David reconhecido, sagrado, e acclamado rei dos judeus, tendo de idade apenas trinta annos.

David, em vez de se alegrar com a morte daquelle que o tinha perseguido durante a sua vida, fez decapitar o individuo que diante delle se veio gabar de ter morto a Saul. Reinou depois com gloria até ao momento em que commetteu grandes erros e crimes. Deus então o abandonou. Seu filho Absalão tentou desthronisá-lo, e declarou-lhe a guerra. Tendo ganho uma grande victoria sobre elle a seu turno, pouco depois foi vencido por seu pai em nova batalha. Então procurando salvar-se pela fuga, seus cabellos prendêrão nos ramos de uma arvore, onde elle

ficou suspenso, não tendo podido obstar a que o seu cavallo passasse por baixo della; nessa occasião Joab de longe o avistou, e correu a matá-lo de uma lançada.

David, esquecendo o proveito de uma tão completa victoria, chorou amargamente a morte de seu filho rebelde. Não obstante a derrota e sorte de Absalão, Adonias, o primogenito de seus filhos, á vista da grande velhice de David, pertendeu e quiz fazer-se coroar rei; mas seu pai fez sagrar e ungir Salomão, que reinou com gloria e magnificencia, tornando-se celebre pela sua justiça e sabedoria. Foi no seu reinado que elle mandou edificar o Templo de Jerusalem em honra do Senhor.

Depois da morte deste sabio rei dividiu-se a nação Hebrea: dez Tribus se revoltárão contra Roboam, filho de Salomão, acclamando e reconhecendo Jeroboam como rei de Israel; as outras duas Tribus tomárão o nome de Reino de Judá. O Reino de Judá teve vinte reis, a saber: Roboam, Abias, Aza, Josaphat, Joram, Ochosias, Athalia rainha, Joas, Amasias, Ozias, Joatham, Achas, Ezechias, Manasses, Amon, Josias, Joachas, Joachim, Jechonias, Sedecias.

As dez Tribus que formárão o Reino de Israel contão dezenove reis, a saber: Jeroboam, Nabad, Basa, Ela, Zambri *usurpador*, Ambri, Achab, Ochosias, Joram,

Jehu, Joachas, Joas, Jeroboam II, Zacharias, Sellum, Manahem, Phaceias, Phaceas, Oseas.

A maior parte destes ultimos reis subirão ao throno matando o que estava de posse delle. Dahi a pouco tempo o Reino de Israel foi subjugado. Depois Phul, rei da Assyria, lhe impoz tributos: Teglatphalassar, seu successor, conquistou as provincias que estavão para além do rio Jordão, e levou os seus habitantes para a Media e Syria. Emfim Salmanasar captivou Samaria, e levou prezo a Oseas para Ninive. Então os Israelitas se espalhárão pelas partes septentrionaes da Asia, e nunca mais voltárão para o seu paiz. Assim se terminou o Reino de Israel depois de ter durado 155 annos, desde o tempo em que se separou do de Judá.

O Reino de Judá subsistiu ainda 130 annos, até que foi destruido por Nabuchodonosor; porque tendo os seus ultimos quatro reis uma vida muito desordenada, commettendo toda a sorte de abominações, e não querendo escutar os avisos que Deus lhes mandava pelos seus prophetas, accendeu-se de tal fórma a colera do Senhor, que elle determinou vingar-se sem misericordia, e para isso escolheu a Nabuchodonosor, rei de Assyria. O povo Judeu foi levado captivo por tres vezes a Babylonia, a que se chamão as tres trans-

migrações. Joachim foi morto, e não teve sepultura. Sedecias viu na sua presença matar os seus dous filhos, e depois deste terrivel espectaculo lhe forão tirados os olhos, e elle foi posto em ferros. A cidade de Jerusalem foi destruida e saqueada, o templo queimado, os vasos sagrados levados a Babylonia. Este captiveiro durou 70 annos, no fim dos quaes forão os Judeus libertos por Cyro, rei da Persia; e tendo voltado para a Judea, reedificárão o templo de Jerusalem. Governarão-se então pelas suas proprias leis, se bem que sujeitos aos Persas. O poder estava nas mãos dos Pontifices. Depois da morte de Alexandre, ficárão alternativamente sujeitos aos reis do Egypto ou da Syria. Dous seculos antes de Jesus Christo, restabelecêrão os Principes Asmoneos ou Machabeus, por algum tempo, a independencia do povo Judeu; erão Principes e Pontifices ao mesmo tempo. O primeiro, Judas Machabeu, foi quem se oppoz á perseguição de Antiocho; a elle succedêrão Jonathas seu irmão, Simão, João denominado o *hircano*, pela famosa victoria que alcançou contra os Hircanos, Aristobulo, Alexandre Janneo, Hircano II constituido por Pompeu o grande, pois que vendo-se atacado por seu irmão, invocou o auxilio dos Romanos, que tornárão os Judeus tributarios, deixando-lhes todavia

a sua fórma de governo; a este seguiu-se Antigono, Aristobulo II, e depois Herodes Ascalonita, o qual era Iduneo, e alcançou dos Romanos o Reino da Judea com o favor de Marco Antonio e de Cesar Augusto. Era de uma indole cruel e sanguinolenta, a ponto de mandar matar sua mulher Marianna e seus dous filhos Alexandre e Aristobulo, assim como varios de seus amigos, só por ter concebido suspeitas contra elles. Foi sob o seu reinado que nasceu o Salvador do mundo, a quem todavia elle não quiz reconhecer pelo Messias não obstante os diversos prophetas que tinhão existido o haver annunciado. Sendo os mais famosos, a que chamão os quatro prophetas maiores, Isaias, Jeremias, Ezechiel, Daniel; e os outros doze, a que chamão menores, Oseas, Joel, Amos, Abdias, Jonas, Micheas, Nahum, Abacuc, Sophonias, Aggeo, Zacharias, Malachias.

O Reino de Judá foi, conforme as prophecias, destruido por Tito, Imperador Romano, no anno 70 de Jesus Christo.

O tempo que Deus tinha destinado para derramar a sua misericordia divina sobre os homens, tendo chegado, elle mandou a Nazareth o Anjo Gabriel, o mesmo que quinhentos annos antes tinha revelado a Daniel a vinda do *Messias*, para an-

nunciar que o *tempo estava chegado*. Elle disse a Zacharias que sua mulher Isabel, que até então tinha sido esteril, teria um filho que se chamaria João, e que sería o precursor do Messias; e a Maria que, ainda que tivesse feito voto de virgindade, sería Mãi do Messias, sem deixar de ser virgem. O Anjo appareceu diante de Maria, brilhante de um resplandor celeste, quando esta se achava só, entregue ás suas orações e meditações; elle saudou-a, dizendo-lhe: Sois cheia de graças. Estes elogios a perturbárão, todavia se tranquillisou, quando elle lhe annunciou que ella havia de ter um filho por obra do Espirito Sancto, que se havia de chamar Jesus, que havia de ser grande, que se sentaria no throno de David seu pai, cujo imperio não teria fim. Maria, tendo ouvido estas palavras, se prostrou humildemente e respondeu com uma perfeita submissão: *Eu sou a serva do Senhor, que a sua vontade seja feita, que a vossa palavra se verifique.* Como a Virgem Maria se achasse proxima a ter o seu filho, e que o Imperador Augusto tivesse mandado proceder a um recenseamento geral por um edicto que tinha mandado publicar, pelo qual todos os chefes de familia devião ir procurar a terra da sua naturalidade para alli se alistarem; em virtude daquella ordem foi a Virgem Maria com seu esposo, o virtuoso

Sancto José, de Nazareth onde moravão a Bethlem, chamada a *Cidade de David*, perto de Jerusalem, onde devia nascer o Messias, conforme o tinhão annunciado os prophetas. Sancto José e a Virgem Maria erão pobres. Quando chegárão a Bethlem todas as casas estavão cheias de gente que alli tinha concorrido para o mesmo fim, e ninguem os querendo receber, forão obrigados a recolher-se e alojar-se n'uma estrebaria ou presepio, onde o Messias, para dar um exemplo de humildade, nasceu sobre a palha, entre um jumento e um boi. Na mesma noite 25 de dezembro do anno 4004 da creação do mundo que nasceu da Sancta Virgem Maria o menino Jesus, que significa Salvador, corrêrão logo os pastores das immediações, advertidos por um Anjo, para adorar o filho de Deus, o Rei do Universo, o qual foi circumcidado oito dias depois. Mas como o Messias não tinha sómente nascido para os Judeus, elle se manifestou aos Gentios por uma estrella que appareceu no Oriente, a qual era a figura da luz que elle havia de derramar sobre elles. Esta serviu de guia a tres re' Magos, por nome Gaspar, Belchi' r althazar, que sabedores por ella qu' navia nascido o menino Deus, ou Messias, vierão adorá-lo e offerecerem-lhe ouro, incenso e myrrha.

Herodes governava então a Judea, e

ouvindo dizer que era nascido o Rei dos Judeus, receoso de ver nelle um rival, mandou tirar a vida a todas as creanças do sexo masculino até a idade de dous annos, que existissem em Bethlem e seus contornos, a fim d'envolver em tão horrorosa mortandade o Redemptor do mundo, que effectivamente havia nascido dous annos antes. Porém S. José, tendo sido advertido por um Anjo que lhe appareceu em sonhos, fugiu immediatamente para o Egypto com o Menino Jesus e a Virgem Maria, e assim escapou ao massacre dos innocentes.

Todavia, a Sancta Escriptura nos diz que Jesus ia crescendo em graça e sabedoria, assim como em idade.

Contando já doze annos foi juntamente com José e Maria a Jerusalem para passar a oitava da Paschoa, como o mandava a lei. Seus parentes partírão sem se aperceberem que elle tinha ficado em Jerusalem; sómente á noite é que vírão que não estava no meio delles. Voltárão então atraz, e o achárão no templo, entre os Doutores da lei, fazendo-lhes perguntas com grande modestia, e respondendo ás delles com summa exactidão, tanto que estes se achavão cheios de admiração. Maria, que tinha experimentado a mais viva dôr com a sua ausencia, lhe deu uma leve reprehensão, queixando-se docemente, ao que elle respondeu que elle se

dedicava ao serviço e aos interesses de seu pai eterno; depois seguiu-a obedientemente para Nazareth.

Jesus levou vida obscura e pobre, juntamente com Sancto José e Sancta Maria até á idade de trinta e dous annos. Foi então que elle se mostrou e manifestou ao mundo. S. João Baptista, sahindo do deserto, onde elle tinha vivido até então, chegou ás margens do rio Jordão para prégar a penitencia, e baptisar todos aquelles que vinhão ouvir a sua palavra e confessar os seus peccados. Jesus, sempre humilde, veio com a turba, mas Sancto João logo que o viu lhe disse que elle se achava indigno para o baptisar. Jesus lhe retorquiu que aquella humildade da sua parte era necessaria, e João baptisou a Jesus, sanctificando assim as aguas do Jordão, e dando-lhes a virtude de remirem os peccados no sacramento do baptismo. Então o Céu se abriu, e Deus fez descer o Espirito Sancto sobre Jesus Christo d'uma maneira visivel e em fórma de pombo. Ao mesmo tempo se ouviu uma voz do Céu que disse: *Este é o meu filho muito querido em quem eu acho todo o meu deleite.* Jesus retirou-se immediatamente para se esconder, mas Sancto João continuou a fallar delle a todo o mundo, e a annunciá-lo como o Messias promettido e tão desejado.

Todavia Jesus retirou-se para o deserto, onde jejuou quarenta dias e quarenta noites successivas, não obstante ser tentado pelo demonio. Findo este tempo, foi que Jesus começou a prégar a sua Doutrina sublime. Já conhecido pelos prodigios os mais admiraveis, quiz elle ainda fortificar a fé de seus discipulos dando-lhes uma idéa da sua gloria no Céu. Um dia Jesus disse a Sancto Pedro, Sancto João apostolo, e Sancto Thiago, que elle amava muito, de o seguirem a uma alta montanha; durante que Jesus rezava, a sua face veio radiante como o sol, e as suas vestimentas mais brancas que a neve; Moysés e Elias apparecêrão ao mesmo tempo e conversárão com elle; então Sancto Pedro, delirante de alegria, disse: «Senhor, como aqui se está bem, construimos tres barracas, uma para vós, outra para Moysés, e a outra para Elias.» Mas ainda não tinha acabado, quando uma nuvem luminosa os cercou, e de dentro della sahiu uma voz, dizendo: *Este é o meu filho muito querido, escutai-o.* Arrebatados de terror, os discipulos se prostrárão com o rosto em terra, mas Jesus ordenou-lhes de se erguerem, e elles então não vírão mais do que a elle.

Tendo Jesus Christo mostrado a sua Divindade por grande numero de milagres, adquiriu muitos inimigos, pois que

a virtude é cruelmente perseguida pelos máus sobre a terra. Os grandes e os principaes dos Judeus, assim como os doutores e os principes da lei resolvêrão perder a Jesus. Como elle não o ignorasse, quiz primeiro fazer a ceia com os seus discipulos ou apostolos, isto é comer o carneiro paschal, conforme mandava a lei. Erão seus apostolos Simão, a quem Jesus chamou Pedro, e André seu irmão; Thiago filho de Zebedeu, e João seu irmão; Filippe, e Bartholomeu; Thomé, e Mattheus publicano; Simão Cananeo, e Judas Thadeu; Thiago filho d'Alpheu, e Judas Iscariotes, que depois foi substituido por Mathias. Antes de se sentarem á mesa, Jesus se humilhou até lavar os pés dos seus discipulos, dizendo-lhes: *Eu vos dou o exemplo, afim que façais uns aos outros o que vos estou fazendo eu mesmo agora.*

Com effeito, vendo os Escribas e Phariseus, com inveja, o respeito e honras que todos tributavão ao filho de Deus, e offendidos da liberdade com que este os reprehendia de seus vicios, resolvêrão a sua morte. Os Escribas erão uns doutores dos Judeus e de quem Jesus Christo patenteava a ignorancia e má fé. Os Phariseus erão aquelles que pretendião observar a lei mais rigorosamente do que os outros, mas que pela maior parte não passavão de hypocritas, orgulhosos e ava-

rentos, que enganavão o povo com uma devoção fingida.

Os Escribas e Phariseus decidírão apoderar-se de Jesus, mediante a perfidia de Judas Iscariotes, que atraiçoou o seu Divino Mestre indo advertir os Judeus que o podião fazer prender, tendo ajustado com elles o preço da sua traição pela quantia de trinta dinheiros que delles recebeu.

Então, tendo-se dirigido Jesus, depois do banquete, ao Horto ou Monte Olivete acompanhado de Sancto Pedro, Sancto Thiago e Sancto João, affastando-se delles a quem recommendou vigiar, prostrou-se e esteve orando por muito tempo. Foi alli que elle rogou a seu pai de não o obrigar a beber aquelle calice de amargura, porém ajuntando todavia que a sua vontade fosse feita e não a delle. Um Anjo veio então animá-lo, e elle se deitou com o rosto em terra sahindo-lhe um suor de sangue por todo o corpo. Quando elle veio em procura de seus discipulos, elle os achou adormecidos; por tres vezes voltou a acordá-los, mas á terceira vez o traidor Judas Iscariotes lhe appareceu á frente de uma multidão de homens armados, aos quaes disse que prendessem aquelle em quem elle désse um osculo. Aproximando-se então de Jesus, lhe deu com effeito um beijo: a este signal foi o Redemptor agarrado, e Jesus, que era

cheio de bondade e suavidade, ordenou a Sancto Pedro, que o queria defender, de tornar a embainhar a sua espada; dizendo-lhe que, *Quem pelo ferro mata, pelo ferro morre.*

Os Judeus conduzírão primeiramente Jesus Christo á casa de Annaz, sogro de Caifaz, que era Summo Sacerdote naquelle anno. Alli elle soffreu os maiores ultrajes, recebeu uma bofetada de um official que se enfadou de o ouvir responder com liberdade. Depois foi conduzido á presença do Summo Sacerdote Caifaz, que tendo-lhe ouvido confirmar o que Jesus já tinha dito, *Que elle podia destruir e reconstruir o templo em tres dias*, rasgando os seus proprios vestidos, exclamou que elle tinha blasphemado, e todo o mundo gritou que elle merecia a morte. Instantaneamente cada um passou a ultrajá-lo; os soldados escarravão-lhe na cara, e cobrindo-lhe os olhos lhe dizião de prophetisar quem lhe havia batido, e assim os mais.

Pedro, que de longe tinha seguido seu Divino Mestre, estava sentado no pateo, quando uma creada lhe perguntou se elle era discipulo de Jesus Christo, ao que elle respondeu que nem sequer o conhecia; duas vezes mais lhe fez a mesma pergunta, e outras tantas deu igual resposta. Então se ouviu cantar o gallo, e lembrando-

se do que Jesus Christo lhe tinha dito, cahiu em si, e penetrado do maior arrependimento, chorou com desesperação e amargura o seu peccado.

Todavia, tendo a noite decorrido com estas crueis e outras muitas humiliações, foi Jesus pela manhãa conduzido ao Pretorio, ou palacio de Poncio Pilatos, governador Romano da Judèa, para que elle o condemnasse á morte. Este, convencido da innocencia de Jesus, não podia resolver-se a mandá-lo matar, e procurou salvá-lo por todos os meios ao seu alcance, já querendo entregá-lo aos Judeus para elles o condemnarem segundo a sua lei, já aproveitando o tempo da Paschoa, em que era costume soltar um criminoso á eleição do povo; e como se achasse prezo um famoso delinquente chamado Barrabás, perguntou aos Judeus a quem querião elles que se désse a liberdade, se a este, se a Jesus Christo; mas tanto influírão no animo do povo os Sacerdotes e Senadores, que todos, a uma voz, disserão que salvassem a Barrabás, e crucificassem a Jesus. Pilatos, então, de novo tornou a interrogar a Jesus, e como o não achasse culpado, mandou vir agua, e lavando as mãos, exclamou que estava innocente do sangue daquelle justo: mas o povo enfurecido gritou, *crucifiquem-no*, *crucifiquem-no*. Neste embaraço, Pilatos enviou Je-

sus perante Herodes, rei do paiz, o qual esperava que Jesus obrasse algum milagre na sua presença, porém como elle não se dignou fazê-lo, com desprezo o reenviou a Pilatos, que novamente o proclamou innocente diante dos Judeus irritados. Este testimunho não tendo sido mais bem acceite que os precedentes, fez com que Pilatos, afim de contentar aquellas turbas, ordenasse que elle fosse publicamente açoutado, a ver se assim lhe salvava a vida.

Prezo então o Salvador a uma columna, e despojado de seus vestidos, foi açoutado tão cruelmente, que os mesmos verdugos chegárão a cançar, e o seu corpo sagrado se tornou uma viva chaga. Os soldados desenfreados juntavão o insulto aos tormentos da flagellação. Vestírão a Jesus com uma tunica escarlate, mettêrão-lhe, por escarneo, uma canna verde nas mãos em guiza de sceptro, e puzerão-lhe uma corôa d'espinhos na cabeça; depois, proclamando-o rei dos Judeus, o saudavão com zombaria. Finalmente reduzírão o Salvador do Mundo a um tal estado de commiseração, que Pilatos, julgando que a sua presença applacaria as turbas furiosas, apresentou-o assim ao povo, dizendo: *Ecce homo*, Eis-aqui o homem. Os Judeus porém, longe de se sensibilisarem, não cessavão de gritar que o crucificassem, chegando até a accusar Pi-

latos de pouco affeiçoado aos interesses do Imperador. Não achando então Poncio Pilatos meio algum de livrar a Jesus Christo, entregou-o aos seus inimigos, temendo a colera do povo, assim como de perder os favores e mercês de Cesar.

Os Judeus, depois de ficarem senhores de Jesus Christo, só tractárão de pôr em execução a sentença de morte, que lhes tinha dado tanto trabalho para obterem. No seu furor, não podendo soffrer a minima demora, elles fizerão sahir Jesus de Jerusalem, e o conduzírão a um sitio chamado Golgotha ou Calvario, lugar fóra das portas da Cidade destinado para o supplicio dos malfeitores; obrigárão-no logo a levar aos hombros o pezado lenho da cruz. Todavia, vendo que Jesus, cujo corpo estava abatido por causa de tantos trabalhos e tormentos, não podia com um tão forte pezo como era a cruz, pedírão a um homem chamado Simão de lha ajudar a levar. Foi deste modo que chegou Jesus ao Calvario no meio dos insultos e apupadas de todo um povo sublevado que o seguia.

Chegados que forão ao cimo do monte Golgotha, elles despírão o Homem Deus e o pregárão sobre a cruz, crucificando ao mesmo tempo dous ladrões, que collocárão um de cada lado do Redemptor do Mundo. Os seus perseguidores se

deleitavão então em o insultar: Tu, dizião elles, que tens poder para destruir e reconstruir o templo em tres dias, porque te não salvas neste momento? Os soldados lhe apresentavão vinagre para beber; os mesmos ladrões que se achavão crucificados ao seu lado, tambem o injuriavão; todavia um destes, abrindo os olhos, pediu a Deus que se lembrasse delle quando se achasse no reino do Céu. Durante que assim o cobrião de injurias e improperios, Jesus Christo avistou a Sancta Virgem ao pé da cruz juntamente com Sancto João, e lhe disse: *Mulher, eis-ahi vosso filho;* e a Sancto João, *eis-ahi vossa mãi.* Depois, soltando um gemido, exclamou: *Meu pai, porque me abandonastes?* E tendo então recommendado sua alma a seu pai, inclinou a cabeça e expirou em uma sexta feira, tendo de idade 33 annos.

Para denotar a causa da condemnação de Jesus, escreveu Pilatos de seu proprio punho o seguinte: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, e mandou pôr esta inscripção na cruz por cima da cabeça do Redemptor. Não obstante os Principes dos Sacerdotes vierão dizer-lhe que não escrevesse *Rei dos Judeus*, mas sim que *elle se dizia Rei dos Judeus*, respondeu-lhes elle: o que escrevi, escrevi.

Quando Judas Iscariotes viu que Jesus Christo estava condemnado á morte, veio

ter com os Principes dos Sacerdotes, e lançando-lhes aos pés os trinta dinheiros que elles lhe tinhão dado em premio da sua traição, exclamou que havia peccado, vendendo o sangue innocente do Justo, e se foi enforcar por desesperação.

Immensos milagres manifestárão, por occasião da morte de Jesus Christo, a sua Divindade: José d'Arimathea e Nicomede, tendo pedido a Pilatos o sagrado corpo para lhe dar a sepultura, os Judeus obtiverão ao mesmo tempo que se collocassem guardas e pozessem sentinellas ao pé do seu tumulo, receando que o viessem tirar, e que depois dissessem que elle havia resuscitado; o sepulcro foi portanto guardado, e até se poz um sello sobre a pedra que o cobria. Mas á vista de um Anjo mais brilhante e resplandecente que o Sol, as sentinellas fugírão, e Jesus resuscitou ao terceiro dia, deixando atonitos e estupefactos aquelles que pretendião guardá-lo; e Maria Magdalena, tendo visto o proprio Jesus debaixo da figura de um jardineiro, que lhe perguntava por que era que ella chorava, se imaginou que tinha sido este homem que havia roubado o corpo do seu Divino Mestre, e lhe disse que se era elle que tinha commettido aquella acção infame, lhe dissesse onde o havia escondido. *Maria*, lhe disse Jesus; mas apenas pronunciára esta palavra, que

ella o reconheceu, e foi divulgar a todos os seus discipulos o que se tinha passado.

Appareceu Jesus aos seus discipulos, mostrando e fazendo apalpar as suas chagas e cicatrizes a Sancto Thomé, cuja incredulidade o fazia duvidar de um tão grande milagre. Pelo espaço de quarenta dias frequentou quasi sempre a companhia dos seus discipulos, já em Jerusalem, já na Galilea, ensinando-lhes a sua doutrina e nova lei, que depois foi escripta pelos Evangelistas.

Emfim, tendo chegado o tempo de largar a terra, Jesus se apresentou no meio de seus discipulos, e lhes declarou, que elle tinha recebido de seu pai o summo poder tanto no Céu como sobre a terra. Ordenou-lhes que fossem prégar a sua lei e doutrina a todas as nações, e baptisassem em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto. Deu-lhes poder para remirem os peccados, e prometteu-lhes de estar sempre com elles até ao fim dos seculos. Depois de lhes ter dado estes preceitos e ordens, se encaminhou com elles até ao Monte Olivete, lugar da sua agonia; alli, estendendo as mãos sobre os seus apostolos, os abençoou, e subiu ao Céu á vista delles e de muita outra gente; e tendo-o brevemente uma nuvem encoberto aos olhos de toda essa multidão estupefacta, desappareceu.

Passados dez dias, os apostolos estando reunidos com Maria Sanctissima no Cenaculo, casa situada no Monte Sião, aonde Jesus Christo tinha celebrado a ultima Paschoa juntamente com seus discipulos, desceu sobre elles o Espirito Sancto, como Jesus lhes tinha promettido, em fórma de linguas de fogo que se pozerão sobre a cabeça de cada um delles, ficando desta maneira cheios do Espirito Sancto, e da sua Divina graça, fallando diversas linguas, conforme o mesmo Sancto Espirito os fazia fallar; e depois de estarem inspirados por Deus, e de terem coordenado o Credo ou *Symbolo dos Apostolos*, dispersarão-se para emprehenderem a conquista espiritual do Mundo, á custa do seu proprio sangue, prégando o Evangelho, que quer dizer em Grego *Boa nova*, ou *Nova venturosa*.

Jesus Christo fundamentou assim a sua Igreja pela vocação de doze dos seus discipulos, homens pobres e humildes, aos quaes deu o nome de Apostolos, que significa *Enviados*. Mostrou finalmente ao povo, e aos mesmos Apostolos, que elle era o *Messias*, Filho de Deus, igual a seu Pai e formando juntamente com o Espirito Sancto um só Deus em tres pessoas.

Depois da ascenção do Redemptor do Mundo ao Céu, quatro Sanctos que Deus escolheu para escreverem a historia e dou-

trina de Jesus Christo, a quem chamão Evangelistas, principiárão o seu sancto trabalho; o primeiro Evangelista é S. Mattheus, o segundo S. Marcos, o terceiro S. Lucas, e o quarto S. João.

Tendo descido o Espirito Sancto sobre os Apostolos, e tendo-os inspirado de uma divina sabedoria, se espalhárão por todo o Mundo a prégar o Evangelho, como acima dissemos: Simão, a quem Jesus Christo chamou Cephas que quer dizer Pedro em Hebraico ou Syriaco, prégou a palavra de Deus na Grecia e Italia, e tendo querido estabelecer a séde do Christianismo em Antiochia, veio depois firmá-la em Roma, foi o primeiro Papa, e successor de Christo no governo da Igreja: André, irmão de Pedro, prégou em Patras na Achaia: Thiago, filho de Zebedeo, em Hespanha: João, seu irmão, foi levar o Evangelho á Asia, penetrando até aos Parthos: Filippe prégou em Phrygia: Bartholomeu nas Indias, na Ethiopia, na Lycaonia: Thomé foi prégar a palavra divina aos Parthos, aos Persas, aos Medeos, penetrando ás Indias: Mattheus, publicano, prégou primeiramente na Judea, depois foi á Persia, ou ao paiz dos Parthos: Simão, cananeo, percorreu o Egypto, Lybia, Mauritania, e Persia: Judas Thadeo prégou o Evangelho na Mesopotamia, na Arabia, na Syria, no Idumeo

e na Lybia: Thiago, filho de Alpheu, alguns dias depois da ascenção foi escolhido para governar a Igreja de Jerusalem, onde prégou o Evangelho: e Judas Iscariotes, aquelle que atraiçoou a Jesus Christo, e que cheio de magoa se foi enforcar, ficando assim perdido, foi substituido por Mathias, que prégou a palavra de Deus na Ethiopia. Pouco tempo depois Sancto Paulo, perseguidor dos discipulos de Christo, converteu-se á fé, e entrou no gremio dos Apostolos, tornando-se em breve um dos mais insignes, já pelas suas predicas, já pelos seus escriptos cheios de sabedoria, que tanto illustrão a Religião Christãa. Foi desta maneira que se propagou o Evangelho por todo o Mundo, não obstante as immensas perseguições que estes Sanctos tiverão que soffrer, morrendo quasi todos martyres da sua crença e amor divino; e creando assim pela sua fé, constancia e amor de Deus novos discipulos, que forão levar a palavra de Jesus Christo ás regiões aonde estes não tinhão ainda ido prégá-la.

BREVES NOÇÕES

DE

GEOGRAPHIA,

PARA USO DA MOCIDADE.

Geographia é a sciencia que ensina o nome e situação das diversas regiões da terra: esta palavra significa descripção da terra.

A terra é um grande globo, ou corpo redondo da fórma de uma bola ou laranja, com perto de 3000 leguas de diametro, e de 9000 leguas em redondo; está distante do Sol, de quem recebe luz e calor, pouco mais ou menos 34 milhões de leguas (*).

A terra move-se ao redor do Sol uma vez em cada um anno, e gira sobre o seu eixo uma vez em 24 horas, isto é, em cada dia.

O eixo da terra é uma linha recta

(*) Para uma bala de artilheria percorrer o espaço que separa a terra do Sol gastaria perto de seis annos.

imaginaria, que a atravessa pelo centro desde o Norte até ao Sul; para tornar isto sensivel, passe-se uma varinha pelo centro de uma laranja, a varinha representa a imagem do eixo, e as pontas que sahem de um e outro lado representão os dous Pólos, Arctico ou do norte, e Antartico ou do sul, denominados tambem Boreal e Austral.

O globo terrestre divide-se em terra e mar, a superficie da terra é variada por alturas e planicies, montes e valles, é habitada por uma innumeravel variedade de animaes, como homens, aves, quadrupedes, reptís, mais de dous terços da superficie do globo estão cobertos d'agua, vivendo nella peixes de varias especies.

A terra divide-se em Continentes, Ilhas, Peninsulas, Isthmos, Cabos, Promontorios, Montanhas, Costas ou Praias.

A agua divide-se em Oceanos, Mares, Lagos, Golfos ou Bahias, Estreitos, Canaes, Angras, Surgidouros, Sondas, Esteiros, Rios.

Continente, ou terra firme, é uma vasta extensão da superficie solida da terra, sem interposição de mar. Ha tres Continentes: A Europa, Asia e Africa formão um: A America septentrional e meridional formão outro: e A Nova-Hollanda, que faz parte da Oceania, fórma o terceiro Continente.

Ilha é uma porção de terra, menor que um *Continente*, e totalmente cercada d'agua: chama-se Ilheu, Ilheta, ou Ilhota, quando é mais pequena.

Peninsula é uma porção de terra cercada d'agua por todos os lados, excepto um pelo qual está unida a um *Continente*.

Isthmo é um braço de terra que une uma Peninsula ao Continente e separa dous mares.

Promontorio é a porção de terra que se estira pelo mar.

Cabo é o Promontorio que se estira pelo mar com grande elevação.

Montanhas são umas grandes porções de terra ou rochedos que se elevão acima do resto da planicie da terra.

Costas são as bordas ou extremidades da superficie da terra, que confinão com o mar.

Praias são as bordas ou extremidades que confinão com o mar ou rios.

Oceano é uma grande extenção de aguas não divididas por terra, como o Oceano Atlantico, o Pacifico, o Indico.

Mar é uma menor extenção de agua cercada na maior parte pela terra; tal é o mar Vermelho, o mar Mediterraneo; dá-se o nome de Pelago, ou mar livre, áquella porção em que não ha Ilhas ou cachopos, e Archipelago á que é semeada de muitas Ilhas.

Lago é uma porção d'agua permanen-

te cercada toda de terra, sem communicação visivel com o mar.

Golfo é uma porção d'agua ou braço de mar que se mette por terra dentro e não tem sahida: dá-se-lhe o nome de Bahia, quando se intromette na costa por embocadura estreita, mas que se alarga no interior.

Estreito é uma passagem d'agua, que á maneira dos Isthmos na superficie solida, prende e communica dous mares um ao outro; chama-se simplesmente Estreito á que está entre dous cabos, ou promontorios fronteiros.

Canal é uma pequena passagem de agua de um mar a outro, mais larga do que o *Estreito*, e que está entre dous lanços de costas fronteiras.

Angra é uma parte do mar quasi rodeada de terra, onde as embarcações podem estar seguras.

Surgidouro, Abra, Ancoragem, ou Ancoradouro é o lugar pouco distante da praia, onde ancorão os navios, esperando por vento ou maré para seguirem seu destino.

F .o é a extenção de um rio na [illegible] foz.

Sonda é qualquer mar ou estreito tão baixo que se póde examinar ou medir a altura com a sonda.

Rio é agua corrente por entre margens

e em grande copia; chama-se margem direita ou esquerda de um rio a que fica á direita ou esquerda da pessoa que desce por elle abaixo; a maior parte dos rios vão desaguar no mar.

Por meio de Cartas geographicas é que se aperfeiçoa o estudo da Geographia; estas são grandes folhas de papel em que se representa a posição das differentes partes do globo da terra; dividem-se em cartas geraes e cartas particulares.

Geraes são as que representão, ou o globo inteiro, ou uma das suas grandes partes, que são Europa, Asia, Africa, America, e Oceania.

Particulares são as que representão um Paiz, um Estado particular.

Mappa mundo ou Planisphera é a carta que representa todo o globo, dividido em duas partes; dá-se o nome de Hemispherio a cada uma destas duas partes.

Pontos Cardeaes são os quatro pontos principaes do globo terrestre; Norte, Sul, Leste, Oeste: olhando para o Mappa mundo, o topo ou parte superior é o Norte, a parte inferior o Sul, a direita Leste, onde o Sol nasce, e a esquerda Oeste, onde se põe. Do mesmo modo querendo uma pessoa saber onde fica o Norte, vira-se logo com a frente para o Nascente, e tem o Poente pelas costas, á mão esquerda está o Norte, e á mão direita o Sul.

Equador é um grande circulo que passa ao redor da terra de Leste a Oeste e a divide em dous hemispherios, um superior que se chama Septentrional, outro inferior chamado Meridional, dá-se-lhe tambem o nome de Linha equinoxial ou simplesmente Linha; é assim chamado porque quando o Sol descreve este circulo ha Equinoxio, isto é, igualdade de dia e noite em toda a terra; ha dous Equinoxios no anno, a saber em 20 de Março, e 23 de Septembro, o primeiro chamado Equinoxio da Primavera, o segundo do Outono.

Latitude é a distancia que ha de qualquer lugar ao Equador; distingue-se duas latitudes, a do hemispherio superior chamada Septentrional ou do Norte, e a do hemispherio inferior dita Meridional ou do Sul: os gráus de latitude começão no Equador e dahi se contão em cada lado delle para o Norte e para o Sul, estão marcados nos globos por circulos parallelos ao Equador, na extremidade dos quaes ha algarismos que mostrão o numero dos gráus, cada divisão é de 10 gráus; do Equador aos Polos contão-se 90° (*).

Meridiano é um grande circulo que passa pelos Polos, e corta o globo terrestre de Norte ao Sul, dividindo em dous

(*) A pequena cifra (°) á direita de 90° quer dizer gráus.

hemispherios, um Oriental, e outro Occidental: deu-se-lhe o nome de meridiano, porque quando o Sol chega a este circulo é meio dia, ou meia noite para todos os povos que habitão debaixo deste meridiano.

Ha varios meridianos, porque a terra sendo redonda, o Sol não alumia todas as partes do globo em um mesmo tempo, e por isso todos os lugares da terra não tem meio dia ao mesmo tempo: chama-se primeiro meridiano de um Povo o que é escolhido e determinado por uma Nação; o primeiro meridiano dos Francezes passa pela *Ilha de Ferro*, os Inglezes fazem passar o seu por *Greenwich*, os Hollandezes por *Amsterdam*, os Hespanhoes por *Toledo*, os Chinas por *Pekin*, etc.

Os Meridianos mostrão os differentes gráus de longitude.

A longitude de um lugar é a distancia desse lugar ao primeiro e principal meridiano,; os gráus de longitude contão-se de 15 em 15 sobre o Equador, desde 1 gráu até 360.

Os Tropicos são dous circulos parallelos ao Equador e na distancia delle de vinte tres gráus e vinte oito minutos (23°, 28′) (*); aquelle que está no hemispherio

(*) O assento (′) posto depois de 28 denota os minutos. Um gráu é a 360.ª parte de um circulo, minuto a 60.ª parte de um gráu.

superior é o *tropico do Cancer*, e o do hemispherio inferior *tropico do Capricornio*.

Circulos polares são os dous pequenos circulos descriptos ao redor dos Polos em distancia de 23°, 28′.

Zonas são as cinco divisões circulares formadas na superficie do globo pelos dous circulos polares e os dous Tropicos.

A Zona torrida ou ardente é a porção da superficie da terra, que jaz entre os Tropicos.

As duas Zonas temperadas são as porções incluidas entre os Tropicos e os circulos polares, uma chama-se Zona temperada Septentrional, outra Zona temperada Meridional.

As duas Zonas frias são as porções da superficie da terra, incluidas dentro dos circulos polares, tendo de extenção desde cada Polo 23°, 28′.

A temperatura da Zona torrida é muito quente, as das temperadas são moderadas, as das frigidas são excessivamente frias.

Do Mundo ou Globo terrestre.

Ha cinco grandes divisões da terra, a saber: Europa, Asia, Africa, America, e Nova Hollanda ou Oceania, além de differentes multidões de Ilhas, que tem nomes particulares, como Indias de Leste, Indias de Oeste, etc.: de cada uma destas

divisões passamos a fazer uma descripção resumida.

EUROPA.

A Europa é a parte a mais pequena, e a mais importante do Mundo: confina ao Norte com o Mar Glacial arctico, ao Oeste ou Poente com o Oceano Atlantico: ao Sul ou Meio dia com o Mar Mediterraneo, Negro, e Monte-Caucaso; e a Este ou Oriente com os Montes-Urals, Rio-Ural e Mar Caspio, isto é, a Asia. A Europa tem uma superficie de perto de 500,000 leguas quadradas, e contém perto de 230,000,000 de habitantes. As Ilhas adjacentes da Europa são as seguintes: Spitzberg, Nova Zembla, Islandia, Seelandia, Gran-Bretanha, Irlanda, Açôres, Maiorca, Sardenha, Sicilia, Corsega, Malta, Zante, Candia ou Creta, etc. Tem seis principaes Peninsulas, a saber: Suecia ou Scandinavia, Jutlandia, Hespanha, Italia, Morêa, e Crimêa. Os Cabos da Europa os mais notaveis são: Cabo do Norte, Lindesnœss, Skagen, Lizardo, Hogue, Finisterra, S. Vicente, Passaro, Spartivento, Matapan, etc. As Montanhas mais conhecidas são, Dafrinas, Karpathos, Urals, Alpes, Pyreneos, Hemus, Chevioths, Vosgos, Serra da Estrella, Apeninos, e Etna (nesta ultima existe um Volcão), etc. Os Estreitos principaes, são: o Sund, que se-

para a Seelandia da Suecia, e une o Oceano ao Mar Baltico; o de Calais entre a França e a Inglaterra; o de Gibraltar, entre a Hespanha e a Africa; o de Sicilia entre Napoles e a Sicilia; emfim, o dos Dardanellos ou Hellesponto, que ajunta o Archipelago ao mar de Marmara. Contão-se como principaes Lagos; Ladoga, Onega, e Peipus, no Imperio da Russia; na Suecia, Weter, Wener, e Melar; nas fronteiras da Suissa, em Allemanha, está o de Constança; os de Neufchâtel, Zurich, Luzerna, e Genebra, achão-se na Suissa: no Milanez, em Italia, acha-se o lago Maggiore com as Ilhas Borromeas, etc.

A Europa conta os seguintes principaes Rios que a regão em diversos pontos, a saber: o Wolga, o Don, o Dwina, o Neva, o Dwieper, no Imperio da Russia; nos Reinos da Prussia e Polonia, o Vistula; o Danubio atravessa a Allemanha, Hungria, e Turquia; em Allemanha passão o Rheno, Elba, e Oder; o Escalda na Hollanda; em Inglaterra o Tamisa; em França o Sena, Loire, Garonna, Adour, e Rhodano; o Adige, Pô, Arno, Tibre, e Volturno em Italia; em Hespanha o Ebro e Guadalquivir; em Hespanha e Portugal o Tejo, o Guadiana, o Douro e o Minho; os Rios Mondego e Sado achão-se em Portugal.

A Europa conta pouco mais ou menos

100 milhões de Catholicos, 90 milhões de Protestantes, 2 milhões de Judeus, 8 milhões de Musulmanos. As principaes linguas falladas nesta parte do Mundo pelos diversos Povos, são: a Franceza, a Ingleza, a Italiana, a Allemã, a Russa, a Hespanhola, a Portugueza, e a lingua Turca.

A Europa está dividida em dezoito partes, ou Estados independentes, a saber: a Russia Europea, com uma extenção de quasi metade da Europa; a Cidade livre de Cracovia; a Turquia Europea; a Grecia; a Suecia e Norwega; a Dinamarca; as Ilhas Britannicas; a Hollanda; a Belgica; a França; a Prussia; a Austria; a Allemanha, ou Confederação Germanica; a Suissa; a Italia; a Republica Jonia; a Hespanha; o Portugal.

1.º O Imperio da Russia confina ao Norte com o Oceano Glacial arctico; a Oeste com o Rio Tornea, golfo de Bothnia, Prussia, Austria, e com a Turquia Europea; ao Sul com o mar Negro e com o monte Caucaso; e a Leste com o mar Caspio, Rio Ural, Montes Urals, e Polonia. Tem, entrando a Polonia, mais de 260,000 leguas quadradas de superficie, com uma população de 53,000,000 de habitantes; S. Petersburgo, capital do Imperio, encerra acima de 450,000 almas; o Governo é Monarchia absoluta, a Religião Grega é a seguida pelos Russos, ain-

da que muitos delles são Catholicos, e as outras Religiões toleradas no Imperio; possue minas de toda a especie em grande numero: divide-se em 57 Governos, os quaes quasi todos tem os nomes das capitaes. Alguns chamão Asiaticos aos habitantes proximos do Caucaso.

A Polonia, quando Reino, tinha perto de 4,000,000 de habitantes, hoje conta pouco mais de 3,000,000; agora fórma um Vice-Reinado Russiano com perto de 6,400 leguas quadradas, tendo por capital Varsovia sobre o Vistula, e está dividido em oito Vaivodias. Além disto a Russia possue na Asia e na America do Norte grandes possessões.

2.º Cracovia: antigamente era cidade pertencente ao Reino da Polonia, hoje está debaixo da protecção da Russia, da Austria, e da Prussia, denominada Republica de Cracovia; é considerada como Cidade livre, contém 116,000 habitantes, juntando o termo que lhe é annexo, a cidade consta de 25,000 almas. Por Convenção de 6 de Novembro de 1846 foi restituida á Côrte d'Austria como anteriormente a 1809.

3.º A Turquia Europea confina ao Norte com Austria e Russia, a Leste com o mar Negro, o Estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara e o Archipelago que a separão da Turquia Asiatica, ao Sul com

a Grecia, e a Oeste com o mar Adriatico e Austria. Tem 25,000 leguas quadradas de superficie, com uma população de 9,000,000 de habitantes: Constantinopla, capital do Reino, conta 600,000 almas; seu Governo é Despotico, e as Religiões seguidas nos seus Estados são a Mahometana e a Grega. Este Reino é fertil e rico em mineraes; mas seus habitantes não se dedicão nem ás Artes, nem á Agricultura, que em geral jaz em grande abandono. Conta como Ilhas dependentes as seguintes: Candia, Thasos, e Lemnos; divide-se em varias Provincias ou Principados, a saber: Moldávia, Croacia, Bosnia, Herzegovina, Servia, Valaquia, Bulgaria, Albania, Macedonia, Thessalia e Romelia. As principaes Cidades do Reino são: Andrinople, Salonica, Bukhazest, Bosnia, Serai e Candia, etc. O Reino da Turquia, fóra o que possue na Europa, estende-se muito pela Asia, e tambem pela Africa.

4.º A Grecia; chama-se Reino da Grecia, toda a porção da antiga Grecia situada ao Sul dos golfos de Arta e Volo, e das Ilhas que fazem parte do Archipelago. O Isthmo de Corintho, que se alonga entre os golfos de Lepanto e de Athenas, fórma da parte continental duas divisões, uma ao Norte, outra ao Sul, ambas montanhosas, e uma atravessada do N-O a

S-E por montanhas que formão muitos Cabos e Golfos profundos. O Cabo de Matapan, que é o que fica mais ao Sul, e os de Sant-Anjo, Colonne e Skilli avançando no mar formão os golfos de Coron, Colokythia, Napoli, e o de Athenas. A Grecia conta como Ilhas dependentes as seguintes: Egina, Colouri, Paros, Hydra, Spazzia, as Cyclades, Myconi, Syra, Delos, Tino, Andros, Skyro, Scopoli, Skiatos, e Negro-ponto. Tem 2,000 leguas quadradas de superficie, com uma população pouco mais ou menos de 1,000,000 de habitantes; governa-se presentemente debaixo das leis de uma Monarchia mixta ou governo representativo, e segue a Religião Grega: conta como principaes Cidades, Argos, Napoli di Romania, Patras, Coron, Modon, Thebas, Navarino, Missolonghi, e Athenas capital do Reino.

5.º A Suecia, compõe-se da Suecia propriamente dita e da Norwega; ambas formão um Reino, regido pelas leis de uma Monarchia mixta ou governo representativo, e seguindo a Religião Luthera-na. Os limites da Suecia são ao Norte o Oceano Glacial, a Leste a Russia e Finlandia, ao Oeste o mar do Norte, o Sund e o Categat, e ao Sul o mar Baltico. Tem sobre 39,000 leguas quadradas de superficie uma população de 4,500,000 habitantes. Stockolmo é a capital do Reino, e

conta 75,000 almas. Divide-se em Laponia Suéca, Suecia propria, e Gothlandia.

A Norwega confina ao Norte com o mar Glacial, ao Oeste com o mar do Norte, a Leste com a Suecia, e ao Sul com o golfo de Categat: divide-se em cinco governos, a saber: Christiansund, Aggerrhus, Berghen, Dronthein, e Vardhus. Christiania é a capital do Reino, tambem possue na America uma pequena colonia.

6.º A Dinamarca confina ao Norte e ao Oeste com o Oceano, e a Leste com o Baltico: a Ilha de Islandia pertence ao Reino de Dinamarca, como as de Seeland, Funen ou Fronia, Alsen, Langeland, Femeren, Laland, Falster, e as Ilhas de Fœroé. A Dinamarca tem perto de 2,900 leguas quadradas de superficie, ás quaes se devem ajuntar 4,500 pelo que toca á Islandia e ás Ilhas de Fœroé, com uma população de 2,000,000 de habitantes: Copenhague, capital do Reino, tem 100,000 almas, seu governo é Monarchico-representativo, e segue a Religião Lutherana; a terra firme é a peninsula chamada Jutlandia, sub-dividida em Nord-Jutland, Sud-Jutland, e o Ducado de Holstein.

7.º As Ilhas Britannicas, ou o Reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda, tem por limites toda em redor o Oceano Atlan-

tico; compõe-se das Ilhas Gran-Bretanha e Irlanda, separadas pelo canal de S. Jorge e o mar d'Irlanda, as Hebrides ou de Western ao Oeste da Escocia, as Orcades, e as de Shetland ao Nordeste da Escocia, etc. A Gran-Bretanha compõe-se da Escocia, da Inglaterra, e do Principado de Galles. Tem 15,800 leguas quadradas de superficie, com uma população de perto de 26,000,000 de habitantes. Londres, capital do Reino, conta 1,800,000 almas. Este Reino é governado pelas leis de uma Monarchia mixta ou governo representativo, e segue geralmente a Religião Anglicana, ainda que existem grande numero de Catholicos Romanos, e varias seitas dissidentes.

A Inglaterra compõe-se de oito Provincias e do principado de Galles, divididas em 52 Condados, dos quaes as principaes Cidades são: Londres, York, Manchester, Oxford, Plymouth, Portsmouth, Chatam, Birmingham, Lancastre, Cantorbery, Cambridge, Carnarvan, Cerdignan, Douvres, etc.

Tweed e o golfo de Solway separa a Escocia da Inglaterra; está dividida em 33 Condados dos quaes a capital é Edimburgo, e as principaes Cidades são: Glascow, Perth, Aberdeen, Inverness, com um grande numero de Ilhas adjacentes.

A Irlanda divide-se em quatro Provin-

cias: Leinster a Leste dividida em 11 Condados: Ulster ao Norte, em 10: Connudght ao Oeste em 5: Munster ao Sul em 6. Dublin capital; Cidades principaes Belfast, Gallway, Cork, Limerik, Waterford.

A Gran-Bretanha possue a Ilha de Wight, no canal da Mancha, e immensas colonias na Asia, na Africa, e na Europa mesmo, como são as Ilhas de Jersey, Guernesey, e Aurigny nas costas da Normandia; a Ilha de Helygoland na foz do Elba, Gibraltar, a Ilha de Malta, e as Ilhas Jonias estão debaixo da sua protecção, todavia são mais importantes as suas possessões da Asia.

Hanovre, que ElRei da Gran-Bretanha possuia como Senhor da casa de Brunswich, situado no continente, fórma um Reino separado por estar o Throno da Gran-Bretanha occupado por uma Rainha, e existir a lei Salica no Reino de Hanovre. Seu governo é Monarchia mixta: Hanovre é capital do Reino, conta perto de 600,000 habitantes.

8.º A Hollanda confina a Leste com a Confederação Germanica, isto é com a Prussia e Hanovre, ao Norte e Oeste com o Mar do Norte, e ao Sul com a Belgica. Era parte do Reino dos Paizes baixos, e tinha 1,630 leguas quadradas de superficie, com uma população de 5,500,000 ha-

bitantes, governados por Monarchia mixta, e seguindo a Religião Calvinista: hoje a população da Hollanda anda para mais de 2,000,000 de habitantes. Compõe-se de dez Provincias: Brabante Septentrional, Zeelandia, Hollanda Septentrional e Meridional, Utrecht, Gueldres, Over-Yssel, Drenthe, Groningue, Frisa, e as partes de Limburgo e Gran Ducado do Luxemburgo. Amsterdam, capital do Reino, conta acima de 200,000 almas: Cidades principaes: Rotterdam, Leyde, Harlem, Utrecht, Haya, Breda, Luxemburgo, etc.: tambem possue grandes colonias na Nova Hollanda, e na Asia.

9.º A Belgica confina ao Norte com a Hollanda, ao Sul com a França, a Leste com a Confederação Rhenana, isto é, Hollanda e Prussia, e a Oeste com o Mar do Norte e a França; foi erigido Reino em 1830 com Monarchia mixta ou governo representativo: conta 4,000,000 de habitantes, que professão a Religião Catholica: tem sete Provincias, a saber: Brabante Meridional, Anvers, Flandres Oriental e Occidental, Hainaut, Namur, Liege, e as partes de Limburgo belga, e do Gran Ducado do Luxemburgo belga. Bruxellas, capital, conta 80,000 almas: Cidades principaes, Gand, Liege, Ostende, Anvers na foz do Escalda, é a mais rica e importante do Reino; Louvain, Malines, Namur,

10.º A França confina ao Norte com a Allemanha e a Belgica, a Leste com o Rheno, o Jura e os Alpes, ao Sul com o Mediterraneo e os Pyrenéos, e a Oeste com o Atlantico e a Mancha. Tem 27,500 leguas quadradas de superficie para uma população acima de 35,000,000 de habitantes, 33 dos quaes professão a Religião Catholica, os mais são protestantes ou de outras, pois todas as Religiões são toleradas no paiz. París, capital do Reino, encerra perto de 1,000,000 de almas. A Republica é o governo existente, com um Presidente nomeado de quatro em quatro annos. Divide-se em 86 Departamentos, dos quaes as principaes Cidades são: Lyão, Marselha, Bordeos, Nantes, Calais, Strasburgo, Cherburgo, Brest, Rochefort, Toulon, Boulogne, Dieppe, Havre, La Rochelle, Bayonne, etc. Possue estabelecimentos na Asia, Africa, e America, mas de todos Argel é o principal.

11.º A Prussia estende-se desde as fronteiras da Russia pelo Norte da Allemanha, até ás da França, e fórma duas partes separadas uma da outra por Hanovre, Brunsvick, e Hesse. Os Estados Prussianos occupão uma superficie de 14,000 leguas quadradas, e uma população que anda por 15,000,000 de habitantes. Berlim, capital, conta 200,000 almas: seu governo é Monarchico-representativo, e segue prin-

cipalmente as Religiões Calvinista e Lutherana; a Religião Catholica Romana é apenas professada por uma pequena parte. Suas Provincias ou Gran-Ducados são: Pomerania, Prussia Oriental e Occidental, Brandeburgo, Gran-Ducado de Posen, Cleves-Berg, Westphalia, Baixo Rheno, Saxonia, Silezia Prussiana, e o Principado de Neufchatel na Suissa. As principaes Cidades são Postdam, Brandeburgo, Francfort, Aix-la-Chapelle, Dantzick, Coblentz, Eylau, Tilsitt, Colonia, Breslau, etc.: pertence-lhe no Baltico as Ilhas de Rugen, Usedom, e Wollin.

12.º Austria (Estados d') confina ao Norte com a Saxonia, a Prussia, e a Polonia, a Leste com a Russia e a Turquia, ao Sul com a Turquia, Mar Adriatico, e Rio Pô na Italia, e a Oeste com a Sardenha, Suissa, e a Baviera. Tem 34,000 leguas quadradas de superficie, para uma população de 33,000,000 de habitantes. Vienna, capital do Imperio, conta 300,000 almas; é Monarchico-representativo, e segue a Religião Catholica Romana. Divide-se em Bohemia, Moravia, Silesia Austriaca, Gallicia, Austria, Hungria, Transilvania, Tyrol, o Reino Lombardo-Veneziano, Illyria, Styria, Croacia. Cidades principaes, Praga, Gratz, Baden, Triéste, Innspruck, Trento, Reichstadt, Brunn, Lemberg, Milão, Bergamo, Cremona, Mantua, Vene-

za, Verona, Rovigo, Buda, Presburgo, Agram, Ragusa.

13.º Allemanha (Confederação Germanica) confina ao Norte com o Baltico e Dinamarca, a Leste com a Prussia e Austria, ao Sul com a Italia e Suissa, e a Oeste com a Suissa, França, Belgica e Hollanda. Tem 16,900 leguas quadradas de superficie, com uma população de 31,000,000 de habitantes. Francfort, capital, tem 60,000 almas. O governo é Federativo, e segue as Religiões Catholica Romana, Lutherana, e Calvinista, etc.

Formão a Confederação Germanica os Reinos: Baviera, capital Munich com 100,000 almas; Wurtemberg, capital Stuttgard; Hanovre, capital Hanovre, hoje Reino separado; e Saxonia, capital Drésda no Elba: os Gran-Ducados de Baden, capital Carlsruhe; Holstein, e Saxe-Lauenburgo, dependentes do Rei de Dinamarca, capital Kiel; Oldenburgo, capital Oldenburgo; Luxemburgo, capital Luxemburgo, pertence ao Rei d'Hollanda; Mecklemburgo-Schwerin, capital Schwerin; Mecklemburgo-Strelitz, capital Neu-Strelitz; Hesse-Darmstadt, capital Darmstadt; Saxe-Weimar; e Gotha: o Eleitorado de Hesse-Cassel, capital Cassel: os Ducados de Nassau, capital Wiesbaden; Brunswick, capital Brunswick; Saxe-Coburgo, Saxe-Meiningen, e Saxe-Hildburghausen:

os Condados de Anhalt de Schwartzburgo, Hohenzollern, Reuess, Lippe, Lichtenstein, Waldeck; Landgrave, e Hesse-Homburgo: e as quatro Cidades livres, Hamburgo, Breme, Lubeck, e Francfort no Mêno onde se reune a Dieta Germanica.

14.º A Suissa (Confederação Helvetica) confina ao Norte com a Allemanha, a Leste com o Rheno e o Tyrol, ao Sul com a Italia, e a Oeste com a França. Tem 1,300 leguas quadradas de superficie, e uma população de mais de 2,000,000 de habitantes. E' Republica Federativa, e segue as Religiões Catholica Romana e Calvinista; compõe-se de 22 Cantões, a saber: Bale ou Basilea, Berne, Soleure, Friburgo, Zurich, Zug, Schaffouse, Saint-Gall, Appenzell, Schwitz, Glaris, Genébra, e Neufchatel pertencente ao Rei da Prussia; de todos estes a capital tem o mesmo nome. Argovia, capital Arau; Turgovia, capital Frauenfeld; Underwald, capital Stanz; Uri, capital Altorf; Thessino, capital Bellinzona; Grisoês, capital Coire; Valais, capital Sion; e Vaud, capital Lausannia. As Cidades principaes são Zurich, Basilea, Berne, Neufchatel.

15.º A Italia confina ao Norte com a Allemanha e a Suissa; a Leste com a Carniola, e o Mar Adriatico; ao Sul com o Mar Jonio; e a Oeste com o Mediter-

raneo e a França: tem 300 leguas de comprimento e 140 de maior largura, tendo em parte só 50 leguas na menor. A sua população juntamente com as suas Ilhas dependentes é de 21,000,000 de habitantes, e divide-se em doze Estados, a saber: Sardenha, Reino composto do Piemonte, da Saboia, do Condado de Nice, de Genova, e da Ilha de Sardenha, capital Cagliari: conta 4,300,000 habitantes. Turim, capital do Reino, tem 100,000 almas; é governo Monarchico-representativo, e segue a Religião Catholica Romana.

O Reino Lombardo-Veneziano tem 4,200,000 almas, pertence á Austria, comprehende o Milanez, o Ducado de Mantua, a Valtelina, e o antigo Senhorio de Veneza. Cidades principaes, Milão com 130,000 almas, Veneza com 100,000, Padua, Verona, Mantua, etc.

O Ducado de Parma, ao Sul do Pô, pertencente á Archiduqueza d'Austria Maria Luiza, 2.ª esposa de Napoleão, com as Cidades de Parma e Plasencia.

O Ducado de Modena pertencente a um ramo da Casa d'Austria, com as Cidades Modena e Reggio.

O Ducado de Luca, capital Luca.

O Ducado de Mássa, capital Mássa.

O Gran-Ducado de Toscana, com uma população de 1,280,000 almas, cuja ca-

pital é Florença, com as Cidades Liorne, Sena, e Piza. A Ilha d'Elba pertence-lhe.

O Principado de Monaco, com uma população de 9,000 almas, e sob a protecção do Rei da Sardenha.

Os Estados Pontificios ou Estados da Igreja, governados pelo Papa, Chefe da Igreja Catholica Apostolica Romana, estendem-se ao longo do Adriatico e Mar de Toscana, são atravessados pelo Apenino. Sua população calcula-se em 2,600,000 habitantes: Roma, capital, conta 140,000 almas; as principaes Cidades são Ancona, praça forte, com um porto no Adriatico, Ferrara, Bolonha, Ravenna, etc.

S. Martinho, debaixo da protecção do Papa, pequena Republica no Ducado de Urbino, tem tres leguas de quadrado, e uma população de 7,000 habitantes.

O Reino de Napoles, tambem chamado das Duas Sicilias, compõe-se da parte Meridional da Italia, annexa á Ilha da Sicilia, e fórma com mais Ilhas pequenas o Reino das Duas Sicilias, cuja capital é Napoles, situada perto do monte Vesuvio, com 360,000 almas. A capital da Ilha de Sicilia é Palerma; nesta Ilha é que se acha o monte Etna. Tem 5,500 leguas quadradas, e uma população de 7,400,000 habitantes: seu governo é Monarchico, e segue a Religião Catholica Romana. Cidades principaes Capua, Salerno, Otran-

to, Tarento; na Sicilia Messina, etc. A Ilha de Malta, rochedo arido, ainda que habitado, no centro do Mediterraneo, pertence hoje aos Inglezes.

16.º A Republica das Ilhas Jonias compõe-se de sete Ilhas, Corfú, Paxo, St.ª Maura, Ithaca, Cephalonia, Zante, e Cerigo a antiga Cythera, situadas ao longo da Grecia; chamavão-se d'antes a Republica das sete Ilhas, hoje estão debaixo da protecção dos Inglezes. Tem 130 leguas quadradas, e uma população de 230,000 habitantes, que professão a Religião Grega. Corfú é a capital.

17.º A Hespanha confina ao Norte com os Pyrenéos, o Oceano Atlantico, e Bahia de Biscaya, a Leste e ao Sul com o Mediterraneo, e ao Oeste com o Atlantico e o Reino de Portugal. Tem 24,000 leguas quadradas de superficie, e uma população de 13,000,000 de habitantes, mas juntamente com os seus dominios resulta um total de 16,000,000 de almas. Seu governo é Monarchia mixta ou governo representativo, e segue a Religião Catholica Romana. A Hespanha compõe-se dos Reinos de Galiza, Leão, Castella Velha, Biscaia, Navarra, Aragão, Castella Nova, Valencia, Granada, e Murcia; dos Principados, Asturias, e Catalunha; e das Provincias, Estremadura e Andaluzia. Madrid, capital do Reino, conta 200,000 al-

mas. Cidades principaes, Salamanca, Cadiz, Barcelona, Sevilha, Granada, Valencia, Cordova, Malaga, Zaragoza, Santiago, Corunha, etc.: possue no Mediterraneo as Ilhas de Maiorca, e Minorca, chamadas Baleares, capital Palma; e grandes Colonias na Africa, Asia, e Oceania.

18.º Portugal, antigamente chamado Lisitania, confina ao Norte com o Reino de Galiza, ao Sul e Oeste com o Oceano Atlantico, e a Leste com o Reino de Leão, as duas Castellas, e Andaluzia, na Hespanha. E' o Reino mais Occidental da Europa, seu maior comprimento é do Cabo de Sancta Maria no Algarve, até Melgaço na Raia de Galiza, onde tem quasi 94 leguas Portuguezas; e sua maior largura é entre a barra de Caminha e a Raia acima de Miranda, que distão entre si de 40 leguas Portuguezas. Tem 3,555 leguas quadradas de superficie, e uma população de 3,680,000 habitantes, que junta á das Provincias Ultramarinas chega a 5,000,000 pouco mais ou menos; Lisboa, capital do Reino, conta perto de 300,000 almas. A Corôa é hereditaria, nella succede o sexo feminino em falta do masculino. Seu governo é Monarchia mixta, isto é, governo representativo, com Camaras de Deputados e Pares; e a Religião Catholica Romana é a dominante. Divide-se hoje em 8 Provincias, a saber: Minho, Douro,

Traz-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alemtejo, e Algarve, que ainda presentemente conserva o nome de Reino.

Portugal é o mais fertil paiz da Europa, atravessado por varias Montanhas, como as serras de Gerez no Minho, a da Estrella na Beira Alta, a de Portalegre e Marvão no Alemtejo, a do Monchique no Algarve, e a de Cintra na Estremadura perto da capital: banhado por varios Rios, como Rio Minho que rega Melgaço, Valença, e Caminha; o Lima que passa por Ponte de Lima e Vianna; o Douro que passa por S. João da Pesqueira, Peso da Regoa, e Porto; o Vouga que atravessa a Beira Alta, e fórma a barra de Aveiro; o Mondego, o Rio mais caudaloso de Portugal, que banha os campos de Coimbra, e fórma a barra da Figueira; o Tejo, que separa a Estremadura do Alemtejo, e banha Abrantes, Santarem, Villa-Franca, e Lisboa, onde fórma o porto o mais espaçoso da Europa; o Sado ou Sadão, que atravessa o Alemtejo, passa por Alcacer do Sal, Setubal, e vasa no Oceano, formando uma espaçosa lagoa; o Guadiana, que rega Jerumenha, Mertola, Villa Real de Sancto Antonio, e desagua no Oceano. Suas Cidades principaes são: Porto com perto de 100,000 almas, Coimbra com uma Universidade e 15,000 almas, Braga

com 14,000 almas, Bragança, Vizeu, Chaves, Abrantes, Evora, Elvas, Faro, Tavira, etc. Portugal abunda em vinhos, fructos e azeites, e tem algumas fabricas. Possue varios dominios ultramarinos, a saber: a Ilha da Madeira, capital Funchal; o archipelago dos Açôres, capital Angra, situada na Ilha Terceira: as Cidades principaes do archipelago são Ponta Delgada, Horta, etc.; as Ilhas de Cabo-Verde, sendo a residencia do Governador na Ilha do Sal; Angola, capital Loanda; S. Filippe de Benguella; e Mossamedes, colonia fundada em 1840; Moçambique na costa d'Africa, capital Moçambique; e as Ilhas de Cabo Delgado, ou de Querimba, cuja principal é Ibo, que é a capital: e na Asia, Gôa, Damão e Diu; Macáu na China; e as Ilhas Solor e Timor na Oceania.

ASIA.

A Asia confina ao Norte com o Oceano Glacial; a Oeste com a Europa, o Mediterraneo, o isthmo de Suez; ao Sul com o Oceano Indico, o estreito de Malaca, e parte do Mar da China; e a Leste com o Grande Oceano e o estreito de Bering: sua extensão é de 1,740 leguas de Oriente ao Occidente, e de 1,550 de Sul a Norte, com uma população que se

calcula em 550,000,000 de habitantes. As Ilhas principaes são Metelim, Rhodes, Chipre, Ormuz, Maldivas, Ceylão, Hainan, Macáu, Formosa, Ilhas do Japão, etc. As Peninsulas Anatolia, Arabia, Guzerate, India d'aquem e d'alem Ganges, Malaca, Corea, Kamtchatka, e Olonei, etc. Cabos Olonei, Cevero-Vastochnoi, Oriental, Lupatka, Aniwa, Camboja, Romania, Comorim, Razalgate, Moçadom, etc. Os Montes Urals, Altai, Caucaso, Taurus, Mus-Tag, Libano, Sinai, Belour, Gates, Himmalai este é o mais alto do Mundo. Os Mares mais notaveis são: Mar-Vermelho, Golfo Persico, de Siam, de Tonkin, etc.: os estreitos de Ormuz, Manar, Malaca, Ilha Formosa, Coréa, e Beering. Os Rios mais conhecidos são o Wolga, o Eufrates, o Tigre, o Indo, o Ganges, o Ki-an-kú, o Hoan-Ho, e o Rio Amour.

A Asia divide-se em 11 Partes principaes, Reinos ou Estados, a saber: Siberia ou Russia Asiatica, tem 310,000 leguas quadradas de superficie, com a população de 3,000,000 de habitantes. Tobolsk capital; governo o da Russia; segue a Religião Lamá, ou Chamanismo, etc., e subdivide-se em Siberia Oriental e Occidental.

Tartaria independente, tem 92,280 leguas quadradas de superficie, e uma população de 4,000,000 de habitantes. Bu-

khara é a maior Cidade. Vivem estes Povos em Tribus Nomadas, e seguem a Religião de Lamá, ou a Mahometana, etc.: subdivide-se em Paiz dos Kirghiz, Turcomania, e Karismia, etc.

Tartaria Chineza tem 156,000 leguas quadradas de superficie, com uma população de 6,000,000 de habitantes. Kashgar e Yarrand são capitaes: vivem estes Povos em tribus Nomadas, e seguem a Religião de Lamá e Mahometana; estão sugeitos ao Imperio da China.

Thibet tem 38,520 leguas quadradas de superficie, e uma população de 13,500,000 habitantes. Cidades principaes Lassa, Tassisudan, etc. Estes Povos são Nomados e seguem a Religião de Lamá ou a Mahometana: divide-se em Thibet grande e pequeno, e o Reino de Boutan; são dependentes do Imperio da China.

China propria tem 600 leguas de comprimento do Norte ao Sul e 450 leguas de largura com uma população de 340,000,000 de habitantes. Pekim, capital do Imperio, conta acima de 1,000,000 de almas. E' Monarchico-absoluto, e segue as Religiões de Fó, Buddah, Confucio, etc.: divide-se em quinze grandes Provincias. Cidades principaes Nankin, Cantão, etc.

Corea tem 10,800 leguas quadradas de superficie, e uma população de 15,000,000 de habitantes. King-kitão é capital, seu

governo é Despotico, e segue a Religião dos Chinas de quem é dependente.

O Imperio do Japão tem 14,720 leguas quadradas de superficie com uma população de 30,000,000 de habitantes. Iedo capital tem 1,000,000 de almas. E' governo Despotico, e segue as Religiões de Sintó, Budsó, ou Buddah, etc. Cidades notaveis Miaco, Nangusaki, etc.

Turquia Asiatica tem 34,500 leguas quadradas de superficie e uma população de 12,000,000 de habitantes. Smyrna capital; é governo Despotico, e segue as Religiões Mahometana, Grega e Armenia, e uma parte a Religião Christãa. Divide-se em Anatolia, Karamania, Armenia Turca, Mesopotamia, Syria, Iba-Arabi, Kurdistan Turco, e a Ilha de Chipre. Diversos Bachás governão estas regiões. Principaes Cidades, Damasco, Jerusalem, Alep, Bagdad.

Arabia tem 62,210 leguas quadradas de superficie, com uma população de 6,000,000 de habitantes, parte dos quaes andão errantes com os seus rebanhos, e a que se dá o nome de Beduinos. Cidades principaes Mecca, Sana, Mascate, etc.: é governo Despotico, e segue as Religiões Mahometana, Grega, e Armenia. Divide-se em Arabia deserta, petréa, e feliz. Na Arabia vivem muitos Judeus.

Persia tem 31,600 leguas quadradas de

superficie, e uma população de 9,000,000 de habitantes. Teheran capital tem 60,000 almas. E' governo Despotico e segue a Religião Mahometana, e outros são Ignicolas. Divide-se em Armenia Persa, Aderbydjan, Ghilan, Mazanderan, Korasan, Kurdistan Persa e Khusistan, Irak Adjemi, Faristan, Kerman, e Laristan.

Cabul, ou Afghanistan tem 20,220 leguas quadradas de superficie e uma população de 9,000,000 de habitantes. Cabul capital tem 80,000 almas. E' Monarchia Limitada, e segue a Religião Bramah, e parte a Mahometana, etc. Cidades notaveis Herat, Candahar.

Beloutchistan tem 9,600 leguas quadradas de superficie com uma população de 3,000,000 de habitantes. Kelat capital. Governa-se como a precedente e segue a mesma Religião.

India d'aquem Ganges ou Indostão tem 85,800 leguas quadradas de superficie, com uma população de 135,000,000 de habitantes. Cidades principaes Lahore, Oudgein, Calcuttá, Cachemyra, Visiapura, etc.: é governo Monarchico, e segue as Religiões Bramah, Buddah, Mahometana, etc. Estes Estados quasi todos são ou tributarios ou alliados dos Inglezes.

India d'alem Ganges, ou India Sinica, tem 34,430 leguas de superficie, com uma população de 35,000,000 de habitantes.

Cidades principaes Ummerapoura, Ava, Siam, Djorhat, Arracan, etc.: seu governo é Despotico, e segue as Religiões Buddah, Confucio, Mahomet, etc. Os Inglezes dominão sobre uma grande parte da India alem do Ganges, e varias Cidades lhes pertencem.

A Cochinchina, descoberta em 1516 pelo Portuguez Duarte Coelho; capital Hué; faz parte desta.

Possessões dos Europeus na Asia.

Os Dinamarquezes possuião Tranquebrar que tem 20 000 habitantes, e Sérampore, que em 1845 vendêrão á Companhia das Indias Orientaes.

Os Hollandezes possuem Paliacate e Tuticorim.

Os Francezes Chandernagor, e Pondichery que é o seu principal porto de commercio: Mahé na costa do Malabar.

Os Portuguezes conservão Diu, Damão, Salsete, Bardéz, Gôa, e Macáu.

Os Inglezes possuem immensas possessões cujas Presidencias são Bombaim, Calcuttá, Madrás, Ceilão; além do que tem na India Sinica desde Aracan até Malacca. Reputão-se em 85,000,000 os sujeitos ou vassallos e em 40,000,000 os tributarios á Companhia Ingleza das Indias Orientaes, como acima mencionámos.

AFRICA.

A Africa é uma grande peninsula, pegada á Asia pelo Isthmo de Suez, banhada ao Norte pelo Mediterraneo, ao Oeste pelo Oceano Atlantico, ao Sul com o Grande Oceano, e a Leste pelo Oceano Indico, Isthmo de Suez, e pelo Mar Vermelho: tem acima de 1,800,000 leguas quadradas de superficie, e sómente 60,000,000 de habitantes: pertence-lhe as Ilhas Madeira, Porto-Sancto, Canarias, Ilhas de Cabo Verde, S. Thomé, Madagascar, Moçambique, Ilha de França, de Cabo Delgado, Zanzibar, Socotorá, etc. Os principaes Cabos são: Razad, Cabo Bom, Bojador, Branco, Verde, das Palmas, Negro, da Boa Esperança, Delgado, Guardafui. Os Montes são; Atlas, Montes do Kong, da Lua, do Sol, Lupata, Ater, Glierdobah, Montes da Neve, Meza do Cabo, etc. Os Mares; Golfo da Sidra, d'Arguin, de Biafra, de Sancta Helena, Lorenço Marques, e o Mar Vermelho. Os Estreitos Babel-Mandel, Moçambique, e Gibraltar. Os Rios principaes: o Nilo, o Niger, o Senegal, o Gambia, o Zaire, e o Zambese.

A Africa divide-se em 14 partes principaes, como segue:

Barbaria na Costa do Mediterraneo

com 64,750 leguas quadradas de superficie, e uma população de 24,000,000 de habitantes: vivem muitos em tribus selvagens, obedecem a um governo Despotico, e seguem a Religião Mahometana. Compõe-se do Imperio de Marrocos, Reino de Féz, e Regencias de Tunes, Tripoli, e Argel. Principaes Cidades Tunes, Tripoli, Argel, Constantina, Oran, etc.

O Egypto tem 12,440 leguas quadradas de superficie e uma população de 4,000,000 de habitantes. Cairo, capital; tem governo Despotico, e segue as Religiões Copta, e Mahometana; compõe-se do Bahari ou baixo Egypto, Vostani ou Egypto do meio, e Said ou alto Egypto. Cidades principaes, Alexandria, Roseta, Damieta, Suez, etc.

Saharà ou Grande Deserto tem 118,860 leguas quadradas de superficie e uma população de 1,000,000 de habitantes; são tribus ferozes, obedecem a governo Despotico, e seguem a Religião Mahometana. Divide-se em Oasis ou varias povoações habitadas pelos Musselminos, Uadelinos, Trassartas, Tuaricks, etc. O interior desta região é pouco conhecido.

Senegambia tem 28,300 leguas quadradas de superficie e uma população de 12,000,000 de habitantes, que vivem em tribus selvagens e seguem a Religião Mahometana. Divide-se em Fulahs, Jalo-

fos, etc. Paiz muito doentio, mas muito fertil e abundante.

Negricia ou Soudan tem 127,000 leguas quadradas de superficie e uma população de 2,000,000 de habitantes: é governo Despotico, e segue a Religião de Mahomet. Divide-se em Tombuctú, Bambará, Kong, Houssa, Kachena, Bornu, etc. E' nestas regiões que se faz o trafico illicito do maior commercio de escravos, não obstante os esforços das nações da Europa.

Nubia tem 31,000 leguas quadradas de superficie e uma população de 2,000,000 de habitantes, que vivem em tribus nomadas, obedecem a um governo Despotico e seguem a Religião Mahometana, e Idolatria grosseira. Compõe-se da Nubia Turca, Reino de Dongolah, Paiz de Bedjah e Sennear. Foi conquistada em 1822 pelas tropas do Bachá do Egypto. Sennar é a capital.

Abyssinia tem 23,330 leguas quadradas de superficie e uma população de 4,000,000 de habitantes que obedecem a um governo Despotico e seguem a Religião de Nubia; compõe-se de tres grandes regiões; o Tigré, capital Axum; Amhará, capital Gondar, e as Provincias Shoa e Efat; e o Paiz dos Gallas independentes.

Guiné tem 77,240 leguas quadradas de superficie e uma população de 15,000,000

de habitantes; tem um governo Despotico, e seguem a Religião das precedentes: compõe-se de superior e de inferior, ou de Septentrional ou Costa da Mina, e de Meridional ou Congo; e compõe-se dos Reinos de Anzico, Loango, Cacongo, Congo, Angola, etc. Principaes Cidades, Comassia, Biafra, Loanga, Boma, Loanda.

Costas de Adel e Ajan, Zanguebar, e Moçambique: esta tem 23,840 leguas quadradas de superficie e uma população de 4,000,000 de habitantes. As Religiões são Catholica, Mahometana; e a Idolatria: obedecem ao governo Portuguez. Cidades notaveis, Zeilah, Auça, Magadoxo, Mombaça, Quiloá, Moçambique, etc.

Cimbebasia e Hottentotia. Povos selvagens e Idolatras; tem perto de 600,000 habitantes, e não possuem cidades.

Cafraria ou região dos Cafres tem 800 leguas de comprimento com 400 de largura, e uma população de 40,000,000 de habitantes; alguns vivem em tribus selvagens, obedecem a governo Despotico, e seguem a Religião Mahometana e Idolatria. Compõe-se dos Cafres, dos Boushouanas, e dos Hottentotes acima descriptos.

Cabo da Boa Esperança tem 7,780 leguas quadradas de superficie e uma população de 150,000 habitantes, que seguem a Religião Protestante e a Idolatria. Divide-se em sete Districtos, etc., e obede-

cem ao governo Inglez. Capital Cape-Town.

Possessões dos Europeus na Africa.

Os Dinamarquezes possuem Christiansburgo na costa do Ouro.

Os Hollandezes São Jorge da Mina, que elles chamão Elmina.

Os Francezes possuem Argel e suas dependencias, as Margens do Senegal e Ilhas de S. Luiz, e Gorea na Senegambia, assim como Podor, o Forte de Charles, os Fortes Dauphin e Foulepointe em Madagascar; a Ilha de Bourbon.

Os Portuguezes possuem as Ilhas da Madeira e Porto Sancto, de Cabo-Verde; Bissão e Cachêo na Senegambia; Ilhas de S. Thomé e Principe, Malembo e Cabinda ao Norte de Zaira, Reinos d'Angola, e Benguela e suas dependencias; Costa de Moçambique, onde se achão Cabo-Delgado, Ilhas de Quirimbo, Moçambique, Quilimane, Rio de Sena, Sofala, Inhambane, e os Presidios na Bahia de Lourenço Marques.

Os Hespanhoes possuem Ceuta, Panon de Velez, Melilla, etc.: Ilhas Canarias, de Fernão do Pô e Annobom.

Os Turcos nada possuem na Africa, todavia os Estados Barbarescos, e o Bachá do Egypto reconhecem de nome a soberania da Porta Ottomana.

Os Inglezes possuem o Forte de S.-Jaime no Senegal, Frectown na Serra Leôa, Cabo-Corso na Costa dos Dentes, a Ilha de Sancta Helena, onde esteve preso e morreu Napoleão, agora acha-se enterrado nos Invalidos em París; a Ilha d'Ascenção, de França, de Rodrigo, de Mahé, e Cabo de Boa-Esperança.

AMERICA.

A America é a maior das cinco maximas divisões da terra ou partes do mundo; confina ao Norte com o Oceano Glacial, a Oeste com o Grande Oceano, ao Sul com o Oceano Austral, e a Leste com o Oceano Atlantico: tem pouco mais ou menos 2,210,000 leguas quadradas de superficie e uma população que sobe apenas a 50,000,000 de habitantes: pertence-lhe as Ilhas: Terra-Nova, Cuba, S.-Domingos, Porto-Rico, Jamaica, Fernando de Noronha, Sancta Catharina, Malvinas, Terra do Fogo, Cheiloé, etc. As Peninsulas Terra do Labrador, Nova-Escocia, Florida Oriental, Yucatan, Paraguana, Tres Montanhas, Velha California, Alaska, etc., e o Isthmo de Panamá. Os Cabos mais notaveis são: Farewell, Breton, Catoche, Vela, S. Roque, Sancto Antonio, C. das Virgens, C. de Horn, S. Lucas, Mendocin; os Montes mais conhecidos: Serra Verde, Apalaches, Andes, Monte

de S. Elias, Pico de Orizaba, as Serras de Matto Grosso, de Sancta Martha, e Mantiqueira: os Mares de maior importancia, Bahia de Baffin, de Hudson, Mar das Antilhas, o Golfo de S. Lourenço, do Mexico, e de California: os Estreitos de Davis, Cumberland, Bellisle, Floridas, Magalhães, etc.: os Rios mais consideraveis, Makensie, S. Lourenço, Mississipi, Magdalena, Orenôco, Essequibo, Amazonas, Tocantin, S. Francisco, Rio de la Plata, Columbia.

Divide-se o Continente Americano em America Septentrional, e America Meridional:

A America Septentrional divide-se em 7 partes principaes, e compõe-se dos Estados seguintes:

America Russa, habitada por tribus selvagens, fórma uma Colonia Russa, com 37,530 leguas quadradas de superficie, e uma população de 60,000 almas. Os habitantes destas regiões são conhecidos pelo nome de Eskimós.

Nova Bretanha, Colonia Ingleza, tem 242,150 leguas quadradas de superficie, com uma população de 2,500,000 habitantes. Quebec, é a capital.

Terras arcticas: a Groenlandia, Colonia Dinamarqueza, tem 57,540 leguas quadradas de superficie e uma população de 20,000 habitantes. No Spitzberg tem

os Russos alguns estabelecimentos para a pesca da baleia.

Estados unidos tem 163,870 leguas quadradas de superficie e uma população de 18,000,000 de habitantes: todas as Religiões são admittidas, ainda que as mais seguidas são a Catholica, sendo a Protestante a dominante. Os Estados que formão a Confederação que tem o nome de Estados unidos e são governados por Republica federativa são os seguintes: Maine, New-Hampshire, Massachusets, Rhode-Island, Connecticut, Vermont, New-York, New-Jersey, Pennsylvania, Delaware, Maryland, Virginia, North-Carolina, South-Carolina, Georgia, Kentucky, Tennessee, Ohio, Luiziana, Indiana, Mississipi, Illinois, Alabama, Missouri, Arkansas, Michigan. Tem ainda os Districtos de Colombia, e os territorios de Florida, e Wiscousin. Washington é a capital, onde reside o Presidente, e a séde do Congresso; tanto o Presidente como o Congresso são eleitos todos os quatro annos. Cidades principaes New-Yorck, Philadelphia, Boston, Nova Orleans, Baltimor, etc.

Mexico, ou Nova Hespanha, tem acima de 120,000 leguas quadradas de superficie e uma população de 7,000,000 de habitantes, que professão a Religião Catholica. Paiz extenso, foi antigamente Colonia Hespanhola, hoje é Republica com-

posta de vinte e dous Estados confederados. Capital Mexico; Cidades principaes Campeche, Vera-Cruz, etc.

O Novo-Mexico e a California, paizes vastissimos onde só se conhece a Cidade de Sancta-Fé, de S. Francisco, e o forte de Nossa Senhora do Loreto construido pelos Hespanhoes, são geralmente povoados por Indios selvagens: ultimamente tem havido grande emigração de toda a parte do Mundo, por causa das suas minas de ouro, e grande commercio que alli se faz pela descoberta dessas riquezas.

A America Meridional compõe-se de 11 partes principaes:

A Republica de Colombia formada de parte do vice Reinado de Venezuela, do Reino da Nova-Granada, a do Equador, a do isthmo de Panamá, e das provincias de Cumana, de Guyana, e de Maracaibo: tem uma população acima de 3,000,000 de habitantes: Cidades principaes Bogota, Caracas, Maracaibo, Quito, Panamá, Carthagena, etc.

A Republica do Perú, ao Sul da Colombia; Lima, capital: Cidades notaveis Calháo, Truxillo, etc.

A Republica de Bolivia fronteira com o Brasil, Chuquizaca ou Charcas capital, chamada tambem La Plata. Cidades principaes, Potosi, Oruro, etc.

A Republica do Chili, ao Sul da de

Bolivia. Santiago capital: Cidades principaes, Valparaizo, Concepcion, etc.

A Dictadura do Paraguay fronteira com o Brasil. Assumpção capital.

Republica argentina, ou Confederação do Rio de La Plata, a Leste do Chili. Buenos-Ayres, capital.

A Republica Oriental do Uraguay fronteira com o Brasil. Montevideo, capital.

A Patagonia, tambem chamada terra de Magalhães, na extremidade Meridional, com uma população calculada em 150,000 habitantes, quasi todos selvagens.

A Terra do Fogo, Ilha volcanica, e deshabitada, separada da Patagonia pelo estreito de Magalhães.

Guyana, paiz immenso, que se estende desde o Orenôco até ao Rio das Amazonas. Tem alguns estabelecimentos Europeus nas costas, é deserto no interior, ou sómente habitado por animaes ferozes; calcula-se a sua população em 300,000 habitantes. Cidades principaes Stabroek, hoje George Town, Paramaribo, e Cayenna.

Em todas estas regiões, a Religião Catholica é a dominante; todavia no interior segue-se algum tanto o Paganismo.

O Brasil, immenso paiz da America Meridional, tem 1[illegible],280 leguas quadradas de superficie, com uma população de perto de 4,500,000 habitantes, confina ao Norte com a Colombia, as Guyanas In-

gleza, Hollandeza e Franceza, e o Oceano Atlantico; a Leste com o mesmo Mar; ao Sul com a Republica Oriental do Uraguay, a Dictadura do Paraguay e o Oceano Atlantico; ao Oeste com a Confederação do Rio de la Plata, a Dictadura do Paraguay, e as Republicas Bolivia, Perú, e Colombia.

Este vasto Imperio declarou-se independente em 1822 formando uma Monarchia mixta, cujo chefe tem o titulo de Imperador e segue a Religião Catholica: o interior do paiz ou sertão é occupado por varias tribus selvagens que adorão o Paganismo, e que chamão Botocudos.

Ainda que o Brasil jaz debaixo da Zona torrida gosa de um ar muito sadio e é menos quente que demostra a sua situação, visto a quantidade de Rios pela maior parte muito caudalosos, que regão este fertil paiz em diversos sentidos: os principaes são: o Amazonas, o rio maior do Mundo, que desce da Republica de Colombia, atravessa a vasta provincia do Pará, e depois de engrossar com varios rios menores desagua no Atlantico; o Tocantin ou Pará, formado de dous braços, um dos quaes se chama propriamente Tocantin, e o outro Rio Grande ou Araguay, que é o principal e nasce na Serra das Vertentes na Provincia de Goiaz onde fórma a Ilha chamada Sancta Anna, e separa

esta Provincia das de Matto Grosso e Pará, que banha pela parte Oriental, onde emfim desembocando no Oceano fórma a espaçosa barra do Pará: o Maranhão que nasce na serra de Itapicurú, rega esta Provincia do Sul ao Norte, e depois engrossado de algumas correntes entra na Bahia de São-Marcos defronte da Ilha do Maranhão: o Paranahiba que nasce na serra dos Guiacuruaguas, e divide a Provincia do Maranhão da de Piauhy, engrossa com varias correntes e entra depois no Oceano: o Rio São-Francisco que nasce na serra da Canastra na provincia de Minas Geraes, banha esta provincia do Sul ao Norte, rega de Oeste a Leste as de Pernambuco e Sergipe, engrossa com alguns outros rios mais pequenos, e cahe no Oceano perto de Villa Nova de S. Francisco: o Paraiba, que tem o nome de Paraiba do Sul, para distinguir do Paraiba do Norte, que nasce na provincia de São-Paulo, atravessa a do Rio de Janeiro, e desemboca no Oceano formando a barra do Rio de Janeiro, o porto mais bello e mais seguro do Globo: o Rio de la Plata que fórma a junção do Uraguay com o Paraná, este que é o braço principal nasce na serra de Mantequeira na provincia de Minas-Geraes, banha a parte Meridional desta provincia, que separa de São-Paulo, das de Goyaz e Matto-Grosso, assim como o Bra-

sil da Dictadura do Paraguay, e entra emfim nos Estados Unidos do Rio de la Plata.

O Brasil era antigamente Colonia Portugueza, porém em 1808, em consequencia da invasão dos Francezes na Peninsula, D. João VI, então Principe Regente, influido pelo Gabinete Inglez, largou Lisboa, e veio estabelecer sua Côrte no Rio de Janeiro, que escolheu por capital. Depois da restauração de Portugal foi o Brasil elevado á cathegoria de Reino e denominado Reino unido de Portugal, Brasil, etc. até 1822, que tendo deixado D. João VI, já Rei, o Brasil para tornar a estabelecer sua residencia em Portugal, os Brasileiros se declarárão independentes e formárão um Imperio, escolhendo por chefe ao Sr. D. Pedro I, filho primogenito de ElRei D. João VI. Até então dividião-se as vastas regiões do Brasil em Capitanias-Geraes, mas depois tendo-se declarado Imperio independente, regulou sua divisão em Provincias e Comarcas, as quaes em 1829 constavão exactamente do seguinte:

NOMES DAS PROVINCIAS E COMARCAS.

RIO DE JANEIRO.

Cabeças de Comarca, Cidades e Villas notaveis.

Rio de Janeiro *(S. Sebastião)* *Boa-Vis-*

ta, Santa-Cruz, Botafogo, Macacú, Magé, Mandioca, Marica, Cabo-Frio, S.-Salvador dos Campos, Cantagallo, Novo-Friburgo, Angra dos Reis (Ilha-Grande), Marambaya, etc., etc.

SÃO-PAULO.

Comarcas de S. Paulo.

São-Paulo, *Santos, Villa-da-Princeza, Toubaté, Guaratinguetá, São-Sebastião, Icarehy.*

Comarca de Ytu.

Ytu, *Porto-Feliz, Sorocaba, Mugy-Mirim.*

Comarca de Paranagua e Coritiba.

Coritiba, *Paranaguá, Cannanéa, Iguapé, Castro, Guaratuba.*

SANTA-CATHARINA.

Cidade de Nossa-Senhora do Desterro, *São Francisco, Laguna, Santa Anna, São-Miguel.*

SÃO-PEDRO.

Portalegre, *Rio-Pardo, Rio-Grande, Estreito, Villa-Nova-da-Cachoeira, Piratinim, São-Miguel, São-Nicoláu.*

MATTO-GROSSO.

Matto-Grosso (antigamente *Villa Bel-*

la) Cuyaba, Diamantino, São-Pedro-del-Rei, Nova-Coimbra, Forte do Principe-da-Beira, Camepuan.

GOYAZ.

Comarca de Goyaz.

Goyaz (antigamente *Villa-Boa*) *Meia-Ponte, Pilar, Ouro-fino, Santa-Cruz, Santa-Ritta, Crixa,* e o *Districto dos Diamantes.*

Comarca de S. João das Duas Barras.

Natividade, *Agoaquente, Cavalcante, Conceição, Tahiras, S. José dos Tocantins, Porto-Real, S. João-da-Palma.*

MINAS-GERAES.

Comarca de Ouro-Preto.

Cidade de Ouro-Preto (antigamente *Villa-Rica*), *Marianna, Harbasinas, S. Bartholomeo, Santa-Barbara, Antonio-Pereira, Inficionado, Catas-Altas de Mato-Dentro.*

Comarca do Rio das Mortes.

S. João d'ElRei, *S. José, Campanha, Queluz, S. Carlos de Jacuhy.*

Comarca do Rio das Velhas.

Sabará, *Cahyte (Villa-Nova da Rainha), Pitanguy.*

Comarca de Paracatu.

Paracatu *(do Principe)*, *S.-Romão*, *S. Domingos-do-Araxá.*

Comarca do Rio de S.-Francisco.

Rio grande *(Rio S.-Francisco das Chagas)*, *Piláo-Arcado*, *Campo Largo.*

Comarca do Serro-Frio.

Villa do Principe, *Fanado*, *Agoa-Suja*, *Barra do Rio-das-Velhas*, *o Districto Diamantino com Tijuco.*

ESPIRITO-SANTO.

Victoria *(Cidade da Victoria)*, *Itapermirim*, *Guarapaty*, *Almeida*, *Villa Velha do Espirito-Santo.*

BAHIA.

Comarca da Bahia.

Bahia *(S. Salvador)*, *Cachoeira*, *Maragogipe*, *Nazareth*, *Sant-Amaro*, *Itapicurú*, *Iguaripe*, *Ilha de Taparica*, *ou Itaparica.*

Comarca da Jacobina.

Jacobina, *Villa de Contas*, *Villa-Nova do Principe*, *Joazeiro.*

Comarca dos Ilhéos.

S. Jorge *(Ilhéos)*, *Olivença*, *Camamú.*

Comarca de Porto-seguro.

Porto-Seguro, *Santa-Cruz*, *Caravellas*, *Leopoldina*, *Belmonte*, *S. Matheus*, *Villa-Viçosa*, *Alcobaça*.

SERGIPE.

Sergipe *(Cidade de S. Christovão)*, *Estancia*, *Lagarto*, *Villa-Nova de S. Francisco*, *Propiha*.

ALAGOAS.

Alagoas, *Maceió*, *Penedo*, *Collegio*, *Atalaya*, *Porto-Calvo*.

PERNAMBUCO.

Comarca do Recife.

Pernambuco *(Cidade do Recife)*, *Santo-Antonio de Cabo S. Agostinho*, *Sorinhem (d'antes Villa-Formosa)*, *Apojuca*.

Comarca de Olinda.

Olinda, *Gonnisa*, *Pasmodo*, *Iguarassu*, *Limoeiro*, *Pão-d'Alho*, *Ilha d'Itamaraca*.

Comarca do Sertão.

Symbres *(d'antes Ororaba)*, *Santa Maria*, *Flores*, *Guarahey*, *Pambú*.

PARAHIBA.

Parahiba *(Cidade da) Montemor, Villa-Real, Pillar do Taypú, Pombal.*

RIO-GRANDE.

Natal *(Cidade do Natal), Villa-Nova da Princeza, Portalegre, Estremôz, Ilha de Fernando de Noronha.*

CEARÁ.

Comarca do Ceará.

Ceará *(Cidade da Fortaleza), Aracaty, Granja, Sobral, Villa-Viçosa.*

Comarca do Crato.
Crato, *Yeó, S. João do Principe.*

PIAUHY.

Oeiras, *Parnahiba, Piraraca, Poti, Jeromenha, Pernanguá.*

MARANHÃO.

Maranhão, *(Cidade de S. Luiz do) Hycatú, Caehias, Itapicuru-Grande, Guimarães, Alcantara, Lumiar, Tutoya.*

PARÁ.

Comarca do Pará.

Pará *(Santa Maria de Belem) Villa-Viçosa, Santarem, Garupa, Souzel, Obidos, Macapa, Gurupi, Collares, Ourem, Melgaço, Pombal, Alter do Chão, Pinhel.*

Comarca de Marajó.

Villa de Monforte, *Chaves, Soure, Salvaterra, Monçarás.*

Comarca do Rio-Negro.

Barra do Rio-Negro, *Barcellos, Thomar, Moira, Olivença (d'antes S. Paulo) Borba, Serpa, Silves.*

O Imperio do Brasil possue varias Cidades importantes, entre ellas faremos menção de algumas mais notaveis, a saber: A Cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio, denominada antigamente pelos *Tupinambas Guenobara*, situada sobre uma grande bahia, formando um dos melhores portos da America, defendido por varias fortalezas: exceptuando os bairros da cidade velha, é bella e grandiosa, com ruas espaçosas e alinhadas, varios passeios, e ornada de praças publicas, com edificios bem construidos, sendo alguns de granito. D'entre elles os mais importantes são: o Palacio Imperial, que consta

de tres edificios separados, communicando-se entre elles por galerias cobertas; o Paço Episcopal; a Casa da Moeda; o Arsenal do Exercito, e o da Marinha, o Trem, e a Alfandega; a Sé, junto da qual se acha a Capella Imperial; a Igreja de Nossa Senhora das Candeias; a Capella de S. Pedro, a de Santa-Cruz; o Theatro de S. João, onde se representa a opera Italiana; o Convento dos Benedictinos; e o Aqueducto da Carioca concluido em 1740, imitação do de Lisboa, com perto de meia legua de comprimento, e ainda que inferior, todavia é o melhor da America. A Cidade tem varias praças notaveis; o Largo do Paço onde está o Palacio Imperial, que dá sobre a bahia, aformoseado com um bello chafariz; a praça do Rocio; a praça do Pelourinho, chamada d'antes do Capim; a praça de S. Domingos; e emfim o Campo de Santa Anna, praça immensa, ornada de um excellente chafariz, que depois de inteiramente concluida, se póde considerar a melhor do Mundo.

Em 1808 foi que os Brasileiros principiárão varios estabelecimentos scientificos e litterarios, que ... ampliado, com os annos, e ultimamente ainda acabão de formar novos de que carecião; a saber: a Escola de Medicina e Cirurgia annexa ao Hospital Militar; a Escola das Bellas-Artes, e a de Pilotagem; o Seminario de S.

Joaquim; o Lyceu de S. João; a Escola Militar, a de Direito, a de Historia-Natural; a Aula do Commercio; a Universidade; a Bibliotheca Imperial; o Gabinete de Mineralogia; e fóra da Cidade o Jardim Botanico: tambem conta varias Imprensas, onde se publica entre outros periodicos alguns de instrucção para o povo.

Além do que é Cidade de muito commercio, tanto para fóra do Imperio onde figura como uma das praças as mais commerciantes do Mundo, como para o interior do paiz, tendo varios mercados muito abundantes. Os arredores da Cidade produzem entre muitas outras cousas Chá, Canella, Café, etc.: seus suburbios são deliciosos e pittorescos, com vegetação muito variada e productiva; os mais notaveis são Boa-vista, Botafogo, Porto da Estrella, São-Christovão, Santa-Cruz, Macacú e Cabo-Frio: sua população calcula-se em 150,000 habitantes.

Bahia ou São-Salvador, cabeça de Comarca da Provincia da Bahia, edificada em parte sobre uma alta montanha, e outra parte dá sobre a grandiosa bahia de Todos os Santos, que fórma um dos melhores portos da America. A Cidade alta é muito alegre, tem melhores edificios do que a baixa onde habita a gente pobre: possue a Igreja dos Jesuitas, que serve de

Sé; o Palacio do Governador; a Casa da Camara; a Relação; o Paço Archiepiscopal; o Hospital Militar; a Escola de Cirurgia; e os Conventos e Igrejas dos Franciscanos, Carmelitas, e Benedictinos: na Cidade baixa estão a Igreja da Conceição, a Nova Praça do Commercio, o Arsenal da Marinha, o melhor do Brasil, e a Alfandega.

A Bahia, que até 1763 foi capital do Brasil, é a primeira praça forte do Imperio fortificada pelos Hollandezes, cuja parte mais importante é o Forte do Mar, construido sobre um rochedo isolado da Bahia, que defende a barra e a Cidade; conta varios estabelecimentos, como são a Escola de Cirurgia, o Gymnasio, o Seminario, e a Bibliotheca: tem um grande Theatro e um excellente passeio publico: seus contornos ou arrabaldes, a que os naturaes chamão o Reconcavo, são muito agradaveis e povoados; calcula-se sua população em 120,000 habitantes.

Pernambuco, ou a Cidade do Recife, cabeça de Comarca da Provincia de Pernambuco, póde considerar-se dividida em tres partes, a saber: Recife, edificada sobre uma pequena peninsula ao Sul da Cidade de Olinda, é a parte mais importante; alli se acha a Alfandega, a Intendencia da Marinha, e o Estaleiro: Santo-Antonio, pequena Ilha formada por dous

braços do Rio Capibaribe, que communica com o Recife por meio de uma ponte quasi toda de pedra, onde se achão, a Thesouraria, o Palacio do Governador, o Theatro e o Mercado: e emfim a Boa-Vista no Continente, que communica com a Ilha por meio de uma ponte de madeira. E' bem fortificada pela parte do mar, com um bello porto, e conta uma população de 60,000 almas.

Olinda, hoje decahida, acha-se na dependencia desta Cidade, mas ainda é hoje notavel pela sua Sé, Jardim Botanico, um Seminario, e uma Escola de Direito; conta 7,000 habitantes.

Maranhão (S.-Luiz do) situada na costa Occidental da Ilha do Maranhão, entre o Rio S.-Francisco ao Norte, e o Rio Bocanga ao Sul; seu porto, apesar de muito difficil na entrada, é muito frequentado, e portanto seu commercio muito florescente. A Cidade no interior conta varios edificios, o Palacio do Governador, outr'ora Collegio dos Jesuitas, a Casa da Camara, a Cadeia, algumas Igrejas, e o Paço do Bispo. Calcula-se sua população em 30,000 habitantes.

Pará, Cidade situada na margem direita do Rio Pará, onde se unem as aguas do Guama com as daquelle Rio, sobre a bahia Guajará: é bella e bem edificada, conta entre outros edificios a Sé, o Pala-

cio do Governador, antigamente Collegio dos Jesuitas, o Paço Episcopal, e o Arsenal; seu porto é espaçoso, seu terreno fertil, seu commercio florescente: calcula-se sua população em 20,000 habitantes. Estas são as cinco Cidades mais importantes do Brasil, além das quaes tem muitas outras menos notaveis, como Parahiba, Alagoas, Porto-Seguro, e outras que não mencionaremos.

Possessões dos Europeus na America.

Os Suecos possuem S.-Bartholomeu (uma das Antilhas), Ilha de Santa-Cruz, S.-Thomé, etc. (Antilhas).

Os Hollandezes possuem Ilha de S. Martinho, S.-Eustachio, Coração, Guiana, etc.

Os Francezes possuem as Ilhas de S.-Pedro, de Miquelon, Desiderada, Guadalupe, As Sanctas, Maria-Galante, Guyana, Cayenna, e a Martinica, cuja capital é Le Fort Royal.

A Ilha de S.-Domingos, que tambem outr'ora lhes pertencia, fórma presentemente um Estado independente, chamado Republica d'Haiti; capital, Port-au-Prince. Presentemente acha-se alli proclamado Folouque 1.º Imperador d'Haiti, que está em guerra com uma parte da Ilha que se submetteu aos Hespanhoes.

Os Hespanhoes possuem as Ilhas de Cuba, capital Havana; e Porto Rico, capital S.-João, etc.

Os Inglezes possuem Groenlandia, Nova-Bretanha, Terra-Nova, uma parte do Canadá, Ilhas Bermudas, de Bahamá, Jamaica, as Virgens, Anguilla, Barbada, S.-Christovão, Antigoa, Mont-Serrat, Dominica, Santa-Luzia, Granadilhas, Granada, Tabago, Trindade (Antilhas grandes e pequenas).

OCEANIA, *ou Nova-Hollanda.*

A Oceania ou Nova-Hollanda, compõe-se das Ilhas espalhadas em o Grande-Oceano entre as costas orientaes da Asia e Occidentaes da America; tambem se chama Mundo novissimo, e tem ao Norte o Grande Archipelago Oceanico, ao Oeste o Oceano Indico, ao Sul o Oceano Austral, e a Leste o Oceano pacífico. Ha poucos annos a esta parte, é que os Europeus olhárão com attenção para a Nova-Hollanda, que ainda não é de todo conhecida. Calcula-se em 20,000,000 de habitantes a sua população. Os indigenas desta Ilha são rudes e ignorantes: são de estatura menos de mediana, mal feitos, de côr escura, etc.: diz-se que não tem idéa de Deus, nem de Religião, formando-a, porém, ainda que confusa, d'um estado futuro. Vivem sem

casa, e sem vestidos, e sustentão-se de peixe, hervas, e raizes. Fórma a quinta parte do Mundo.

O Paiz conhecido divide-se em quatro partes principaes, a saber: Oceania Oriental, ou Polynesia; Oceania Boreal, ou Micronesia; Oceania Occidental, ou Malasia; e Oceania Austral, ou Melanesia.

A Polynesia comprehende a Nova-Caledonia, ou Archipelagos do Espirito-Santo, ou Novas-Hebridas, de Fidji, dos Amigos, dos Navegantes, de Roggewein, da Sociedade, de Mendanha, ou das Marquezas, do Mar-Bravo, Perigoso, etc. A Nova-Zelandia, que se compõe de duas grandes Ilhas separadas pelo estreito de Cook.

A Micronesia encerra a Nova-Guiné, Archipelagos da Nova-Bretanha, de Salomão, Carolinas, e Mariannas, ou dos Ladrões, das Mulgravas, de Sandwich, etc.

A Malesia, ou Notasia contém as Ilhas de Sumatra, Banka, Bornêo, Célebes, Archipelago das Filippinas, e das Molucas; Java, Sumbawa, Flores, Solôr, e Timôr, etc.

A Melanesia, ou Australia, compõe-se do Continente da Nova-Hollanda, e de varias Ilhas. Paiz immenso, pouco conhecido nas Costas, e inteiramente desconhecido no interior. E' habitado por varias Tribes Selvagens, e Pagans.

Todos os naturaes das Ilhas do Mar

Pacifico são rudes, e Idolatras, uns menos barbaros, e feroces do que outros: os que o são no ultimo ponto não só fazem sacrificios de carne humana, mas são anthropóphagos, e vivem em Selvagens: aquelles que são mais civilisados, como os naturaes das Ilhas Pelew, são delicados em seus sentimentos, e benignos; vivem em Monarchias despoticas, ou absolutas. O Christianismo tambem é seguido onde tem apparecido os Europeus, todavia a Religião a mais dominante é o Paganismo.

Possessões dos Europeus na Oceania.

Os Hollandezes possuem as Ilhas de Java, capital Batavia; Celebes, e Ternate, Macassar, Amboina, Bauda, etc. nas Molucas.

Os Portuguezes possuem as Ilhas de Solôr e Timôr, capital, Delli.

Os Hespanhoes possuem o Archipelago das Filippinas. Luçon é a maior, cuja capital é Manilha.

Os Inglezes possuem Nova-Galles do Sul, capital, Sidney, no porto de Jakson ao norte de Botany-Bay, na Costa Oriental da Nova-Hollanda, para onde transportão os criminosos, condemnados em Inglaterra a degredo por toda a vida. Tambem possuem a Ilha de Van-Diemen, capital Hobart-Town.

SUMMARIO

DA

HISTORIA UNIVERSAL.

A historia universal abrange a historia de todos os povos do Mundo, quando a historia particular só diz respeito a um Reino ou Estado separado. Os historiadores dividem-na em tres partes: historia antiga, historia da idade média, e historia moderna.

Começa a historia antiga com a creação do Mundo, 4004 annos antes da vinda de Jesus Christo, e acabando na destruição do Imperio Romano do Occidente no anno de 476 depois de Jesus Christo. A historia da idade média principia quando foi destruido o Imperio Romano do Occidente, acabando na tomada de Constantinopla pelos Turcos no anno de 1453. E finalmente a historia moderna começa quando os Turcos tomárão a Cidade de Constantinopla até ao presente; sendo a historia contemporanea a dos nossos dias.

Na historia antiga os povos mais celebres e de maior nomeada são os Hebreus,

de que já fallámos em particular na historia sagrada, os Egypcios, os Assyrios, os Persas, os Gregos, e sobre tudo os Romanos.

Os Egypcios passão por ter formado e constituido, pouco depois do diluvio, a mais antiga Monarchia do Mundo.

A historia dos Assyrios, perdendo-se na escura antiguidade, é tão confusa e obscura como a do Egypto. Nemrod ou Belo foi o fundador deste Imperio. Mais tarde, tendo sido destruido, das ruinas delle surgírão tres Reinos; o dos Medes, o dos Babylonios, e o dos Ninivitas, que Cyro juntou ao Imperio dos Persas, o qual antes delle acha-se tambem envolvido em densas trevas. Cyro é considerado na historia como fundador da Monarchia dos Persas. Cambyses seu filho juntou o Egypto ao seu grande e vasto imperio. Todavia Alexandre o Grande, Rei de Macedonia, tendo vencido a Dario, os Gregos se assenhoreárão da Persia.

A Grecia compunha-se de varios Estados independentes, os quaes erão parte Monarchicos, parte Republicanos. A historia dos tempos antigos destes povos é quasi toda fabulosa, contendo ficções misturadas de verdade, que muito desfigurão aquelles povos, os quaes todavia são tidos e conhecidos como heroicos e bellicosos. Os principaes Estados da Grecia erão os

Athenienses, Lacedemonios ou Spartanos, Córinthos, Macedonios, Thebanos, e outros mais inferiores e de menos nomeada. Contão um grande numero de heroes, já nos combates e em grandes feitos, já na litteratura, sciencias, e artes, tendo a maior parte sido modelos que todos os seculos tem procurado imitar.

Como os Romanos formárão um povo conquistador, estando assim em contacto com todo o resto do Mundo conhecido naquella epoca, resumiremos aqui em poucas palavras a sua historia. A origem dos Romanos, segundo a opinião geralmente seguida, não obstante todas as fabulas em que está envolvida, é que Romulo e Remo, filhos de Rhea Sylvia, fundárão Roma nas margens do Tibre, 753 annos antes da vinda de Jesus Christo, acoitando dentro do recinto de seus muros quantos vagabundos e malfeitores procuravão alli asylo. Com o tempo Romulo, tendo morto a seu irmão Remo, se declarou rei de Roma. A Romulo succedêrão seis reis, sendo Lucio Tarquinio expulso por uma revolução popular, originada pela violação que seu filho exerceu sobre Lucrecia, mulher de Collatino. A realeza entre os Romanos durou 244 annos. Seguiu-se-lhe a Republica, exercendo o poder dous Magistrados chamados Consules que erão nomeados annualmen-

te; os primeiros forão Lucio Junio Bruto e Collatino marido de Lucrecia. A Republica durou cinco seculos, sempre governada por dous Consules annuaes, á excepção de casos imprevistos e urgentes, em que era então nomeado pelo Senado um Dictador com poderes illimitados.

A Republica, tendo-se viciado e desmoralisado, foi a final substituida pelo Imperio. Octavio, que depois recebeu o nome de Augusto, foi o primeiro Imperador de Roma, e o governo tornou-se então Monarchico-absoluto. A esta epoca erão os Romanos pelas suas conquistas senhores do Mundo conhecido. Foi durante o reinado do Imperador Cesar Augusto que nasceu Jesus Christo, o Messias promettido, descendo á terra a remir o peccado do primeiro homem, e salvar o genero humano do poder de Satan. Tendo prégado a sua doutrina sublime, estabeleceu com o seu Sancto Evangelho a Religião Christãa, que propagárão os seus Apostolos e discipulos por todo o Mundo. Todavia, com o tempo as guerras civis, e o luxo de uma grande parte dos successores de Augusto contribuírão para a quéda do Imperio Romano, chamando-se aos doze primeiros Imperadores os doze Cesares. Mais tarde, Constantino o Grande, mudou no anno 330 a séde do Imperio Romano para Bysancia, que depois foi

chamada Constantinopla por causa do nome do dito Imperador.

O Imperio Romano, depois da morte de Constantino, foi dividido em Imperio do Occidente e Imperio do Oriente. Honorio foi reconhecido Imperador do Occidente, o qual se compunha da Italia, da Gallia, da Hespanha, da Bretanha, e da Africa, sendo Roma a capital: Arcadio foi nomeado Imperador do Oriente, o qual se compunha da Grecia, Asia Menor, Syria, Egypto, guardando por capital Constantinopla.

Depois que esta separação teve lugar, o Imperio decahiu rapidamente. Povos barbaros sahidos do Norte da Europa atacárão o Imperio por diversos pontos. Os Francos assenhoreárão-se da Gallia; os Vandalos invadírão a Hespanha, e dalli passárão á Africa; os Hunos, commandados por Attila, denominado o flagello de Deus, sahidos das fronteiras da China e da Tartaria devastárão a maior parte do Imperio do Occidente; os Godos, largando as margens do Baltico, e divididos em Visigodos ou Godos Occidentaes, e Ostrogodos ou Godos Orientaes, invadírão os primeiros a Gallia e a Hespanha, e os segundos a Italia.

O Imperio do Occidente acabou em 476 depois de Jesus Christo, na pessoa de Augustulo. O Imperio do Oriente subsistiu,

ainda que fraco, até o anno de 1453, em que Constantinopla foi tomada pelos Turcos.

Os differentes Estados da Europa forão-se formando pouco a pouco desde a invasão dos barbaros, pela decadencia do Imperio Romano.

Tendo feito os Romanos um desembarque nas Ilhas Britannicas 60 annos antes da vinda de Jesus Christo, estabelecêrão alli o seu dominio, que conservárão até o anno 443 em que forão obrigados a retirar-se. Muitos Principes dividírão entre si o imperio; mas não podendo concordar-se entre elles, e achando-se expostos além disso a duas poderosas nações inimigas, os Pictos e os Escocezes, escolhêrão para Rei a Vortiger, o qual para tornar-se mais forte chamou em seu auxilio os Inglezes Saxões, cerca do anno 449. Estes, recem-chegados brevemente, assenhoreárão-se do paiz, e fundárão naquella Ilha sete Reinos diversos, porém pouco depois os Saxões do Occidente prevalecêrão sobre os demais debaixo do commando de Egbert, que foi o primeiro Rei de Inglaterra, e reinou no oitavo seculo. Forão-se succedendo varios Reis, até que em 1649 houve uma espantosa revolução que estabeleceu o governo Republicano, e durou mais de 60 annos, o qual foi substituido pelo governo Representativo, chamando ao throno a Casa de Hanover, que

ainda hoje reina sobre os tres Reinos unidos ou a Gran-Bretanha, pois que em 1172 Henrique II conquistou a Irlanda, que tinha sido governada até alli por seus proprios Monarchas, e em 1603 Jacques VI herdou a corôa da Escocia, que tambem formava Reino separado.

O throno de França foi occupado por tres raças, ou familias reaes que cingirão a corôa. A primeira chamada dos Merovingianos, principiou por Pharamond, fundador da Monarchia em 420 depois de J. C., e acabou em Childeric III, conta-se 21 reis desta raça: a segunda raça chamada dos Carlovingianos, principiou por Pepino o breve, e acabou em Luiz V, conta-se 14 reis desta raça: a terceira chamada dos Capetianos, principiou em Huges Capet, Duque de França, que foi acclamado Rei pela Assembléa Geral dos Estados da nação, conta-se 35 reis desta raça. Entre estes Henrique IV, chefe da Casa Bourbon, e Luiz XIV forão os mais insignes. Em 1790 no reinado de Luiz XVI houve uma grande revolução que não só extinguiu a Monarchia, estabelecendo a Republica que durou 15 annos, mas transtornou as bases da Sociedade; seguiu-se deste cataclysmo que Napoleão, afamado general, foi acclamado Imperador dos Francezes. Depois de ter praticado os maiores feitos militares até então

desconhecidos, foi deposto pelas nações colligadas, voltando a França a ser governada pelo successor de seus reis, Luiz XVIII, que lhe deu uma Carta constitucional. Em 1830 outra revolução expulsou a Casa reinante e acclamou Luiz Filippe, o qual tambem foi expulso em 1848 por nova revolução que declarou a França novamente Republicana.

Os Hespanhoes fazem subir a sua origem a Tubal, quinto filho de Japhet e neto de Noé. Os Phenicios, os Carthaginenses, os Romanos, os Vandalos, os Suecos e Alanos dominárão a Hespanha; porém os Godos, que vierão alli estabelecer-se pelos annos 414 debaixo do commando de Ataulfe, successor de Alaric, fundamentárão a Monarchia Hespanhola. No anno 713 os Sarracenos ou Mouros conquistárão a Hespanha, que dividírão entre si em pequenos Estados. Forão pouco a pouco reunindo-se uns aos outros, ou por herança ou por conquista, até que a final não havendo já senão dous Reinos, Aragão e Castella, forão unidos em 1479 pelo casamento de D. Fernando V de Aragão, com D. Isabel de Castella. Assim ficou a Hespanha debaixo de um só sceptro e governada pelos descendentes desse matrimonio, que se tem succedido no throno cingido a corôa de Reis: desde 1833 rege-se pelo governo representativo.

Hali, sultão que commandava o exercito dos Mouros em Africa, tendo resolvido passar á Hespanha afim de alli novamente restabelecer a sua nação que havia sido expulsa, Affonso VI Rei de Castella, não se julgando bastante forte para oppor-se-lhe, pediu soccorro á França. Varios Principes vierão á Hespanha, entre elles Henriques da Casa de Lorrena, cerca do anno 1081. Hali foi batido e expulso. Então Henriques desposou uma filha de Affonso, e teve por dote as terras que os Christãos possuião em Portugal, chamada Lusitania. Seu filho Affonso, primeiro Rei de Portugal, foi acclamado pelas tropas victoriosas. Desde então foi sempre governado pelos seus proprios Reis, como Reino independente, excepto desde 1580 em que foi usurpado e unido á Hespanha até 1640, em que por uma revolução regeneradora saccudiu o jugo Hespanhol, acclamando por seu Rei a D. João IV, legitimo successor de seus antepassados. Em 1826 D. Pedro IV outorgou uma Carta constitucional.

Os Dinamarquezes e Suecos põem um grande numero de Reis nas suas historias particulares, todavia aquella numerosa serie, não tendo datas certas e podendo acreditarem-se fabulosas, não se póde principiar a mencioná-los senão no VIII seculo. Carlos II, que reinou cerca de 1700,

foi um dos seus Reis de maior nomeada, já como capitão insigne, já como grande Monarcha.

A Allemanha dividiu-se em pequenos Estados, e assim foi governada durante alguns seculos. Tendo formado uma especie de Confederação em 888, o seu chefe era electivo com o titulo de Imperador, representando o Imperio Romano no Occidente. Estes Estados pequenos, cujos principaes são Saxonia, Baviera, Hanover, Wurtemberg, etc. hoje tem os seus governos independentes com seus Principes ou Reis particulares. Todavia a união da Austria, Bohemia, Hungria, Lombardia, etc., forma hoje o Imperio Austriaco, que é uma das grandes potencias da Europa. O Imperador reinante é descendente dos antigos Duques d'Austria.

Foi em Mansfeld, nos Estados Allemães, que nasceu Luthero, o reformador da Religião Christãa, prégou a sua reforma pelos annos de 1500, e escreveu muitas obras contra o Papa a favor da Religião que pretendia reformar. Tendo feito muitos acolythos e proselytos, que abraçárão estas recentes doutrinas que prégava, mais tarde se chamou á nova interpretação que elle deu ao Evangelho, e aos ritos e preceitos que estabeleceu, a Religião Protestante, que varios povos, cathechizados já por elle, já pelos discipulos que

creára, abraçárão avidamente como novidade. A Religião Protestante é presentemente seguida e observada por varias nações e por muitos habitantes de outras, onde domina e reina a Religião Catholica Romana. Os Lutheranos tem o nome de Protestantes, por causa do solemne protesto que o Marquez de Brandeburgo e outros Principes da Allemanha fizerão contra um Decreto da Dieta de Spira, que lhes era pouco favoravel, cerca do anno 1529.

A Hungria constituiu se em Reino no anno 1000, depois veio a ser Provincia do Imperio Turco em 1541, e passou em 1687 a pertencer á Casa d'Austria.

A Hollanda e Belgica, pela quéda do Imperio Romano, dividírão-se em pequenos Estados governados por varios chefes dos povos oriundos do Norte. No anno 1579 a Hollanda formou-se em Republica, cujo Presidente se intitulava Stadtholder, hoje é Reino e governo representativo.

Quanto á Belgica, os diversos pequenos Estados reunírão-se em um só em 1433; em 1523 Carlos V, Imperador de Allemanha e Rei de Hespanha, a constituiu em um dos circulos da Confederação do Imperio; depois veio a pertencer á Hollanda. Presentemente fórma um Reino independente representativo.

No anno 1525 Alberto Margrave de Brandeburgo, tendo alcançado grandes vi-

ctorias sobre os Sarracenos na Terra Sancta, algum tempo depois das guerras das Cruzadas, na volta, á frente dos Cavalleiros Teutonicos de que era Gran-Mestre, conquistou a Prussia, e se assenhoreou della.

Chamão-se guerras das Cruzadas as invasões que fazião os Principes da Christandade na Terra Sancta, pelejando contra os Musulmanos para livrarem e libertarem o Sancto Sepulchro de Jerusalem: a primeira teve lugar em 1095 commandada por Godofredo de Bouillon, e a ultima em 1270 commandada por S. Luiz Rei de França: houverão outras parciaes de Principes e Cavalleiros sem se abalarem as nações inteiras. Destas guerras nascêrão varias Ordens de Cavallaria.

Mais tarde, em 1700, Frederico III, tendo conquistado varios Estados circumvisinhos, foi reconhecido Rei da Prussia. Esta Monarchia tem augmentado em força e poder de tal modo, que é hoje uma das cinco grandes potencias da Europa.

A Suissa em 1032 fez parte do Imperio Germanico, e durante 300 annos ficou sujeita á Casa d'Austria; porém Guilherme Tell incitou o povo a uma revolta para sacudir este jugo, e desde 1648 fórma uma Republica federativa. Uma parte della ficou sempre debaixo da influencia da Prussia e Austria.

Calvino abraçou em geral os dogmas

e preceitos da Religião reformada de Luthero cerca do anno 1539, ajuntando-lhe todavia novas idéas. Prégou e escreveu as suas doutrinas, as quaes espalhou com enthusiasmo e tiverão muitos sectarios. Esta Religião, que teve origem em Genebra, tomou o nome de Calvinismo. Varias nações, e muitos habitantes de outras abraçárão estes dogmas novos, que hoje são menos seguidos, mas que naquelle seculo e seguintes causárão muitas guerras civis, chamadas as guerras da Religião, pois que uns querião que dominasse a Religião Calvinista, outros o Protestantismo, e outros que imperasse a Religião Catholica Romana. Os sectarios deste novo rito são conhecidos pelos nomes de Pretendidos Reformados, Sacramentarios, e Huguenotes.

Os povos barbaros do Norte, tendo invadido o Meio-dia da Europa em 476, apoderarão-se da Italia debaixo do commando de Odoacer, até que a final cahiu no poder de Carlos Magno, Imperador de Austria. Posteriormente constituirão-se em diversos Estados, sendo os principaes o Reino Lombardo, a Republica de Veneza, a de Genova, a qual foi depois annexada ao Piemonte formando com a Ilha da Sardenha o Reino deste nome, que existe hoje com governo representativo.

A Lombardia, formada em 571 em Reino, em 772 fez parte do novo Impe-

rio do Occidente ou Germanico. Dividiu-se mais tarde em pequenos Estados, hoje a maior parte pertencem á Casa de Austria, formando o resto o Reino do Piemonte, Ducado da Toscana, Ducado de Parma, etc. O Reino de Napoles e Sicilia, denominado das Duas Sicilias, foi fundado por Roger Guiscard em 1102, passou em 1450 a pertencer á Hespanha, e separou-se della em 1734, continuando a ser governada por seus Soberanos em Reino independente.

Os Papas datão de Sancto Pedro, que foi o primeiro depois de Jesus Christo, chefe perpetuo da Igreja Catholica. Houverão 257 Papas até á presente epoca. Ao principio os Papas não tinhão Estados, e sómente governavão o espiritual como chefes da Igreja. Carlos Magno, Rei de França e Imperador do Occidente, no seculo VIII, deu-lhes os Estados chamados da Igreja, e desde então são tambem Principes temporaes. Quando morre o que occupa a Sancta Séde, o successor é eleito por um Conclave formado de Cardeaes.

Alexandre, primeiro Principe da Russia em 1300, foi de quem succedêrão os Imperadores, e foi só debaixo de Pedro I, denominado o Grande, no seculo XVII, que principiou a Russia a figurar no Mundo, tornando-se um Imperio poderoso, e que tem ido sempre augmentando em for-

ça, continuando hoje a ser uma das principaes e influentes nações da Europa.

Lechus I vivia pelos annos 559, era Principe de Polonha, a sua descendencia reinou 150 annos, a qual tendo-se com o tempo extinguido, os Polacos elegêrão doze Duques ou Palatinos. Foi depois governada por Reis electivos; presentemente acha-se debaixo do dominio da Russia, como Provincia deste Imperio.

A Turquia formou-se com a tomada de Constantinopla pelos Turcos, povos oriundos e vindos da Asia em 1453, quando cahiu o Imperio Romano do Oriente. Ficando então elles senhores do paiz conquistado, alli se estabelecêrão e propagárão a Religião de Mahomet que seguião, continuando até ao presente a governarem-se pelos seus Imperadores, que tem o titulo de Gran-Senhor ou Gran-Sultão.

Mahomet nasceu na Mecca, foi o inventor e propagador de uma nova Religião que elle prégou, dizendo-se propheta e enviado de Deus; todavia foi perseguido pelas authoridades por causa da falsa Religião e dogmas que prégava. Fugiu então procurando salvar-se, e dá-se o nome de Hegira á sua fuga e perseguição, a qual teve lugar pelo anno 622 depois de Jesus Christo. Não obstante, á frente dos seus discipulos, e de um povo fanatico e bellicoso, propagou e estabeleceu a

sua falsa Religião, já pela sua palavra e escriptos, já pela força da espada, alcançando e ganhando varias batalhas: chama-se á collecção dos preceitos e deveres da Religião Mahometana, Coran, ou Alcorão. Mahomet, que tambem é conhecido pelo nome de Mafoma, escolheu a Cidade de Mecca para fazer edificar um Templo ou Mesquita, ao qual os sectarios da falsa Religião que elle, e depois o seu primeiro general Omar, firmou, vão em peregrinagem uma vez cada anno.

Foi deste modo que as nações hoje conhecidas no Mundo descendêrão dos povos já noticiados na historia antiga, sendo as mais notaveis, celebres, e de maior nomeada as que mencionámos neste rapido esboço.

Quanto ao novo Continente, ou America Septentrional e Meridional, foi descoberto em 1498 por Christovão Colombo, um Genovez que veio offerecer os seus serviços ao Rei de Hespanha, e povoado principalmente pelos Hespanhoes, Portuguezes, Inglezes, Francezes, Hollandezes, assim como mais outros povos que formárão colonias em diversas partes das duas Americas, tendo a maior parte dos oriundos do Novo Mundo abandonado o littoral, que estes arrojados e atrevidos conquistadores invadião, internando-se no sertão.

Com o tempo, emancipando-se todas

estas colonias, tem-se tornado nações independentes; ao Norte a Confederação dos Estados unidos, colonia Ingleza, constituiu-se em Republica federativa pelos esforços patrioticos de Washington; o Mexico, colonia Hespanhola, tornou-se Republica independente: ao Sul as Republicas do Perú, Bolivia, Chili, Uraguay, colonias Hespanholas, assim como o Imperio do Brasil, que pertencia a Portugal. Não mencionamos os mais Estados pequenos por serem de menor vulto na historia, ainda que colonias de diversos povos da Europa, como, o Canadá no Norte, junto aos Estados unidos, e pertencente em outro tempo á França. Todavia varias nações ainda conservão alguns fragmentos das suas antigas e vastas colonias.

Os Portuguezes tendo descoberto a região immensa do Brasil, alli se estabelecêrão e a colonizárão, sendo governada por Capitães-generaes durante uns 300 annos; foi elevado a Reino em 1808, quando a côrte se estabeleceu no Rio de Janeiro, fazendo juntamente com Portugal uma só Monarchia. Porém em 1823 os habitantes do Brasil constituirão-se em Imperio independente e constitucional, acclamando para seu primeiro Imperador a D. Pedro I, filho de D. João VI Rei de Portugal; hoje D. Pedro II occupa o throno imperial.

TABELLA

DOS

REIS DE PORTUGAL.

DINASTIA BORGONHEZA;

PRIMEIRA EPOCA.

D. Affonso I, o Conquistador; foi Affonso Henriques acclamado Rei em Ourique, depois de ter batido e matado a cinco reis mouros em 1139; morreu em 1185, tendo nascido em 1111, e reinado 46 annos: foi casado com D. Thereza, que ficou regente de seu filho até 1128.

D. Sancho I, o Povoador; foi acclamado em Coimbra em 1185, por morte de seu pai; tendo nascido em 1154, morreu em 1211, tendo reinado 26 annos: foi casado com D. Aldonça.

D. Affonso II, o Gordo; foi acclamado em 1211, por morte de seu pai; tendo nascido em 1185, morreu em 1223, tendo reinado 12 annos: foi casado com D. Urraca.

D. Sancho II, o Capello; foi accla-

mado em 1223, por morte de seu pai; tendo nascido em 1202, morreu em 1248, tendo reinado 25 annos: foi casado com D. Mencia Lopes de Haro.

D. Affonso III, o Bolonhez; foi acclamado em 1248, por morte de seu irmão D. Sancho II; tendo nascido em 1210, morreu em 1279, tendo reinado 31 annos: foi casado primeiramente com a condessa de Bolonha, que depois repudiou por causa da successão para casar com D. Brites.

D. Diniz I, o Lavrador; foi acclamado em 1279, por morte de seu pai; tendo nascido em 1261, morreu em 1325, tendo reinado 46 annos: foi casado com D. Isabel, que depois foi canonizada Sancta.

D. Affonso IV, o Bravo; foi acclamado em 1325, por morte de seu pai; tendo nascido em 1291, morreu em 1357, tendo reinado 32 annos: foi casado com D. Brites.

D. Pedro I, o Cru, ou Justiceiro; foi acclamado em 1357, por morte de seu pai; tendo nascido em 1320, morreu em 1367, tendo reinado 10 annos: foi casado primeiramente com D. Constança, e depoi com D. Ignez de Castro.

D. Fernando I, o Formoso; foi acclamado em 1367, por morte de seu pai; tendo nascido em 1345, morreu em 1383, tendo reinado 17 annos: foi casado com D Leonor Telles.

DINASTIA AVIZENSE;

SEGUNDA EPOCA.

D. João I, de Boa Memoria; o Mestre de Aviz foi acclamado pelo povo receoso da reunião de Portugal a Castella em 1385, tendo-o depois as cortes celebradas em Coimbra eleito rei, achando-se então na governação do Estado a rainha viuva D Leonor; nasceu em 1358 de D. Pedro I e de D. Thereza Lourença, morreu em 1433, tendo reinado 48 annos: foi casado com D. Filippa.

D. Duarte I, o Eloquente; foi acclamado em 1433, por morte de seu pai; tendo nascido em 1391, morreu em 1438, tendo reinado 5 annos: foi casado com D. Leonor.

D. Affonso V, o Africano; foi acclamado em 1438, por morte de seu pai; tendo nascido em 1432, morreu em 1481, tendo reinado 43 annos: foi casado com D. Isabel.

D. João II, o Perfeito; foi acclamado em 1481, por morte de seu pai; tendo nascido em 1455, morreu em 1495, tendo reinado 14 annos: foi casado com D. Leonor.

D. Manuel I, o Afortunado; foi accla-

mado em 1495, por morte de seu avô, sendo filho do Infante D. Fernando, Duque de Viseu; tendo nascido em 1469, morreu em 1521, tendo reinado 26 annos: foi casado tres vezes: 1.º com D. Isabel; 2.º com D. Maria; 3.º com D. Leonor.

D. João III, o Piedoso; foi acclamado em 1521, por morte de seu pai; tendo nascido em 1502, morreu em 1557, tendo reinado 35 annos: foi casado com D. Catharina.

D. Sebastião I, o Desejado; foi acclamado em 1557, por morte de seu avô, sendo filho do Principe D. João; tendo nascido em 1554, morreu em 1578, na desgraçada batalha de Alcacerquivir em Africa, tendo reinado 21 annos: o Reino foi governado durante a sua menoridade, primeiramente pela sua avó, a Rainha D. Catharina, e depois pelo seu tio o Cardeal D. Henrique.

D. Henrique I, o Casto; o Cardeal Henrique foi acclamado em 1578, por causa da morte de seu sobrinho D. Sebastião, sendo filho de D. Manoel I; tendo nascido em 1512, morreu em 1580, tendo reinado $1\frac{1}{2}$ annos: a sua irresolução foi causa da escravidão, e perda da independencia de Portugal.

DINASTIA HESPANHOLA;

TERCEIRA EPOCA.

D. Filippe I, o Prudente, (2.º de Hespanha), foi acclamado e jurado Rei de Portugal em 1581, depois que o Prior do Crato, D. Antonio, foi derrotado pelo Conde d'Alba, nasceu do Imperador Carlos V em 1527, morreu em 1598, tendo reinado 18 annos: nomeou seu sobrinho o Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, seu lugar tenente quando se retirou de Lisboa para Madrid, depois de convocadas as cortes de Thomar. Foi casado primeiramente com D. Maria, filha de D. João III de Portugal, segundamente com D. Maria, filha de Henrique VIII de Inglaterra, terceiramente com D. Isabel de França, filha de Henrique II, em quartas nupcias com D. Anna, filha do Imperador Maximiliano II.

D. Filippe II, o Pio, (3.º de Hespanha), foi acclamado em 1598, por morte de seu pai, tendo nascido em 1578, morreu em 1621, tendo reinado 23 annos: veio por mar a Portugal em 1619. Foi casado com D. Margarida de Austria.

D. Filippe III, o Grande, (4.º de Hespanha), foi acclamado em 1621, por morte

de seu pai, não obstante ter já sido jurado nas Côrtes que este havia celebrado em Lisboa em 1619, tendo nascido em 1605, perdeu o throno de Portugal em 1640, tendo reinado 19 annos: governava então o reino de Portugal a Duqueza de Mantua, como regente. Foi casado primeiramente com D. Isabel de França, e segundamente com D. Maria-Anna de Austria.

DINASTIA BRIGANTINA;

QUARTA EPOCA.

D. João IV, o Restaurador. O Duque de Bragança D. João, filho do Duque de Bragança D. Theodosio, foi acclamado em 1640, e reconhecido pelas Côrtes de Lisboa; depois de Portugal se ter heroicamente libertado do jugo Castelhano; nasceu em 1604, morreu em 1656, tendo reinado 16 annos: foi casado com D. Luiza de Gusmão. Esta dinastia descende de D. Affonso, filho natural de D. João I, que desposou D. Brites, filha unica do Conde Nuno Alvares Pereira.

D. Affonso VI, o Victorioso; foi acclamado em 1656, por morte de seu pai; tendo nascido em 1643, morreu em 1683, tendo reinado 11 annos: foi casado com D. Maria Francisca Isabel de Saboia.

D. Pedro II, o Pacifico; foi acclama-

do em 1683, por morte de seu irmão, tendo já governado o reino desde 1668; nasceu em 1648, era filho de D. João IV, morreu em 1706, tendo reinado 23 annos: foi casado primeiramente com a mulher de D. Affonso VI, e depois com D. Maria Sofia de Neubourg.

D. João V, o Magnanimo; foi acclamado em 1706, por morte de seu pai, e foi jurado herdeiro da corôa em 1697; tendo nascido em 1689, morreu em 1750, tendo reinado 43 annos: foi casado com a Archiduqueza D. Marianna.

D. José I, o Reformador; foi acclamado em 1750, por morte de seu pai, tendo nascido em 1714, morreu em 1777, tendo reinado 26 annos: foi casado com D. Marianna Victoria.

D. Maria I, a Piedosa; foi acclamada em 1777, por morte de seu pai, tendo nascido em 1734, morreu em 1816, tendo reinado 39 annos: foi casada com seu tio o Infante D. Pedro, que conforme as leis fundamentaes do Reino passou a ter o titulo de D. Pedro III.

D. João VI, o Clemente; subiu ao throno em 1816, e foi acclamado em 1818, tendo já governado o reino como regente desde 1799. Era filho de D. Maria I, e nasceu em 1767, morreu em 1826, tendo reinado 10 annos: foi casado com D. Carlota Joaquina.

D. Pedro IV, o Libertador; foi acclamado em 1826, por morte de seu pai, achando-se então Imperador do Brasil; tendo nascido em 1798, morreu em 1834, tendo reinado 2 annos, pois que abdicou a corôa em sua Filha D. Maria II, tendo antes promulgado a Carta Constitucional: foi casado primeiramente com D. Carolina Josefa Leopoldina; e depois com D. Amelia Augusta.

D. Maria II, actual Soberana pela abdicação de seu Pai, foi jurada em 1826, e acclamada em 1834, depois da guerra dinastica, havendo as Côrtes então declarado-a maior aos 15 annos para tomar as redeas do governo; nasceu em 1819, e casou primeiramente com o Principe Augusto de Leuchtenberg, que morreu em 1835; irmão de S. M. I. a Duqueza de Bragança, viuva do Sr. D. Pedro IV; e depois com o Principe D. Fernando de Saxonia-Cobourg-Gotha, que pela Constituição outorgada pelo Sr. D. Pedro IV goza do titulo de rei D. Fernando II, depois que nasceu o Principe D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa.

FIM.

INDICE

DO

THESOURO DE MENINOS.

PREFACIO VII
Introducção. Da Sociedade . . . 13
PRIMEIRA PARTE: *da Moral* . . . 26
SEGUNDA PARTE: *da Virtude*. . . 123
TERCEIRA PARTE: *da Civilidade*. . 158
Poesias diversas 233
Breves Noções de Arithmetica. . . 237
Compendio da Historia Sagrada. . 257
Breves Noções de Geographia Universal 299
Summario da Historia Universal . 359
Tabella dos Reis de Portugal . . 376

N. B. Posto que neste Indice não se menciona por extenso todos os capitulos como nas edições precedentes, todavia nenhum se omittiu nesta reimpressão.

Caminhos do Romance

Brasil - Séculos XVIII e XIX

Projeto Temático FAPESP

Título: Thesouro de Meninos

Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

Outras obras em:
www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br